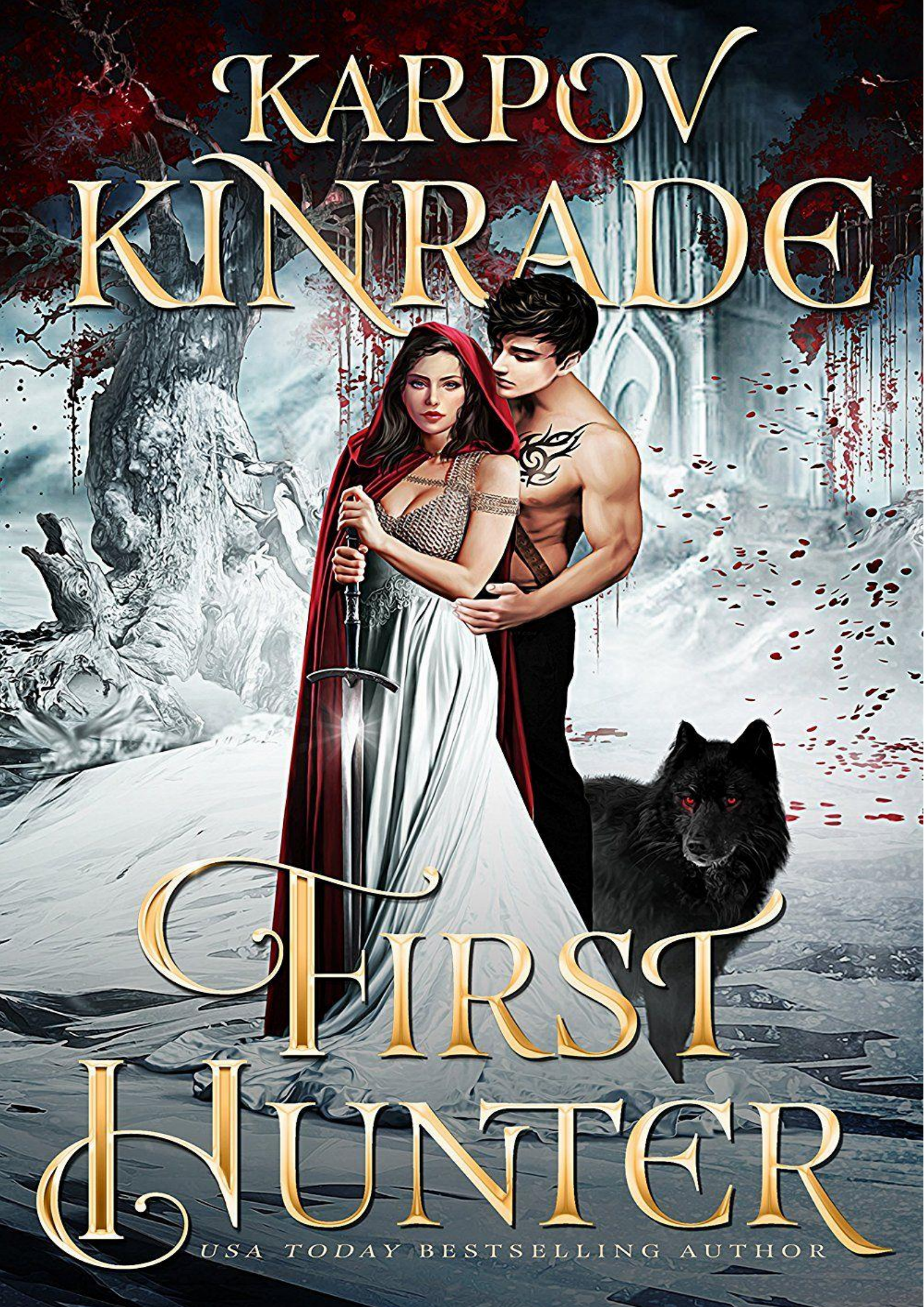

KARPOV KINRADE
FIRST HUNTER
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Cem anos se passaram em Inferna e Avakiri desde que a escuridão foi vencida. Cem anos de turbulência e batalha destinadas a forjar uma paz eterna. Agora, a Rainha e o Rei estão desaparecidos, e seu filho, Elias Vane Spero, é acusado de assassinato. À medida que os sete reinos caem no caos, um novo herói deve se erguer.

Na segunda temporada de Vampire Girl, siga Iris, uma caçadora feroz em serviço do Lótus Preto, enquanto ela se une a Elias para descobrir a verdade e impedir um novo inimigo sinistro. Pegue sua cópia agora e prepare-se para voltar a Inferna!

Eu tive um dia terrível, deixe-me dizer. Primeiro, me deparei com Elias Vane Spero, Príncipe de Inferna. Vampiro. Poderoso. Perigoso. Número um na lista de mais procurados. Meu alvo. Pelo menos ele era...

Até que um inimigo ainda maior apareceu. Um monstro de lendas que transforma a terra em gelo e o fogo em geada. O Cavaleiro Branco.

Ele está atrás de Elias. Ele precisa de seu sangue por razões que estou começando a entender. Resumindo, eu preciso detê-lo. Como Primeira Caçadora, é o meu trabalho. Claro, isso seria muito mais fácil se meus colegas caçadores não tivessem me jogado em uma masmorra. Eles acham que eu roubei a Espada do Luar, um poderoso artefato. Eu não roubei. Alguém está tentando me incriminar. Alguém quer que eu falhe.

Preciso ir até Inferna e voltar para provar que eles estão errados. Lutar com uma bruxa poderosa pelo caminho. Descobrir a identidade de quem continua mexendo comigo. Ah, e junto com Elias. O vampiro mais perigoso do mundo.

Trabalhando juntos, podemos finalmente encontrar nossa liberdade... apenas para perder nossos corações ao longo do caminho.



1

Íris

Não é como parece. Eu juro. Veja bem, embora eu possa estar amarrada a essa viga de madeira com correntes inquebráveis, e sim, embora eu esteja pendurada sobre uma panela fervendo cheia de algo que cheira pior do que o ânus de um anjo, estou no controle total. Dominação absoluta. Você entendeu a imagem. Então não se preocupe. Crianças e almas sensíveis podem ler.

Mas espere Iris, você pode estar dizendo. E aquelas três velhas, Iris?

Que gentileza sua estar preocupada.

Mas aquelas bruxas feias mexendo na panela e me temperando com pimenta não são problema. Deixe-me apresenta-las. Há Al'Kallach, a Devoradora. Então Ma'Ga'Ta, a Enganadora. E Jane a... hum, bem, não há muito a dizer sobre Jane, para ser honesta. Exceto, talvez, que sua mãe não gostava dela.

Eles se autodenominam as *Três Irmãs*, porque *Destino* já foi usado e *Trindade do Mal* tem uma marca comercial pendente. Agora eu sei o que você está pensando. Iris, onde você aprendeu tudo isso? Você não anda com esse tipo de pessoa, e tem razão, eu não ando. Eu aprendi tudo isso com elas... porque elas estão tagarelando há três horas.

Vocês achariam que elas já iam me cozinhar e acabar logo com isso, mas não... Al'Kallach diz que a panela sempre deve ser pré-aquecida a duzentos e sessenta graus, como sua mãe lhes ensinou. Caso você não saiba, estou revirando os olhos. Agora estou piscando. Rapidamente. Porque o vapor está quente e secando minha córnea.

— Jane — eu pergunto, inclinando a cabeça para ela. — Eu ouvi muito de suas irmãs, mas acho que é hora de nos concentrarmos em você agora. E vamos pular todo esse mumbo-jumbo normal que posso ver no Facebook. Quero conhecer a verdadeira Jane. Que sonhos rondam nessa cabecinha? Que segredos estão nesse coração frio?

Ela se afasta timidamente, as bochechas ficando vermelhas. — Eu? Eu não... eu não tenho nenhum segredo.

— Oh, vamos lá, Jane. Você pode me contar. Quero dizer, para quem eu vou contar, certo? — Olho para a panela fervendo cheia de pedaços de cauda de lagarto e asa de morcego.

— Oh... eu não tenho certeza.

— Vamos lá, Jane. Por favor? Isso me fará feliz. Ouvi dizer que carne feliz tem um gosto melhor.

Ela olha de lado para as irmãs e depois encolhe os ombros. — Oh, tudo bem.

Bingo.

Crones são monstros de nível cinco. Poderosos, mas não particularmente inteligentes, tornando-os muito comuns. Você pode estar se perguntando: Iris, por que uma caçadora incrível como você está atrás de três monstros comuns? Boa pergunta. Mas eu não estou aqui por causa delas. Estou aqui por outra pessoa.

Oh, Iris, quem pode ser...

Paciência, passarinho, paciência. Tudo se desenrolará com tempo.

Agora, de volta a Jane, que é tão boa em mexer no pote, quero dizer, verificar essa forma.

— Eu e Elias — diz ela com orgulho. — Nós somos um casal agora.

Huh, não era o que eu estava esperando. Eu assinto. — Ele é seu namorado?

Al'Kallach zomba. — Se Elias for seu namorado, então eu sou uma sereia.

— Cale a boca — Jane grita. — Cale a boca, sua bruxa velha. — Ela levanta a concha, borrifando ensopado quente na minha capa preta brilhante. O calor queima, mas pior, essa é a minha capa favorita.

— Não. Não — diz Ma'Ga'Ta, a Enganadora. — Vocês dois são altos demais. Elias gosta de mulher pequena. Elias gostaria de mim.

Oh, garoto, aqui vamos nós. — Senhoras, por favor, acalmem-se. Relaxem. Somos todas mulheres aqui. Não há razão para brigarmos por um homem. Estou certa? Quero dizer, não é como se Elias estivesse aqui? — Eu deixei a pergunta pairar entre elas.

Elas congelam. Jane cora. — Elias está lá em cima. — Então ela acrescenta com um sorriso atrevido. — No meu quarto.

Bingo. Eu sabia que ele estava perto, mas não tão perto. Elias é um monstro de nível dez (alguns diriam onze, mas onze não existe) e é o número um na lista de mais procurados. Quem é a melhor caçadora do mundo? Hein, hein?

Al'Kallach sussurra em fúria para a irmã, como se ela fosse ser cozida viva, exceto, oh sim, serei eu. A mandíbula de Ma'Ga'Ta cai, os olhos esbugalhados em seu rosto como bolas de boliche. Merda está prestes a atingir o proverbial ventilador e Al'Kallach está pronta para trazer dor.

Então Jane aperta o ombro das duas. — Agora lembrem-se, irmãs, o que o terapeuta disse. Somos uma equipe. E, embora às vezes possamos ficar com raiva, precisamos nos comunicar antes de recorrer a formas de violência. Porque nos amamos. Porque ninguém e nada deve ficar entre nós. Até alguém tão bonito e charmoso quanto Elias. — Ela estende a mão. — Três irmãs para sempre. — Relutantemente, Al'Kallach e Ma'Ga'Ta colocam as mãos sobre a dela. — As três agora. Um. Dois. Três. — Todas as suas vozes soam juntas. — Três irmãs para sempre! Woo!

O que…

Elas se voltam para mim. — Estou com fome — diz Ma'Ga'Ta.

— A temperatura está perfeita — Al'Kallach diz enquanto coloca o dedo na água fervente.

— Vamos conversar durante o jantar — concorda Jane.

Agora espere. Espere um segundo. Não era assim que deveria acontecer. — Por favor, boas senhoras, por favor, não me fervam viva. Eu não tenho um gosto bom, juro. Cheiro muito ruim pelo que me disseram.

Elas agarram a viga e começam a abaixá-la.

Pensando melhor.

Crianças e almas sensíveis podem querer pular a página.

***

O quê? Ainda aqui. Bem... não diga que não te avisei.

***

As crones me colocam na panela, me fervem viva e desfrutam de um bom jantar. Não é brincadeira. Mas elas não contavam com uma coisa.

Meu dom.

Eu chamo de renovação.

E é uma habilidade fodona. Ou talento, realmente, já que eu não fiz nada para aprender. Mas isso é uma história para outra hora. No momento, tudo o que você precisa saber é que a renovação, me permite... bem... renovar.

Ou reviver. Ou ressuscitar. Você entendeu a imagem.

Porém, eu sempre regenero meu corpo, então aqui estou, encostada na porta, observando as Três Irmãs devorarem o Iris especial, também conhecido como meu velho cadáver, também conhecido como nojento.

Vou deixá-las sozinhas. Porque, novamente, eu não estou aqui por elas. Estou aqui por Elias. E, embora as crones possam ser idiotas, elas são perigosas em uma luta. Foi por isso que me deixei capturar – para extrair informações delas. Tentar derrotá-las seria um grande aborrecimento e não teria garantia que fosse bem-sucedido, então guardarei minha lâmina por enquanto. O velho tio Sly ficaria orgulhoso. Cérebro antes dos músculos, ele sempre dizia. Embora ele diga algumas coisas estranhas também, então eu provavelmente não deveria me dar um tapinha nas costas ainda. De qualquer forma, é hora de partir.

Ando pelo corredor de pedra. Mais como uma caverna, realmente. Um túnel? Sim, um túnel úmido e escuro cheio de moscas zumbindo e outros insetos rastejantes. Algo estala sob minhas botas de couro preto, fazendo um som molhado de sucção. Pode ser apenas lama, mas também pode ser um cadáver em decomposição, então não vamos pensar muito sobre isso.

Então andando... andando... oh, o que temos aqui? Um festival. Uma festa. Parece que os monstros locais se reuniram para se divertir um pouco no porão das crones. Uma caverna gigante cheia de tochas e luz natural do teto aberto. Dezenas de corpos se contorcendo com um coro de tambores batendo. Havia fantasmas. E gárgulas. A dança deles é difícil de assistir, então pouparei os detalhes. Um sátiro olha para mim e pisca, depois se afasta nas pernas de bode para se juntar às ninfas moendo no canto. Ninguém mais me lança um segundo olhar. Ninguém me nota e pensa: — Oh, merda, corra, caçadora fodona por aqui.

Porque eu também sou um monstro.

Bem, meio monstro. Mas discutiremos isso mais tarde.

O importante é que pareço humana. Como uma mulher de 21 anos, diriam alguns. Mas existem monstros que parecem bem humanos. Súcubos, por exemplo. Tudo o que eles precisam fazer é encobrir as pernas peludas e os pequenos chifres e eles podem passar por um modelo de capa de revista. Então, como minhas pernas estão cobertas de couro preto e minha cabeça está escondida sob um capuz preto – perceberam uma tendência? – pareço muito um Súcubo. Talvez uma shade não seja bonita o suficiente, mas eu compenso com uma grande personalidade. Yay!

Desculpe...

Eu cresci com uma súcubo. Namorar foi... difícil... quando todo mundo era sobrenatural e, naturalmente, atraído pela sua melhor amiga. Ainda tenho alguns ressentimentos sobre isso. Eu provavelmente deveria contar ao meu terapeuta. Se eu tivesse um...

Nota: procurar um terapeuta especializado em angústia adolescente paranormal.

Agora que isso está resolvido, hora de festejar. Eu caminho até as ninfas e casualmente digo que estou tentando encontrar Jane. Talvez ela esteja no quarto dela? Oh sim. Onde? No andar de cima, pegue a terceira porta à direita. Obrigada, sátiro assustador.

Eu sigo as instruções dele e chego em um corredor sombrio que poderia realmente precisar de alguma decoração. Sério, por que pendurar uma foto do Capitão América ao lado de uma foto do Drácula? É estranho. De qualquer forma, estou sozinha aqui, a música do andar de baixo um baque quase inaudível ecoando pelo chão. Eu desembainho meus punhais gêmeos de confiança e dou um passo à

frente, uma pequena parte da minha mente preocupada com a batalha que está por vir.

Então *ele* aparece.

O destruidor de mundos. O açougueiro de exércitos. O príncipe de...

Oh, é apenas Imenath. Desculpe, eu pensei que era alguém realmente perigoso.

— Nos encontramos novamente — Imenath rosna, dando um passo à frente nas sombras atrás de mim, seu corpo inteiro coberto por uma armadura de prata que lembra um esqueleto. A cabeça dele se escondia atrás de um capacete com chifres brotando. Ele tira sua maça de espinhos gigantes e agarra com as duas mãos. — A caçadora vai prevalecer...

— Sim — eu digo.

— Ou Imenath, o Terrível, o número três na lista de mais procurados...

— Você não é mais o número três, amigo. Você nem está na lista.

— Ou — ele continua, — Imenath, o Terrível, terá sua vingança.

— Não.

— Imenath irá destruí-la, caçadora mentirosa.

Eu suspiro. Isso será tão bagunçado com minha capa. — Ei, Imenath, amigo, lembra aquela vez em que eu te capturei? Você foi para a prisão? Serviu o seu tempo? Saiu cedo por bom comportamento? — Eu dou um tapinha no ombro dele. — Você não é mais um criminoso. Não estou atrás de você.

— Eu roubei uma barra de chocolate lá de baixo. — Ele rosna. — Eu sou uma ameaça para a sociedade. Eu sou...

— Ótimo. Talvez a polícia do chocolate venha atrás de você. Eu não sei. Não é minha jurisdição. — Inclino-me conspirativamente. — Mas ouça, eu estou aqui em uma missão, ok. Coisas de alto nível. Eu preciso ficar sob o radar. E você está me entregando, cara. Só preciso de ajuda aqui.

— Imenath destruirá caçadores insignificantes! — Imenath ruge. Ele balança sua maça gigante com todas as suas forças na minha cabeça. Para alguns, como o próprio Imenath, talvez esse fosse um golpe feroz e rápido. Mas para mim, bem, é como se ele estivesse se movendo em câmera lenta.

Oh, garoto. Isso é tão embaraçoso. Eu assumi que já tinha passado de lutar contra monstros de nível quatro, mas parece que alguns nunca aprendem. Bem, acho que não há mais nada a fazer, exceto...

Eu dou um soco na cara dele. Ele voa três metros no ar, colidindo com uma janela no corredor, caindo, sua voz ecoando no vento. — Eu voltarei...

Agora que isso está resolvido, de volta à missão. Onde eu estava? Ah, sim, prestes a invadir o quarto de Jane e capturar Elias.

E novamente, desculpe por essa interrupção. Imenath e eu nos conhecemos a muito tempo. Ele costumava ser meu alvo quando eu ainda estava descobrindo como ser caçadora, seguir meu próprio caminho e tudo mais. Ele foi o meu primeiro desafio de verdade, o verdadeiro muro, se falasse em jogadores, e levou cerca de um ano para finalmente capturá-lo. Tivemos algumas boas batalhas, Imenath e eu, mas o que posso dizer, exceto... alguns de nós melhoraram na vida, outros não. Imenath foi para a prisão, eu continuei caçando, até me tornar a número um em todos os mundos. Está certo. Iris, uma garota, é a caçadora paranormal número um de todos os tempos.

Mas até eu tenho um desafio final.

E quando entro no quarto da crone e me escondo atrás de uma cadeira de pedra, lá está ele.

Elias.

Nome completo: Elias Vane Spero

Classificação: Meio Vampiro / Meio Fae

Título: Alto Príncipe de Inferna

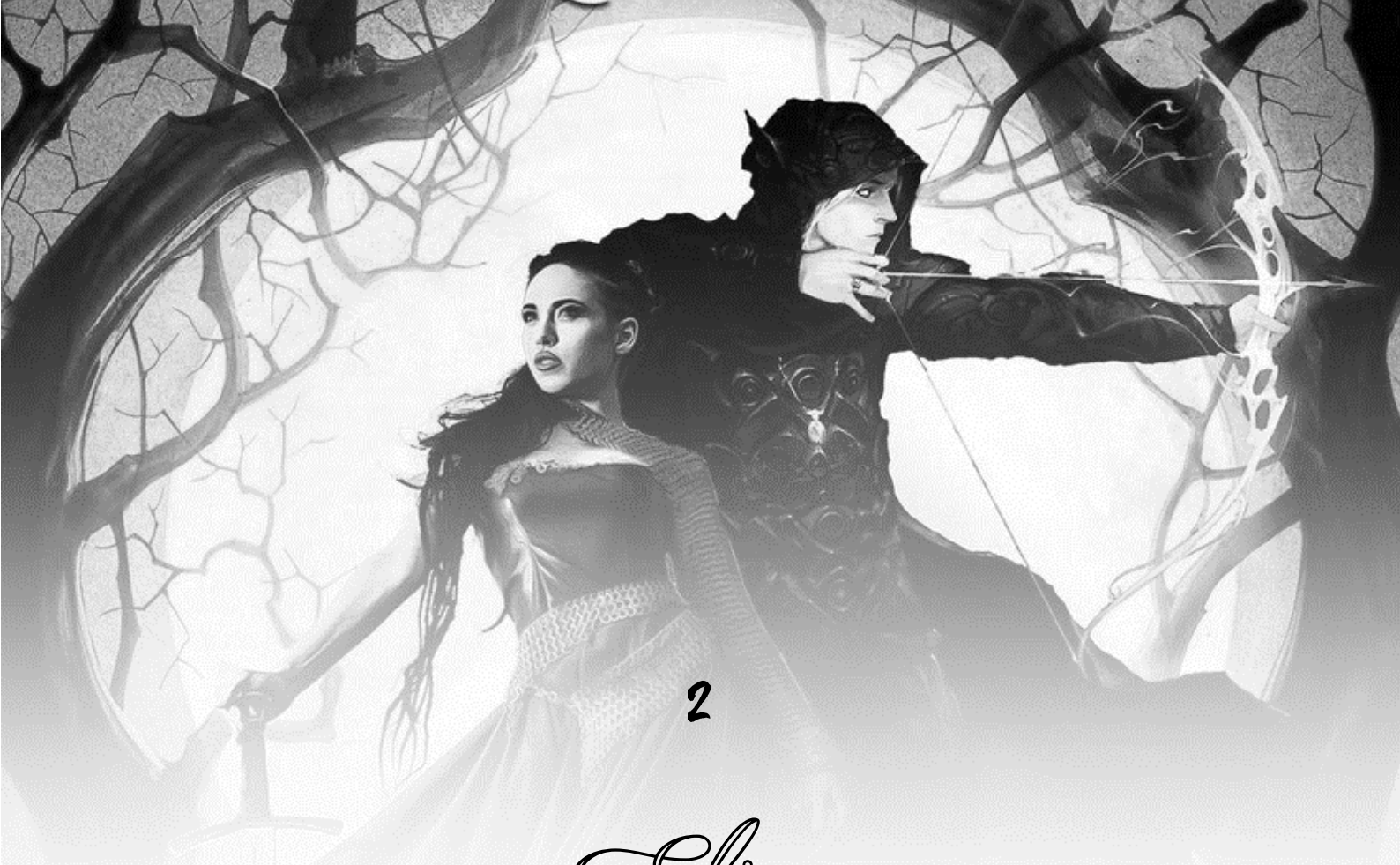
Descrição física: Um metro e oitenta de altura, todo músculos, tatuagens pretas, cabelos escuros, olhos azuis

Número um na lista de mais procurados

Procurado vivo por todo tipo de ações nefastas

Ele é o homem mais perigoso do mundo. E ele está de pé três metros à minha frente. É melhor o bastardo estar pronto.

Porque eu estou indo buscá-lo.



2

Elias

Observo da cobertura, estudando a caverna, planejando meu ataque. É um grande espaço com paredes arredondadas que se curvam, revelando um teto aberto no centro. Sob a abertura, há uma cama esculpida em pedra e coberta de peles. Estou descrevendo de uma maneira que pode parecer encantadora. Mas, na verdade, é frio, sujo e meio nojento. Existem erros. Essas peles parecem infestadas de pulgas. E quem quer dormir em uma cama de pedra sob as estrelas nas noites em que chove? Ou realmente, qualquer noite. Fale sobre reviravolta. Mas hey, cada um na sua.

Elias fica em um pedaço de pedra coberta de musgo perto da cama. Raios de luar dançavam em sua pele pálida, seus cabelos escuros flutuando ao vento leve. Ele está sem camisa, por razões que eu prefiro não imaginar... (Merda, é tarde demais. Agora eu estou vendo mentalmente ele e Jane fazendo o tango horizontal e é desagradável, pare. Nota para si mesma: arrancar o terceiro olho). Então, voltando ao vampiro seminu vestindo apenas calça preta e botas pretas enquanto caminha pela caverna em três passos fáceis. Tenho certeza de que estou

imaginando, mas a própria terra parece tremer sob seus pés. Como se a própria mãe natureza não quisesse ficar no seu caminho.

Ele está bem na minha frente, mas não pode me ver enquanto eu me agacho atrás da cadeira e coloco minhas adagas na palma da mão. Eu preciso atacar, mas...

Algo me puxa em sua direção. Me atrai para mais perto. Dizem que Elias pegou alguns truques de seu tio, o Príncipe da Luxúria, e não posso descartar essa teoria. Seus movimentos são graciosos e fortes. Seu sorriso é convidativo e perigoso. Seus olhos são penetrantes e sedutores. Se alguém não tivesse medo de parecer extravagante, poderia chamá-lo de sonhador, gostoso...

Espere um segundo... o que está acontecendo? Oh não, minhas pernas parecem gelatina. Merda, minhas mãos estão suadas, meu coração batendo mais rápido. O que está acontecendo? Eu quero pular do meu esconderijo e gritar: “me leva”, mas eu não deveria... quero dizer, não deveria, certo?

Saia disso, Iris. É apenas um poder não natural que a deixa quente e pesada. Não é real. Junte tudo. Está na hora da caça.

A atração mágica desaparece – com alguma força de vontade da minha parte – e meu foco retorna. Elias pode ter me escapado antes (vinte e uma vezes exatamente, mas quem está contando?), mas hoje... eu vou pegar o bastardo.

Espero que ele vire as costas para mim, e com certeza o faz, revelando as espirais de tatuagens negras em seu corpo musculoso. Ele caminha até a cama amarrotada no canto, claramente desgrenhada de uma noite de paixão, e pega uma jarra de prata da mesa de cabeceira, depois se serve de uma xícara de algo vermelho e bebe um líquido viscoso, manchando os lábios pálidos de um vermelho escuro...

Suas armas – uma espada e uma adaga – caem casualmente contra o lado da cama. Elas estão a dois passos do mestre, longe o suficiente para me dar vantagem. Eu espalmo a minha...

— Você pode sair — Elias diz, sua voz sombria e suave como um copo de vinho delicioso.

Eu gemo. Como ele sempre faz isso? Relutantemente, deixo meu esconderijo, punhais erguidos. — Você não tem para onde correr dessa vez — eu digo.

Ele ri tão carismático que é quase desarmante. — Minha querida Iris, você já deveria saber que não tenho intenção de fugir. Sua companhia é tão agradável,

afinal. — Ele coloca o copo de sangue no chão e caminha até uma pintura de... bem, uma crone feia, que eu só posso presumir ser a mãe de Jane, e a abre como uma porta, revelando um cofre esculpido dentro da parede de pedra. Em um instante, ele gira o mostrador, imputando a combinação adequada e destrancando o contêiner. — Ah — diz ele, os olhos brilhando. — Finalmente. — Ele alcança o cofre e puxa uma espada, mais bonita e mortal do que qualquer outra que eu já vi. Glifos antigos gravam o aço, brilhando na luz. O próprio ar se agita em torno da arma e, quando Elias passa a lâmina diante dele, parece cantar uma melodia assustadora ao vento. — A espada do luar — diz Elias suavemente.

— Então é por isso que você veio aqui.

— Sim, embora a companhia de Jane também fosse agradável. — Ele olha para a cama com um sorriso, e eu tremo quando imagens indesejadas mais uma vez enchem minha mente. (Meu truque de arrancar o terceiro olho não funcionou). Elias balança a cabeça. — Tão humano da sua parte — ele continua. — Há beleza em todas as coisas, Iris. Talvez um dia você entenda. Até uma crone pode ser uma donzela.

Suas palavras saem tão suavemente de seus lábios, tão fáceis de acreditar. Mas ele é um mentiroso. Um trapaceiro. — Você a usou — eu digo. — Para conseguir a combinação. Agora você rouba dela.

Ele volta para a cama e toma outro gole de sangue da xícara de bronze. — Prefiro pensar nisso como um arranjo. Ambas as partes se beneficiaram.

Ele está falando demais. Chega. Hora de terminar isso. — Elias Vane Spero, deite de bruços e entregue-se ao Primeiro Caçador.

Ele me ignora, estudando a espada em suas mãos. — Essa lâmina foi roubada do meu pai anos atrás — diz Elias. — Toda a minha vida procurei por isso. Não vou renunciá-la agora. Para o meu pai...

— Seu pai teria vergonha de você — cuspi. — Fenris Vane, rei de todos os vampiros, que trouxe paz à sua espécie, criou um filho que rouba, mata e zomba de seu nome.

Os olhos de Elias ficam escuros. Quando ele fala, é um rugido que abala a própria sala. — Você não sabe nada sobre minha família. Você não sabe nada sobre mim.

Ele está bravo. Bom. Isso enfraquecerá seus sentidos, o tornará mais fraco.

— Saia agora, Iris — ele diz. — Você não pode derrotar a Espada do Luar. O aço é indestrutível. O artesanato é insondável. A espada foi forjada em...

Eu pulo para frente, atacando com meus punhais enquanto ele monologa.

Elias reage em um instante, trazendo sua lâmina para encontrar a minha. Confronto de aço. Faíscas voam.

E a Espada do Luar se divide em dois.

A metade superior cai, virando pó.

— Oh — diz Elias, erguendo uma sobrancelha. — Bem, eu não esperava que isso acontecesse.

Ficamos congelados, a apenas centímetros de distância. — Talvez fosse velha — eu digo.

— Velha? — Ele estremece. — Velha? A Espada do Luar não envelhece. É uma maldita imitação.

Dou de ombros, porque, tipo, sério, eu não ligo. Então eu ataco novamente.

Ele pula para fora do caminho, aterrissando em um rolar e pulando de pé ao lado da cama, pegando sua espada e adaga. Ele tira suas armas das bainhas e as lança elegantemente pelo ar. — Assim como da última vez, então.

Ele se lança.

Eu paro. — Você pode ter escapado de mim antes...

— Vinte e uma vezes, para ser exato — ele encolhe os ombros, — mas quem está contando?

Eu literalmente rosno enquanto luto para trás, cuspe voando da minha boca.

— Eca. Isso é nojento — Elias interrompe meus golpes enquanto se afasta para trás, evitando o catarro voador. — Essa é uma tática nova? Devo dizer que está funcionando.

Ele passa por mim, sua adaga cortando a ponta do meu ombro. O corte machuca meu orgulho mais do que meu corpo.

— Você está desleixada hoje — diz Elias. — Foi algo que você comeu? Uma dor de barriga?

Minha adaga acerta seu antebraço, tirando sangue. — Estou me sentindo bem, muito obrigada. — Eu ataquei novamente, rasgando um buraco em sua calça.

— Agora, agora, Iris — brinca com Elias. — Eu não acho que estamos nessa fase do nosso relacionamento. Mas se você estiver disposta...

Eu tiro a adaga da mão dele, deixando-o apenas com uma espada. — Eu não namoro criminosos — eu digo.

Ele sorri. — Quem disse algo sobre namoro?

Trocamos golpes. Nós dois um pouco mais desajeitados do que antes. Nossas mãos agora estão cobertas de suor. Nossa respiração se torna mais difícil. Nós gememos e rugimos enquanto lutamos.

Elias corta uma faixa fina no meu pescoço, desenhando uma linha escarlate. Ele fareja o ar vigorosamente. — Intoxicante como sempre, Iris. O que eu daria por uma gota desse sangue...

Eu levanto uma sobrancelha enquanto paro. — Você se renderia?

— Possivelmente.

— Pena que eu estou prestes a pegá-lo de qualquer maneira.

Ele ri, sua risada maravilhosa, enquanto me corta levemente na coxa. Ele dá um chute no meu joelho, me empurrando para trás. Não é bom. Sendo meio humana, estou cansada diante dele. Eu preciso de algo para mudar a balança.

Mas Iris, você tem renovação. Mesmo se ele te matar, você voltará!

Não é bem assim, passarinho.

A renovação funciona apenas uma vez por dia.

Esse é o acordo com maiores dons. Eles precisam recarregar, por assim dizer.

Eu sei, eu sei, o que você está pensando. Iris, por que você deixou as pessoas te ferverem viva então? Bem... não é como se eu pretendesse ser um lanche tarde da noite. Pensei que conseguiria sair, ou pelo menos romper as correntes, mas não... elas tinham o trimantium – aço quase inquebrável – disponível e, é claro, também começaram a terapia.

Então Iris, por que você simplesmente não cancelou a missão?

Porque, passarinho, isso não é uma opção. Venho acompanhando Elias há meses, e não há como voltar para casa de mãos vazias pela vigésima segunda vez.

Empurrei meus punhais para frente e pulei no ar, uivando como uma banshee. O movimento pega Elias desprevenido como eu esperava, e ele tropeça para trás, batendo na cabeceira da cama. Caio em cima dele, com as lâminas apontadas diretamente para o coração, mas ele deixa cair a espada e agarra meus pulsos enquanto caímos no colchão, lutando entre as peles. Eu o prendo com meus joelhos enquanto dou um soco na cabeça dele.

Elias franze a testa, evitando meus golpes. — Geralmente, prefiro estar no topo, mas acho que podemos abrir uma exceção pela primeira vez...

Eu apunhalo um travesseiro em vez de seu rosto, e as penas voam na minha boca. Eu empurrei de novo e – tosse, tosse, oh essas penas são horríveis, algumas ainda estão ensanguentadas por qualquer animal imundo do qual foram arrancadas – caímos da cama e ele afasta meus punhais com os punhos. Desarmados, começamos a lutar no chão de pedra, tentando prender um ao outro em algum movimento. Eu agarro sua perna. Ele puxa meu braço.

Eu alcanço para a frente. Ele me chuta de volta.

Eu golpeio sua mandíbula. Ele se inclina para longe.

— E assim vai — diz Elias, rolando em frente à lareira. — Você luta. Eu paquero. Sempre termina da mesma maneira.

Um rosnado primitivo escapa da minha garganta. — Não. Desta vez, eu vou ganhar de você.

— Dum spiro spero — ele diz, olhando para a espada quebrada no chão, como se estivesse olhando para uma pilha de sonhos despedaçados.

— Dum spiro, o quê? — Eu pergunto, aproveitando o momento para recuperar o fôlego.

— Dum spiro spero. Enquanto respiro, tenho esperança. — Ele suspira. — É algo que minha mãe sempre diz.

— Eu me pergunto se ela ainda tem esperança em você — eu digo amargamente.

Ele sorri, embora não haja alegria nisso. — Qual é a recompensa por mim agora? Cinco milhões? Dez?

— Na verdade, é um... cinquenta mil.

— Cinquenta? Apenas cinquenta mil... o que... ouça, diga aos seus chefes que isso não vai adiantar.

— Eu não faço isso pelo dinheiro — eu digo.

— Pelos Espíritos — diz ele, balançando a cabeça. — Por favor, não me diga que você faz isso por justiça?

Não digo nada.

Ele ri. — Você já se perguntou quem faz a lista dos mais procurados?

— O Conselho dos Caçadores...

— O conselho — ele diz, assentindo. — Já olhou para os membros dele? Os inimigos que eles têm? O dinheiro que eles trocam?

Minhas mãos suam, e não apenas por lutar. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, nem tudo é preto e branco, querida Iris. Quero dizer... — Ele faz uma pausa, suas próximas palavras tão suaves que mal consigo entendê-las. — Lix Tetrax.

— Lix, o quê?

— Pergunte ao seu chefe sobre isso algum dia. — Ele se levanta, estalando os nós dos dedos. — Agora, eu odeio interromper as coisas, minha querida, mas eu tenho um lugar para estar em breve, então podemos encerrar isso, por favor? Deixar alguma paixão não realizada para a próxima vez?

— Certo. Depois que você se render.

Ele zomba.

É isso aí. Chega de conversa. Hora de mudar a maré. Hora de usar minha arma secreta.

Eu chego atrás de mim e puxo uma lata da parte de trás do meu cinto.

Os olhos de Elias se arregalam. — Isso é um...

— Uma bomba fedida? Pode apostar que é.

Atiro o explosivo nele. Ele se esquiva, mas é claro, eu esperava isso, e a lata pousa exatamente onde eu queria. Dentro da lareira.

A bomba explode.

A caverna treme.

E o teto cai em centenas de pedras.

Elias olha para cima. — Oh, fo...



3

O Cavaleiro Branco

Eu posso ou não ter ficado presa debaixo de algumas pedras. Não me julgue.

— Que ideia adorável! — Elias geme.

Ele está me julgando. Eu vejo isso em seus olhos lindos. Mas com o que eu me importo, ele está preso sob uma montanha de pedra. Apenas a cabeça dele está livre, e é hora de eu brincar de vencer o vampiro. Exceto... oh, certo, eu também estou presa.

— Eghh... ahh... err...

— Por que você está fazendo esses barulhos? — Eu pergunto.

Elias aperta sua mandíbula, a veia em seu pescoço pronta para explodir. — Estou tentando... eh... errr... me libertar. Você?

— Estou perfeitamente confortável. — Na realidade, estou dando um tempo. Em um momento, eu poderei empurrar essas pedras de cima de mim e... eu sorrio, olhando para o teto... ou bem, o que costumava ser o teto. Estava um pouco aberto antes, mas agora está realmente explodido. Entendeu? Explodido? Porque a bomba... Oh, vamos lá, você não é divertido...

Enfim, só há o céu noturno acima de nós. Perfeito.

Eu fecho meus lábios e assobio. Um som claro e agudo, tão alto que ecoa pelas cavernas abaixo. Aposto que você vai tentar isso em casa agora.

— Chamando ajuda? — pergunta Elias.

— Compondo uma nova música. — Eu assobio uma música improvisada. Bastante assustadora e brilhante, por se dizer. Alguém deveria estar gravando, sério. Grammys aqui vou eu.

— O que você quis dizer? — Eu pergunto. — Lix Tetrax?

Ele faz uma pausa. — EU…

Meu assobio assombroso flutua no ar. O problema é que não estou mais assobiando. O que…

A melodia estranha continua tocando, e um calafrio surge em mim, afundando em meus ossos. Uma camada de gelo rasteja sobre a pedra, agarrando-se à minha pele como uma membrana úmida – que é totalmente nojento quanto parece, caso você esteja se perguntando. As chamas da lareira, ainda queimando, brilham e ficam prateadas, o calor morrendo. E depois há uma música… uma canção de crianças cantando ao vento.

Agora, eu sei o que você está pensando. Crianças cantando ao vento? Eu devo estar brincando com você. E talvez eu esteja, um pouquinho. Mas não sobre isso.

Um coro de jovens vozes ecoa ao meu redor quando o vento começa a uivar. E a música que eles cantam é assim…

Ele virá na noite
Em armadura branca
Montando um cavalo de neve
Três sinais existem
Isso significa que ele não está longe
Exército prateado a tiracolo
Primeiro vem a geada
Segundo a chama
Terceiro são as vozes
daqueles que ele matou

— Ele está aqui — murmura Elias, sua voz desprovida da confiança que possuía um momento atrás. Seus olhos percorrem a caverna e, pela primeira vez, eu o vejo com medo.

— Você precisa sair — continua ele. — Agora.

Reúno minhas forças e empurro uma das minhas mãos debaixo das rochas. Vai demorar um pouco para liberar o resto do meu corpo. — Boa tentativa, mas não vou embora sem a minha recompensa.

— Então é melhor você começar a me desenterrar. — Ele luta contra a montanha de pedra, mas não é forte o suficiente, ou talvez não esteja bem descansado o suficiente. Não é porque a pilha em cima dele é cerca de três vezes o tamanho da pilha em cima de mim. Não. Não poderia ser assim.

Solto meu segundo braço e começo a cavar meu torso. — Então, como você está fazendo isso? Autofalante oculto no dente? Efeitos de iluminação nas chamas?

— Isto não sou eu.

— Então o que... o DJ colocou uma canção de ninar no andar de baixo? — Eu rio, e não é totalmente a risada estranha do tipo eu-vou-mijar-na-calça. Não. Total confiança. Mesmo assim... eu sei que estou errada. Elias não pode fazer isso. O problema é que ninguém pode.

— Você não é a única atrás de mim — diz ele.

Eu zombo, meu corpo finalmente livre, enquanto trabalho nas minhas pernas. — Bem... duh, todo caçador quer ser aquele a pegá-lo, embora poucos se atrevam a tentar.

Elias balança a cabeça, olhando para longe, para a escuridão no canto da caverna, onde as sombras parecem aderir e sangrar. — Isto não é um caçador — ele sussurra. — É o Cavaleiro Branco.

Baque.

Baque.

Baque.

Passos. Eles vêm da escuridão. Chegando perto.

Baque.

Baque.

Baque.

O som de cascos estalando na pedra gelada.

E então eu o vejo.

O Cavaleiro Branco.

Ele vem das sombras. Ele vem do nada. Montando um corcel da cor da neve, o cobertor cobrindo seu cavalo rasgado, esfarrapado e cinza. Ele desmonta, sua aterrissagem sacode a própria terra, o chão sob seus pés se transformando em gelo. A armadura branca pendura em seu corpo maciço, girando em torno de seus membros como raízes crescidas selvagens. Um capacete com chifres, embora talvez sejam mais como galhos flutuando ao vento, e uma coroa de espinhos adornam sua cabeça. Sua respiração enevoa o ar, embora eu não possa ver sua boca. Está completamente coberta de branco.

Enquanto caminha, ele arrasta a espada atrás, uma coisa maciça de aço prateado, raspando o chão, um som que rasga minha mente. Quando ele fala, sua voz é baixa e antinatural, como pedra deslizando sobre cascalho. Mas há algo mais também. Uma segunda voz cobriu a primeira. Um sussurro que mal consigo ouvir.

— Elias — diz o Cavaleiro Branco. — Meu caro, Elias. A hora chegou.

— Você não vai me levar — diz Elias, mandíbula cerrada, olhos ferozes.

O cavaleiro olha para a montanha de pedras, olhos prateados brilhando ao luar. — Eu não acredito que você tenha uma escolha, velho amigo. — Seus olhos param, se fixando em mim. — Iris…

— Você sabe quem eu sou? — Eu pergunto, apenas meu pé esquerdo preso agora.

— Todo mundo sabe quem você é, primeira caçadora. — Suas últimas palavras são um sussurro, ecoando em minha mente.

— Eu também ouvi falar de você — digo, tentando manter essa coisa, seja o que for, falando. — Mas como uma história. Uma história destinada a assustar crianças.

Ele ri, um som profundo, como se a terra estivesse mudando lá embaixo. — Pareço uma história, Iris?

Não digo nada. Eu apenas encontro seus olhos. E eu não afasto meu olhar.

Ele se vira, concentrando-se mais uma vez no vampiro. — Suponho que devo agradecer a você, Iris, por pegar minha presa para mim. — Ele se abaixa sobre um joelho e, com um longo dedo branco, levanta o queixo de Elias para que fiquem cara a cara. — Venha de bom grado, e vou permitir que a garota viva. Lute, e você observará como o fogo e o gelo consomem o corpo dela e ouvirá seus gritos ecoarem pela noite.

— Acho que você pode ter a pessoa errada — eu digo, franzindo a testa. — Elias não se importa com ninguém.

O Cavaleiro Branco apenas ri, voltando-se para sua presa. — Então, o que será, velho amigo?

Elias olha para mim e depois para o cavaleiro. E, naquele momento, algo muda e a faísca que levou Elias Vane Spero morre. — Eu... — ele começa, a voz baixa e quebrada, com a cabeça baixa. — EU...

Um rugido enche o ar. Como um trovão vindo de cima.

O cavaleiro e Elias erguem os olhos. Mas eu não. Eu não preciso. Porque minha ajuda está finalmente aqui. Quero dizer, você e eu sabemos que eu não estava assobiando apenas por diversão, certo?

— Theo! — Eu grito.

E meu leão prateado desce do céu, asas brancas se abrem e atravessam a caverna. Ele voa para o Cavaleiro Branco, garras brilhando na luz pálida da lua.

A criatura blindada pula para longe no último momento, muito mais ágil do que sua concha de aço indicaria, e meu leão pousa entre nós, tão alto quanto dois homens adultos, rugindo para aquele que me ameaçou.

— Uma manticora — diz o cavaleiro, admirando meu poderoso Theo. — Eu me pergunto, como você domesticou uma fera tão maravilhosa?

Eu solto meu pé, finalmente escapando das pedras, e pulo para o lado de Theo, de pé ao lado de sua crina prateada enquanto seu rabo chicoteia ao meu redor, meus punhais puxados e prontos. — Que tal você se aproximar e eu digo.

O cavaleiro levanta a espada, segurando-a com as duas mãos. A lâmina é grossa, de dois gumes e tem a extensão do meu corpo. Como ele pode ser tão rápido e tão forte é o verdadeiro mistério aqui.

— Você não pode lutar com ele — Elias grita.

Sinto muito, mas não concordo.

Eu pisco para Theo, minha manticora prateada, e...

Gritos vem do outro lado da porta. O som de uma dúzia de passos. Parece que os monstros finalmente perceberam que alguém explodiu o teto. Levou tempo suficiente.

O Cavaleiro Branco olha para a porta e depois para mim. — Talvez outra hora, Iris. — Ele pula em seu cavalo e, antes que eu possa segui-lo, ele volta para a sombra.

Eu corro atrás dele, quase escorregando no gelo, balançando meus punhais, mas acertei apenas em um muro de pedra na escuridão. Sem porta. Sem janela. E ainda assim ele se foi.

— Acho que o assustamos — eu digo, guardando meus punhais.

Theo grunhe em aprovação, sacudindo sua juba prateada.

— Não — diz Elias, olhando em volta. — Ele deve ter sentido algo... ou alguém.

Eu levanto uma sobrancelha. — Os monstros bêbados lá embaixo? Tenho certeza de que nenhum deles está acima do nível cinco.

— Não. Alguém poderoso está chegando.

A porta da sala se abre e dezenas de monstros furiosos começam a entrar. As ninfas estão chateadas. O sátiro encontrou uma clava com pregos em algum lugar. As três crones carregam facas de açougueiro e, ao me verem viva, estão compreensivelmente muito confusas. Jane nota seu quarto, especificamente a falta de teto, e Elias preso sob uma pilha de pedras e desmaia. Alguns dos duendes parecem intimidados pela minha manticora, mas a maioria não se preocupa. Isso pode ser problema.

Theo rosna, pronto para me proteger com sua vida.

— Calma garoto — eu sussurro, acariciando seu pelo prateado. A maioria desses monstros é inocente. Não posso brigar com eles.

— Ei — Elias diz, sorrindo. — Al'Kallach. Ma'Ga'Ta. Eu não sabia que vocês estavam aqui. Que tal dar uma mão ao seu amigo?

Ambas cruzam os braços como crones desprezadas.

— Não deveria ter dormido com a irmã — digo baixinho.

Ele balança a cabeça. — Venham agora. Há bastante de mim.

Elas não se mexem.

Ele ri nervosamente, sua cabeça balançando para cima e para baixo nas rochas. Ele aponta para mim com um dedo livre. — Deixe-me lembrá-las, ela invadiu sua casa. Eu fui um convidado bem-vindo e... espere um momento, por que sua manticora parece que quer me comer?

Eu sorrio. — Theo não gosta quando as pessoas falam mal de mim.

Theo mostra os dentes, agachando-se.

A risada nervosa continua. — Agora, agora, Theo. Eu não quis dizer isso... — Ele vira a cabeça para os monstros, falando rapidamente. — Confie em mim, eu não causei essa bagunça. Foi ela quem trouxe a bomba.

— Bomba? — a palavra se espalha pela multidão como um bocejo contagioso.

Ok, isso definitivamente pode ser um problema.

Pego minha capa e tiro meu distintivo de caçador, mostrando-o para a multidão. — Negócios oficiais aqui. Nada para se preocupar. Todo mundo, por favor, volte para a sua festa.

— Um caçador! — diz o sátiro, cuspindo em minha direção. — Um caçador matou meu irmão.

Pensando bem, o distintivo pode não ter sido uma boa ideia.

Eu cerro os dentes para Elias, estilo manticora, realmente desejando poder quebrar meu código pessoal apenas uma vez e matá-lo.

Ele parece encolher os ombros sob a pedra, depois se vira para os monstros. — Ela não é apenas uma caçadora — diz Elias, assentindo. — Ela é a primeira caçadora. A melhor. Ela provavelmente matou todos os seus parentes.

A multidão olha como um. Juro que ouço alguém afiar uma faca.

— Então, que tal — continua Elias, — você ajudar um colega monstro e... espera um segundo, o que você está fazendo, Iris?

Chega de falar com Elias. Pego uma pedra e a esmago no crânio dele com tanta força que a pedra se despedaça. Ele cai inconsciente, com a cabeça flácida e balançando.

— Ela o matou! — ruge o sátiro.

Merda.

Eles começam a marchar para a frente, o...

— Pare — uma voz feminina grita por trás.

Eles param, se separando como água, quando um monstro em uma capa marrom dá um passo à frente, as pernas cobertas por um pêlo castanho escuro, e gesticula para que todos fiquem quietos. Eles observam-na por mais pedidos, e eu me pergunto, por um momento, se este é o monstro que o Cavaleiro Branco sentiu. Ela tira o capuz, revelando cabelos ruivos e dois chifres que são fofos demais. Seus lábios são carnudos e o tom perfeito de vermelho. Os olhos dela são como chocolate.

O sátiro, ao vê-la, literalmente começa a salivar. Ela é, admito, a súcubo mais quente já nascida.

Graças aos deuses, ela também é minha melhor amiga.



4

Callie

A súcubo se vira para a multidão. — Ela está comigo, pessoal. — Eu posso ver o poder dela varrer sobre eles pela maneira que começam a corar, babar, olhar, cada um deles hipnotizado por cada palavra dela. — Agora, por que não colocamos essa festa de volta aos trilhos. Sátiro.

Ele pula para cima e para baixo com alegria por ser escolhido. — Sim, bela deusa?

Ela olha para ele sedutoramente. — Eu preciso que um homem grande e peludo como você desça e ligue a música duas vezes mais alto do que antes. Você pode fazer isso por mim? Por favor?

Sua língua balança para fora da boca quando ele assente, antes de se virar e sair correndo pela porta.

A súcubo olha a multidão. — Por que vocês não se juntam a ele? — Eles acenam com entusiasmo e começam a sair, lançando olhares tristes sobre os

ombros. — Vou descer daqui a pouco, amores. Assim que eu ajudar minha melhor amiga aqui.

Seus rostos se enchem de alegria, animados com a perspectiva de ver a súcubo novamente. O nome dela é Callie, a propósito. Callie Lavish. Se eu avaliasse o nível dela – e geralmente não avalio os amigos – classificaria no nível nove. Você acabou de ver o porquê. Talvez o aspirante a Cavaleiro branco receasse lutar com nós duas. Quem pode dizer neste momento?

Ela se vira para mim, uma expressão impaciente em seu rosto enquanto espera os monstros partirem. Depois que todos se foram, ela grita. — OMG, você o pegou. Não acredito que você o pegou!

Sorrio presunçosamente. — Quem é a melhor caçadora do mundo?

— Ah, você é. — Fizemos high five e executamos nosso aperto de mão secreto – o que não vou explicar para você, porque... duh, secreto – depois do qual ela volta sua atenção para Theo, batendo suavemente a cabeça na dele. — Quem é um bom garoto? Quem é um bom garoto? Você ajudou sua mãe a capturar o grande vilão? Hã? Eu aposto que ajudou. Sim.

O leão prateado ronrona em resposta, cutucando suas bochechas contra seus pequenos chifres marrons. Callie ri, esfregando-o sob o queixo até que ele cai de costas, exigindo carinho de nós duas.

— Você fez bem, sim — eu digo, coçando-o atrás da orelha em seu lugar favorito. — Sim, você fez.

Ele fecha os olhos em felicidade.

Callie sorri, se afastando. Ela caminha até Elias e se agacha nas pernas de bode, estudando-o de perto, beliscando suas bochechas com as unhas feitas. — Ele é ainda mais bonito do que nas fotos.

Dou de ombros, me movendo para acariciar a barriga de Theo. — Eh, ele está bem para um vampiro.

— Bem, este vampiro pode me receber qualquer dia. — Ela se levanta, esfregando as palmas das mãos. — Ele é tão gostoso que eu quero comê-lo. Ou... — os olhos dela brilham com travessuras — ao contrário.

— De qualquer forma... — eu digo, porque preciso mudar de assunto agora. — Como você sabia que eu poderia precisar da sua ajuda?

Callie balança a cabeça. — Oh, eu não vim aqui para ajudá-la.

— Não?

— Eu vim porque você estava atrasada.

Eu examino minha memória, parando de esfregar a barriga do meu gato enquanto penso. Theo lambe minhas mãos para lembrá-las do que fazer. — Atrasada para o que agora?

Ela estremece. — Ah, e não fique brava.

— Por que eu ficaria brava?

Ela estremece ainda mais. — Liguei para o seu tio.

O acariciar parou. Eu cozinho, raiva fervendo dentro de mim. — Você está fo...

— Que bagunça sangrenta — tio Sly diz, aparecendo do nada diante de nós, vestido com um smoking preto perfeitamente adaptado. Ele limpa a testa com um lenço de seda roxa e levanta uma sobrancelha cinza e espessa na minha direção. — O que eu sempre digo? Contenção, pessoal. Contenção.

Faço um gesto para Elias. — Ele parece bem contido para mim.

Sly suspira tão alto que você pensaria que ele estava fazendo exercícios vocais. — Quantas pessoas viram você aqui, hum? Quanta destruição de propriedade ocorreu? — Ele faz uma pausa. Então se inclina e me beija nas duas bochechas. — A propósito, estou tão orgulhoso de você, querida. Tão orgulhoso.

— Obrigada... e cerca de quatro dúzias de monstros me viram, eu acho, e eu explodi o teto?

— Você não tem certeza?

Eu olho de soslaio. — Bem... está ficando meio nebuloso.

Ele suspira novamente. — Pelo menos você finalmente pegou o maldito bastardo. — Ele balança a cabeça em desaprovação para Elias. — Os pais dele são boas pessoas. Eles devem ter tanta vergonha. Tão envergonhados. — Ele se vira para mim, segurando meus ombros. — Não há como desafiar você agora. Você é a primeira caçadora, não há dúvida sobre isso.

— Obrigada, tio Sly.

Ele olha para o céu. — É melhor tirá-lo daqui antes que o sol nasça. Além disso, você tem um lugar para estar.

— Certo — eu digo pensativamente. — Aquela coisa sobre a qual Callie e eu estávamos conversando. — Eu olho para ela, meus olhos implorando, porque eu não consigo me lembrar da coisa.

Sly bufa. — Você esqueceu, não é? Você sempre esquece. — Ele faz uma pausa, esfregando a testa novamente, murmurando. — Isso é um desastre. Você vai se atrasar de novo.

— Onde?

— Ora, o baile de máscaras, é claro.

— Ah, merda. — Começo a puxar pedras de Elias, jogando-as por cima do ombro em um frenesi. — É hoje?

— Em uma hora — diz Callie.

Claro que é. Bem no meio da noite, em parte por um efeito dramático, mas principalmente para que os vampiros possam comparecer.

— E você ainda precisa se preparar — Sly acrescenta. — Na esperança de que possamos finalmente encontrar para você... uma combinação adequada.

— Ele quer dizer que você precisa transar — acrescenta Callie.

— Tão boba — diz Sly, estremecendo de nojo. — Mas sim, foi isso que eu quis dizer.

Uma pedra quase bate na cabeça dele, totalmente por acidente. — Eu não preciso do meu tio e melhor amiga me arranjando encontros.

— Estamos preocupados com você, querida — Sly diz delicadamente. — Sobre sua vida social.

— Sobre o fato de você não ter uma — acrescenta Callie.

Eu gemo, e totalmente de um jeito mal-humorado, estou agindo como uma adolescente. — Vou ao baile por uma razão e apenas uma razão. Para impressionar o Conselho dos Caçadores, para que eles me promovam a observador e, eventualmente, me deem um assento no conselho como guardião.

— Mas então... — Os olhos de Callie se iluminam. — Você seria a observadora mais jovem de todos os tempos.

Eu tiro outra pedra, sem olhar para a minha amiga ou tio. — Exatamente.

Sly suspira novamente, como se estivesse falando com um disco riscado. — É por isso que eles nunca irão selecioná-la. Você também é...

— Jovem, eu sei — termino. — Mas eu também sou a pessoa mais jovem a ser a primeira caçadora. E agora – eu tiro meu alvo de debaixo dos escombros, sorrindo. — Eu capturei Elias Vane Spero. Número um na lista de mais procurados. Eles terão que me promover.

Mas Iris, você pode estar pensando, você é a Primeira Caçadora, por que você quer uma promoção? Porque, passarinho, existem duas vantagens principais em ser observador. Primeiro, posso mandar em outros caçadores por aí. E segundo, e essa é realmente a parte mais importante, é preciso ser um observador para ser considerado para uma cadeira no conselho. Minhas razões para estar no conselho... bem, falaremos disso mais tarde.

Sly não diz nada por um tempo, simplesmente olha para mim, seus olhos gentis. — Espero que você consiga, querida. Eu realmente espero que você consiga.

— Obrigada, tio. — Eu o beijo na bochecha, antes de arrastar Elias pelo chão de pedra e jogá-lo nas costas de Theo. Pego um par de algemas de trimantium (feitas do material mais forte que os caçadores possuem) da minha capa e prendo os pulsos do vampiro. Quando tenho certeza de que ele ficará seguro, pulo em cima de Theo, segurando sua juba pelo controle. — Vejo você de volta no Lótus Preto.

— Espere — Callie grita. — Posso pegar uma carona?

— Claro — eu digo, minha mente totalmente fixa no presente e não no baile de máscaras.

Ela sobe atrás de mim, segurando minha cintura. Porra, ela cheira bem.

Sly acena em adeus. — Vejo vocês em um instante. — Ele desaparece no ar tão rapidamente quanto apareceu. Ele nunca me disse como ele faz isso, a propósito. Apenas Sly sendo Sly, como sempre.

Eu puxo levemente a crina de Theo, e ele abre suas enormes asas, voando pela claraboia expandida que minha bomba ajudou a construir. Realmente, eles deveriam me enviar uma nota de agradecimento. Este quarto precisava de uma boa reforma. — Callie grita alto no meu ouvido. — Oh, eu esqueci o quanto isso é divertido.

Ela está certa. Às vezes esqueço como tenho sorte de voar. De rodopiar no céu contra o vento, as nuvens passando por mim. Ser um com o ar. À medida que deslizamos, o pêlo de Theo brilha em um azul pálido, assumindo as cores da noite. É um dom menor dele, muito parecido com o meu dom de renovação. Isso permite que ele se misture com o ambiente. E evita que os normais lá embaixo vejam um leão voador gigante e chamem a polícia.

Por um momento, estou perdida em um lindo sonho de raios de lua, estrelas e escuridão.

Callie mexe atrás de mim. — Você sentiu os músculos dele? Quero dizer... uau.

— Sério mesmo?

— Apenas dizendo. Este Elias, com que certeza ele é culpado?

— Vamos ver... ele é procurado por roubo, assassinato, exposição indecente...

— Mas como temos certeza de que ele fez todas essas coisas?

Eu dou de ombros. — Suponho que o conselho descubra.

— Sim, eu suponho... Ah, acho que ele está acordando.

— Aqui. — Pego um pequeno frasco verde da minha capa e entrego a ela. — Deixe-o inalar isso.

Ela o agarra e coloca debaixo do nariz dele. Depois de alguns sussurros, Elias está tão mole quanto um verme gigante sendo comido por uma serpente marinha. Isso me lembra que eu peguei minha recompensa, mas pode haver um peixe maior por aí.

— Ei — eu digo baixinho, — Você ouviu alguma coisa sobre um Cavaleiro Branco impostor?

Callie descansa o queixo no meu ombro. — Como da história? Não, por quê?

Dou de ombros casualmente, muito mais casualmente do que sinto sobre o assunto. — Apenas alguém que eu encontrei.

— Hã. Você deveria perguntar a Sly.

— Sim, claro — eu digo do que definitivamente não é um jeito sarcástico.

Ela geme. — O que há com vocês dois? Vocês tiveram alguma briga? Tiveram, não é?

Eu suspiro e... porcaria, é como se eu estivesse me tornando meu tio. — Ele não acha que eu deveria tentar ser observadora. Tivemos uma briga antes da minha caçada.

— Mas ele disse...

— O que ele disse e o que ele quis dizer são duas coisas muito diferentes.

Callie assente, dando um tapinha no meu ombro gentilmente. — Isso é manhoso para você. Foi por isso que você não gostou que eu liguei para ele, não é? Bem, ele provavelmente só quer ter certeza de que você está pronta.

— Eu sou a melhor caçadora que existe. Quanto mais preparada posso estar?

Ela encolhe os ombros. — Talvez haja coisas que você e eu não estamos a par. Sobre os observadores. E o conselho.

Suas palavras me lembram algo que Elias disse. Mas não posso insistir nisso. Ele estava tentando me manipular, afinal. Eu preciso de uma distração e, felizmente, estamos prestes a chegar.

Theo desliza pelos prédios reluzentes abaixo, até pairar sobre uma floresta isolada. Quando ele mergulha a toda velocidade, o vento açoita minha pele enquanto corremos em direção a um bosque de árvores cobertas de vegetação. Estamos prestes a colidir com os galhos, quando rompemos a ilusão, revelando um vale aberto de grama macia e águas calmas. Theo pousa em uma clareira perto de um riacho que brilha ao luar, onde flores prateadas crescem à margem. O Vale do Silêncio.

É o lugar em que nasci. Ou assim me disseram.

Agora, ele serve como minha base de operações. Para onde vou me afastar da burocracia do Conselho dos Caçadores.

Eu pulo do leão e desamarro Elias. — Me ajude a carregá-lo.

Callie assente, e juntas o movemos em direção a uma pequena cabana com fumaça saindo pela chaminé. Ao lado, três lhamas pastam dentro de uma cerca de madeira confinada. Elas são chamadas de Wit, Smarts e Brains, e ninguém além de mim consegue diferenciá-las. Bem, ninguém além de mim e Theo. Ele pula por cima da cerca, brincando com as lhamas e, por brincando, quero dizer principalmente perseguindo-as enquanto fogem. Elas foram um presente de Sly quando eu era pequena. Diga o que você quer sobre lhamas, mas elas são tão inegavelmente fofas e incríveis (é o que você ia dizer, certo?), e elas me fizeram feliz no meu aniversário.

Eu chuto a porta da pequena cabana... Bem, parece uma pequena cabana do lado de fora. No interior, ela se espalha em uma mansão luxuriante, com vários quartos. Um fogo crepita na entrada, cheirando a pinho e carvão. Madeira de cerejeira brasileira reveste o chão, o tom perfeito de castanho. Tapeçarias representando monstros lendários estão penduradas nas paredes, feitas à mão, a propósito. Bem-vindo à minha morada não tão humilde. Meu orgulho e alegria. Você deveria ter visto antes de eu colocar minhas mãos nela. Era cinza, empoeirada e cheia de mofo e aranhas. Mas, enquanto eu continuava coletando recompensas

e melhorando em meu ofício, usei a maior parte de meus ganhos para aprimorar o local. Agora, anos depois, é uma maravilha. Meu pequeno pedaço do paraíso.

Deixamos Elias no sofá, e corro para o armário, porque não sei o que vestir para a festa.

— Não — diz Callie. — Não aquele. Não esse. Não. Não... ah, isso é perfeito.

Pego o meu vestido prateado e começo a tirar minhas roupas atuais. Callie não olha, mas ela também não sai. Somos próximas assim, depois de uma vez presas por um ogro por dois meses. Estou prestes a vestir o vestido prateado, quando Callie dá um tapa na minha mão, me forçando a soltá-lo.

— Que diabos?

Callie me olha com uma sobrancelha levantada. — Você cheira a bunda de monstro. Você está coberta de poeira, escombros e sangue. Você precisa tomar banho, minha querida.

Oh, certo. Esqueci sobre isso com toda a pressa. Peço a Callie que fique de olho em Elias, pelo que ela está um pouco feliz demais, enquanto tomo o banho mais rápido do mundo. Secar o cabelo é outra questão, mas, felizmente, tenho um truque mágico para isso. Desculpe, não posso falar sobre isso. Patente pendente e tudo mais. Se eu te dissesse, teria que te matar. Você sabe como é.

Callie assente com aprovação quando eu volto, e finalmente me deixa vestir o vestido prateado. Ele abraça meu corpo com força, revelando meus ombros nus. Olho em volta procurando as luvas brancas correspondentes e as encontro sob um par de botas de caça. Callie balança um par de saltos na minha frente, mas eu deslizo em um par de sapatilhas. Eu exijo manobrabilidade, o que posso dizer? Agora eu só preciso... — Merda. Eu esqueci a máscara.

Callie sorri timidamente e tira algo do casaco. Ela segura uma máscara prateada coberta de cristais iridescentes. — Você tem cobertura, melhor amiga.

Pego a máscara e abraço minha amiga mais querida. — Obrigada.

Me olhando no espelho, devo admitir, estou bem. Uma vez que minha máscara está presa ao meu rosto, Callie assente com aprovação.

— Ninguém será capaz de tirar os olhos de você — diz a súcubo, o que significa que ela provavelmente está certa.

— Eu preciso que eles vejam em mim mais do que uma caçadora — eu digo, aplicando um batom vermelho. — Eles precisam ver que eu posso representar o conselho com dignidade. Mesmo durante ocasiões sociais importantes.

— E eles vão — diz Callie, pegando o batom de mim. — Agora vamos.

— Certo...

— Bem, você não está adorável — diz uma voz sensual do sofá. Elias. Como ele já está acordado?

Ele se senta, seus olhos admirando.

Callie e eu trocamos um olhar, um sinal que apenas melhores amigas reconhecem, e ela caminha para frente, fazendo beicinho para Elias, apalpando a poção verde para dormir nas suas costas. — Olá, baby. Que tal você e eu trocarmos um pouco de carinho, hein?

Em um instante ele se levanta, passando por ela e pegando o frasco antes que ela saiba o que aconteceu. Ele o joga por cima do ombro e acerta pela janela sem olhar. — Desculpe, amor, mas seus encantos não funcionam comigo — ele diz gentilmente. O ar entre nós parece tremer de tensão quando ele se aproxima de mim, seus olhos fixos nos meus. — Parece que você me pegou, Iris. Então, o que você vai fazer comigo?

Suas palavras e tom estão entrelaçados com subtextos que aquecem partes do meu corpo, mas eu ignoro esses sentimentos e endireito minhas costas, tentando igualá-lo em altura, na maior parte tendo sucesso. — Quem é o aspirante a Cavaleiro Branco?

Sua voz é baixa. — Quanto menos você souber, melhor. Confie em mim.

— Protegendo um companheiro criminoso?

Ele me olha de cima a baixo. — Protegendo alguém.

Callie fica entre nós, e é só então que percebo o quanto Elias e eu estamos perto, nossos lábios quase se tocando. — Precisamos ir — diz a súcubo. — A festa está prestes a começar.

Elias sorri. — Eu estou convidado?

Eu zombo e passo por ele, tirando meu colar, uma chave de ferro preto, e caminho em direção à porta da frente. — Quando estivermos no Lotus, comporte-se, ou eu vou te nocautear de novo.

— Parece divertido. — Seu sorriso se transforma em uma careta. — Mas eu pensei que não havia violência permitida no hotel?

— As regras não se aplicam aos criminosos que tentam fugir.

— E se for menos difícil... e mais bem-sucedido?

Balanço a cabeça, de pé na porta da cabana com meu colar, uma chave que Sly encantou com quaisquer mágicas que ele esconda. Coloque na fechadura, qualquer fechadura funcionará. E abrirá. Quando abro a porta, o caminho não leva ao vale, mas a um hotel luxuoso. O Lotus Preta.

Agora…

Eu sei que você já ouviu falar sobre esta próxima parte. Leu sobre isso, pelo menos. O incidente, como eu gosto de chamar. Você está se perguntando, Iris e Elias estavam envolvidos? Eles trabalhavam juntos? Afinal, é por isso que você está lendo isso, certo? Para descobrir. Posso garantir, é muito mais complicado que isso.



5

O Lótus preta

Eu entro como um chefe.

A súcubo mais quente do mundo à minha esquerda. O príncipe das trevas à minha direita. Se eu pudesse me mover em câmera lenta agora, eu o faria. Vamos apenas fingir que posso.

Agora deixe-me definir o cenário...

Os corredores estão bem vazios agora, sem dúvida por causa da festa, de modo que deixa nós três sozinhos no momento. Um tapete vermelho se desenrola embaixo de nós, no estilo de estrela de cinema, exceto que mais grandioso. Todo o resto – paredes, teto, piso – é de mármore branco puro esculpido na Grécia antiga durante o reinado de Alexandre, o Grande. (A propósito, história totalmente legítima). Acima, lustres de cristal deslumbrantes cobrem tudo em um tom dourado quente como doce, doce mel e portas vermelhas alinham nos corredores, escondendo quartos luxuosos onde todos os tipos de monstros são escondidos.

Casas temporárias para a maioria, é claro, já que o Lótus Preto é, afinal, um hotel. Um refúgio seguro para quem não pertence a outro lugar. Talvez seja por isso que fui deixada aqui quando bebê.

Sozinha.

Abandonada.

:(

Ah, não foi tão ruim assim. Eu cresci em um hotel paranormal, afinal de contas, aprendendo com todos os tipos de hóspedes e viajantes. Tudo sob o olhar cuidadoso do tio Sly. E agora volto para casa triunfante. E veja, um grupo já se reuniu no corredor, esperando as grandes portas douradas se abrirem e o baile de máscaras começar. Quando eles me veem, seus olhos se iluminam e...

— Elias! OMG é ele. Não acredito que é ele. — Na verdade, ela diz O.M.G. só as letras.

Eles quase se atropelam para alcançar o príncipe. Eles até ignoram Callie – o que realmente diz algo.

— Você assina o meu convite?

— Assine meu braço.

— Assine meus peitos! — diz uma jovem Fae com orelhas pontudas decorada com brincos de esmeralda verde para combinar com seu vestido. E sim, caso você esteja se perguntando, ela realmente abre o vestido para dar ao meu alvo acesso a... bem, tudo.

Elias ri calorosamente. — Senhoras e senhores, não se preocupem, há Elias suficiente para dar a volta. — Ele olha para mim. — Iris, você tem uma caneta?

Eu o agarro pela orelha e o puxo pela multidão.

— Ei, ei, isso não é necessário, amor — diz Elias, estremecendo. — Eu não tenho...

Um grito agudo.

Atrás de nós.

Eu me viro e vejo a jovem mulher Fae que lhe mostrou os peitos um momento atrás, correndo na nossa direção, punhal na mão. — Elias, eu salvo você! — ela grita. — Então poderemos ficar juntos para sempre.

Elias levanta uma sobrancelha. Eu apenas suspiro. Hoje, a loucura está em pleno vigor.

Estou prestes a tentar convencê-la quando ela concentrar sua atenção em mim. — E você. Você é exigente. Você nunca vai tê-lo. Vou estripá-la e alimentar os cães antes de deixar você colocar outro dedo no que é meu.

Ela levanta a adaga e...

Snap.

Seus joelhos cedem e ela cai no tapete vermelho, deixando cair a adaga, os membros torcidos em ângulos estranhos. — Não, por favor. Por favor — ela implora.

Snap.

Sua voz fica baixa. Sua boca se move, mas ela não faz barulho.

Snap.

Ela congela. Ainda como uma estátua mutilada.

Sly sai da esquina, os dedos levantados, prontos para estalar mais uma vez. — Parece que alguém esqueceu as regras — diz ele, elevando-se sobre a mulher Fae em seu smoking preto perfeito. — Sem violência no Lótus Preto. E contra minha sobrinha, nada menos. Tsk, tsk. — Ele olha para mim para ter certeza de que estou bem antes de voltar sua atenção para a Fae.

Seus olhos estão vermelhos, implorando piedade.

Sly inclina a cabeça, franzindo a testa com compaixão. — Agora, como todo dano foi evitado, suponho que posso ser indulgente. Talvez dez anos na masmorra funcionem. — Ele estala os dedos mais uma vez e duas pessoas emergem da multidão, vestidas tão chiques quanto todos os outros, mas completamente de preto. Eu reconheço seus rostos. Bobby e Poppy. Dois dos melhores seguranças do hotel. Eles agarram a mulher Fae pelos braços e a carregam pelo corredor, desaparecendo depois da esquina. Sly se volta para os convidados. — Desculpe por isso, pessoal. Que tal uma rodada grátis de bebidas no bar, hein?

Eles aplaudem em resposta enquanto andam pelo corredor para beber álcool de graça. Fico feliz que ninguém esteja mais exibindo Elias, ou tentando me matar, pelo menos por enquanto.

Sly se vira para nós dois, olhando meu vestido prateado. — Tomando o seu tempo para levar este para as masmorras, entendo.

— No meu caminho para lá agora — eu digo claramente.

— Bom. Não queremos outro incidente como esse. — Ele faz um gesto para a bagunça no tapete, que já está sendo limpa pelos funcionários, depois ajusta a gravata preta. — Eu preciso abrir as portas. Leve o príncipe ao diretor e volte aqui antes que Thalius chegue.

— Espere. Thalius estará aqui?

Sly sorri maliciosamente. — Claro.

Meu queixo cai. Coloco de volta no lugar.

Elias franze a testa, mas não diz nada. Quem se importa? Minha mente ainda está em Thalius, o maior guardião de todos os tempos e...

Agora eu sei o que você está pensando. Iris, isso não é como você, perdendo a cabeça por causa de um homem. E você está certo. Não é. Mas confie em mim, passarinho, quando você conhecer Thalius, você entenderá!

Sly oferece o braço para Callie. — Agora, querida, você me daria a honra de se juntar a mim para cumprimentar os convidados?

— Claro. — A súcubo me manda um beijo enquanto acompanha o tio Sly em direção às portas douradas.

Eu puxo Elias pelas algemas. — Me siga.

Ele fica mais quieto do que esteve a noite toda.

Nós passamos por alguns convidados, todos fãs de Elias, aparentemente, blá blá blá, ah, e estamos aqui, as masmorras.

Faço a minha melhor impressão de um modelo de game show, mantendo os braços estendidos em direção às celas escuras e úmidas. — Bem-vindo ao seu novo lar, vampiro.

— Shade, tecnicamente.

— Tanto faz.

Ele suspira. — Eu sou meio Fae, meio vampiro. Isso significa que eu sou um Shade.

— Certo, acho que li sobre isso... — Eu digo, sem tentar esconder meu sarcasmo. Quem ele pensa que eu sou? Um novato paranormal?

Ele balança a cabeça. — Você não entende. Meu povo costumava ser discriminado, dividido entre dois mundos, não pertencendo a lugar algum. O que éramos senão sombras de nós mesmos? — Ele faz uma pausa. — Mesmo agora, embora as leis nos protejam, poucos resolvem segui-las.

Eu puxo suas algemas novamente, fazendo-o descer uma escada de pedra, mais fundo na masmorra. Tochas ardentes que revestem as paredes manchadas iluminam nosso caminho. — Boo hoo, seu passado sombrio fez de você um criminoso, certo? Não pense que não ouvi essa história.

Ele para, ereto, com os olhos ferozes. — Só eu sou responsável por minhas ações. Eu controlo o meu destino.

Hã. Não ouvi isso antes. Não exatamente de qualquer maneira.

Continuamos nossa caminhada em silêncio, tochas lançando sombras sinistras nas paredes. Gritos e gemidos ecoam nas celas barradas. Braços murchos ocasionalmente estendem a mão e tentam agarrar meu vestido, mas eu sei a distância adequada a ser mantida. Passamos por Fae, vampiro, demônio, crone e mais. Até a jovem presa momentos atrás do andar de cima. A raça não importa, apenas o crime, e, à medida que avançamos no subsolo, as barras são substituídas por portas sólidas de trimantium. Aqui, o mais perigoso dos criminosos é mantido, o mais trancado para sempre.

Faço um desvio rápido para uma parte mais secreta da masmorra, e algo chama a atenção de Elias. Uma luz brilhante para o lado, como raios de lua perfurando a escuridão.

— Não pode ser... — ele sussurra, saindo do meu lado, seguindo seu olhar para um pedestal entre duas celas. Um raio de luz brilha lá, e dentro flutua uma espada prateada.

— A Espada do Luar — ele diz suavemente. — Estava aqui o tempo todo. Você nunca me contou...

Eu sorrio — Foi divertido assistir você tentar.

— Mas como? Como está aqui?

Cruzo os braços, de pé ao lado dele. — Seu pai nunca perdeu a espada, Elias. Ele a entregou a Sly por segurança, porque acreditava que uma arma tão poderosa quanto a Espada do Luar não deveria estar nas mãos de ninguém, nem mesmo do rei.

— Segredos sobre segredos — Elias murmura. — Minha família parece nunca parar com isso. — Ele não consegue desviar os olhos da espada. Ele levanta a mão em direção à luz. Seus dedos tocam a trave.

Ele se afasta, assobiando, com a mão vermelha e cheia de bolhas.

— O raio queimará qualquer coisa — eu digo. — Até Trimantium. Somente a Espada do Luar é, como você disse, indestrutível.

Elias flexiona a mão, que já está se curando. — Você poderia ter me avisado.

Eu dou de ombros. — Você poderia ter se entregado.

— Justo. — Ele olha ansiosamente para a espada uma última vez, antes de continuarmos a caminhar mais fundo na masmorra, seu corpo pálido e sem camisa brilhando à luz das tochas. — Por que manter a espada cercada por criminosos? Muito convencido?

— Sly diz que é o lugar mais seguro do hotel — eu explico. — Mesmo que um criminoso ponha as mãos nela, o que não faria, ele nunca conseguiria sair da masmorra. Não com o diretor, os seguranças e o próprio Sly vigiando. Além do reforço mágico.

Elias assente. — Esse Sly parece poderoso. O que ele é, afinal, um demônio nível dez?

— Ninguém sabe — eu digo.

— Sério?

— Sério. Ele é mais antigo do que ninguém e nunca fala sobre seu passado. Confie em mim, eu saberia. Fazer um boletim escolar sobre minha família foi um pesadelo.

Elias ri. — Entendi. Ninguém mexe com Sly. Deve ser por isso que este lugar é tão seguro.

Ninguém mexe com Sly...

Espere um segundo.

Você está pensando o que eu estou pensando?

Poderia o aspirante a Cavaleiro Branco ter sentido Sly se aproximando? Foi por isso que ele foi embora? Mas isso exigiria algum tipo de premonição, alguma merda de adivinhação, já que meu tio apareceu do nada, e ninguém tem essas habilidades. Bem, quase ninguém.

Você e eu provavelmente estamos pensando demais nas coisas.

Vamos voltar à conversa. — De qualquer forma, esta seção é apenas para criminosos já condenados à eternidade. Aqueles que nunca vão embora. Aqui a espada é mantida em segredo do mundo, exatamente como seu pai queria.

Elias examina as paredes escuras, as escadas úmidas, as portas sólidas. — Então, ninguém nunca escapou antes?

— Nunca — eu digo com orgulho.

— Bom. Eu gosto de um desafio.

Claro que ele diria isso.

Paramos em um beco sem saída. Tão profundo quanto profundo pode ir. O fundo da masmorra. A cela do Elias. Nada além do melhor para o criminoso mais procurado nos nove mundos.

Ele olha para a porta diante de nós e para a pequena sala dentro. — É isso? — ele pergunta. — Isso deveria me prender?

— Isso... — Eu concordo. — E ele.

Uma forma maciça emerge da cela, um animal com o dobro da minha altura, chifres pretos brotando de sua cabeça careca, músculos inchados por baixo de túnicas murchas que meio que parecem pele humana. Eu nunca perguntei. Também não recomendo que você pergunte. Algemas desfeitas penduram nos pulsos e correntes pendem do cinto, batendo no chão de pedra. O guarda sorri. Seus dentes são afiados como punhais.

— Sim, isso pode fazer — diz Elias rapidamente, seu rosto um nível totalmente novo de pálido.

Eu sorrio, empurrando-o gentilmente para frente e para seus novos aposentos.

— Você finalmente o pegou — diz o guarda, com voz baixa e primal. — Eu sempre soube que você faria, Iris.

Eu dou um tapinha no braço dele. — Obrigada, Big W.

— Não. Eu que agradeço, Iris — diz o demônio, olhando Elias como um pedaço de costela. — Eu esperei anos por esse dia. Oh, quanto tempo eu gastei inventando os métodos de tortura para usar neste.

— Legal, mas sem tortura ainda, lembra? Ele tem que ir diante do conselho primeiro.

O guarda gesticula com desdém. — Pequenos detalhes. Em breve testarei a maçã do baço.

— Parece doloroso.

Ele sorri. — Obrigado.

Elias e eu entramos na cela, encarando um ao outro. Pego a chave de suas algemas. Por um momento, eu ainda estou parada ali, absorvendo tudo. — Acho que... este é o fim — digo.

Ele coloca a mão embaixo do meu queixo. — Tivemos uma boa corrida, Iris. Sem arrependimentos.

Concordo com a cabeça e, lentamente, desfaço suas algemas.

Ele massageia os pulsos, sorrindo.

Por alguma razão, eu sorrio de volta, mas há uma ponta agridoce quando me viro e saio, fechando a porta atrás de mim. O guarda a fecha com uma chave gigante. E depois...

Está feito.

Meu maior desafio acabou.

Elias Vane Spero foi pego.

Agora, um novo inimigo aguarda.

Mas por um momento me sinto... vazia. Inútil. Eu não estava esperando isso.

Começo a voltar, contente em explorar minhas emoções complicadas mais tarde, mas a voz de Elias me impede.

— Não... — Ele dá um passo à frente, colocando o rosto contra a grade aberta da porta, mal grande o suficiente para a cabeça. — Não vá atrás do Cavaleiro Branco.

— Se ele é um perigo, eu devo ir.

— Não. — Seus olhos são escuros, penetrantes e frios. — Há coisas que você não entende sobre o Conselho dos Caçadores.

Eu corro de volta, me colocando contra a porta, meus olhos a centímetros dos dele, nossa respiração se fundindo. Estamos tão perto, nossos corpos separados apenas por uma folha de metal.

— Então me diga — eu sussurro. — Diga o que eu não entendo.

— Lix Tetrax — ele murmura, antes de levantar a voz uma fração. — Nem todo mundo no conselho deseja que você tenha sucesso — diz ele. — Alguns deles desejam que você morra.

O calor da tocha lambe minha pele. — Quem?

Ele não diz nada.

Eu bato meu punho contra a porta. — Quem!

Ele não fala por um tempo e, quando fala, sua voz é quase inaudível. — Espero que nos vejamos novamente, Iris. — Ele dá um passo para trás, desaparecendo nas sombras, como se a cela já o tivesse engolido.

Eu bato na grade fechada. — Você sempre foi um mentiroso. — E conversar com ele sempre foi uma perda de tempo. Eu me viro e corro para cima. Mas não importa o quão rápido eu corro, suas palavras me seguem.

A festa, ao que parece, está prestes a começar. Encontro Sly perto da porta dourada, conversando com duas damas, rindo e bebendo uma bebida roxa.

— Lix Tetrax?

Ele levanta uma sobrancelha. — O quê?

— Lix Tetrax? — Eu pergunto, sem fôlego. — O que é isso?

Sly limpa a garganta, os olhos movendo preocupados, como se estivesse procurando por alguém. Então seu sorriso retorna e ele aperta meu ombro. — Nunca ouvi falar disso, querida. Por quê?

Oh tio...

Por que você está mentindo?



6

Thalives

Meu tio, traidor desonesto que ele é, me acompanha até o salão de baile e, por um momento, todas as minhas preocupações desaparecem. O salão é magnífico, com murais de atletas perfeitos dançando no teto e cisnes brancos que nadam em um lago preto como a noite. As decorações são perfeitas, a equipe mais ainda. Os funcionários do hotel, todos vestidos de preto, é claro, parecem flutuar pelo espaço. Alguns carregam deliciosos hors d'oeuvres e bebidas roxas acesas com um fogo branco que dança em cima dos cálices de cristal. Outros realizam acrobacias, balançando de cordas lá em cima, sacudindo pelo ar, enquanto aqueles lá embaixo respiram fogo e dançam com máscaras diabólicas. É um banquete para os sentidos. Um espetáculo para nunca esquecer.

Já estive em tais reuniões antes quando criança. Embora ultimamente, eu estive muito ocupada caçando, e me pergunto se minha memória é simplesmente nebulosa ou se as coisas estão mais impressionantes do que nunca. Tio Sly gosta de manter as coisas interessantes.

Ele acena a mão no rosto e seus traços mudam. Cabelo preto fica vermelho em um instante. A pele pálida fica sardenta. Simples ilusão mágica. Nada que eu não possa ver.

— Se escondendo de alguém? — Eu pergunto desconfiada.

Ele sorri. — Só estou ficando anônimo. É mais fácil se divertir dessa maneira. — Ele acena com a mão para mim. — Quer um retoque, amor?

— Não — eu digo claramente. Eu gostava de usar magia como maquiagem quando adolescente, mas ultimamente prefiro verdade a mentiras. Caçar criminosos fará isso, suponho. Se ao menos meu tio sentisse o mesmo…

Examino a multidão e percebo que ele não é o único a usar um pouco de ilusão. É bastante comum as pessoas com o dom encobrirem manchas ou cicatrizes ou contratar outras pessoas para fazer isso por eles. Mudar completamente sua aparência, no entanto, é altamente ilegal em todos os casos, exceto nos mais necessários. Mas este é Sly, é claro, e no Lótus Preto, Sly faz o que ele quer.

Seus convidados, centenas deles, estão vestidos com as últimas modas de sua espécie, maravilhados com o esplendor, batendo palmas e rindo. Alguns têm penteados ultrajantes que desafiam a gravidade e a natureza, outros não têm cabelo. Alguns estão cobertos de joias, outros não usam quase nada. Mas todos se escondem atrás de máscaras, prosperando em ambiguidade, sussurrando as fofocas do dia.

Percebo Callie, usando uma máscara preta, conversando com uma dúzia de homens e mulheres. Ela está tão à vontade aqui, uma mestre das graças sociais. Pessoalmente, estou mais confortável com meus punhais.

— Ah — diz Sly. — Ele está aqui.

Eu sigo seu olhar para o topo de duas escadas em arco que se encontram. E depois…

Eu vejo.

Thalius Gray.

O maior guardião de todos os tempos. O membro principal do Conselho de Caçadores. Seu longo cabelo azul-prateado cai perfeitamente sobre os ombros. Suas orelhas pontudas emolduram delicadamente o rosto. A capa de pelo branco que ele veste cobre as costas, mas deixa o peito exposto, revelando músculos bronzeados brilhando à luz. Quando ele caminha, é uma dança e um desafio.

Quando ele fala, é uma música ao vento mais esplêndida do que qualquer pássaro. Uma máscara prateada cobre seu rosto, mas seus olhos estão sempre atentos. O verde mais profundo – como uma esmeralda colhida diretamente das partes mais profundas da terra.

Oh, Thalius...

Não estou babando, estou? Por favor, me diga que não estou babando. Eu juro, eu totalmente não tinha cartazes desse cara em todo o meu quarto de adolescente. Nunca.

Ele olha na minha direção.

Nossos olhos se encontram.

Minha pele queima. Meus dedos formigam.

Quando ele desce as escadas, a multidão se separa diante dele, encarando, sussurrando. E então eu percebo, eles estão olhando para mim. Porque é para onde Thalius está indo. Ele estende o braço. — Posso ter essa dança, Iris?

Ele sabe meu nome! Ele... quero dizer... — Sim. Claro.

Thalius gesticula para a orquestra no canto, e eles começam uma música melódica lenta. Gentilmente, ele pega minha mão na dele e começamos a dançar.

Ele tenta liderar, mas eu não deixo.

Torna-se um empurrão e puxão. Dois opostos em perfeita harmonia.

Os boatos dizem que Thalius usa a ilusão para melhorar seu físico divino, mas estou chamando de besteira. O homem está em forma.

— Impressionante — diz ele. — Muitos não conseguem acompanhar.

Eu dou de ombros. — Pessoalmente, isso é um pouco lento para o meu gosto.

— Oh. — Ele levanta uma sobrancelha e gesticula para a orquestra mais uma vez. Eles aumentam o ritmo, improvisando, e nós giramos pela sala, suspirando e gritando. É uma sorte, suponho, que Sly me ensinou a dançar antes de ensinar a lutar. “Ambos são pés” ele sempre dizia. “Um leva ao outro”.

Afasto-me de Thalius, girando por conta própria com a música crescente, o mundo se transformando em um borrão. Eu estou perdida dentro de mim. O lugar onde eu sou mais livre. E quando a música termina, eu também paro, perfeitamente equilibrada em uma pose elegante, e os convidados explodem em aplausos.

Thalius bate palmas mais alto, aproximando-se mais uma vez. — Sua habilidade na dança supera até a sua beleza, Iris.

— Minhas habilidades na caça são ainda maiores — eu digo, ofegando, sem fôlego, tentando totalmente encobri-lo.

Ele esfrega o queixo, pensativo, e noto que suas unhas são do mesmo azul claro que seus cabelos. — Ah, sim, parece que você finalmente capturou o Príncipe das Trevas.

— Ele está em uma cela aguardando julgamento enquanto falamos — continuo feliz que meus movimentos estejam funcionando.

— Então eu irei encontrá-lo em breve — diz Thalius, sua voz tão cálida quanto o mel. Ele tem a maior elegância de seu povo, os Fae. A linhagem mais antiga deles flui pelas suas veias.

Deixo tudo isso de lado e me concentro na tarefa em questão. Minhas mãos estão suadas, mas tenho certeza que é simplesmente de dançar. — Vou me candidatar a observadora este ano. Possivelmente...

— Observadora? — Ele pisca.

— Sim e...

— Mas você é a Primeira Caçadora. Precisamos de você em campo.

— E irei quando necessário. Mas...

Ele me pega pelos braços, me puxando para um canto privado. Eu me afasto firmemente de seu aperto com irritação. — Eu sei que sou jovem para o cargo, mas já sou melhor que a metade dos membros do conselho. — Meu comentário chama alguns olhares, mas não me importo. Eu estou certa.

Thalius ri. — Oh, Iris. Não é simplesmente uma questão de habilidade...

— Por que não?

Ele abaixa a voz. — Eu ouvi suas ambições, garota. Você procura um assento no conselho.

— Eventualmente...

— Existem apenas sete assentos — ele interrompe. — Um para cada espécie principal.

— E eu representarei os humanos — digo ferozmente.

Ele suspira e, em seus olhos, vejo algo como decepção. — Mas você não é humana, Iris, é? Metade de você é mortal. A outra metade... outra coisa. Não há espaço para alguém como você no conselho.

— Mas eu... — as palavras não vêm rápido o suficiente. Minha garganta aperta. — Mas... e quanto a Aya'zee? Ela está no conselho. Ela é meio vampira, meio Fae. Uma Shade.

— Ela é mais vampira que Fae, acredite em mim. Sua linhagem é a de duas grandes raças. A sua, receio, não é. Você é, claramente, um vira-lata, e vira-latas não têm lugar no conselho. — Thalius me dá um tapinha no meu ombro, sua voz suave e condescendente. — Você é uma caçadora, Iris. É o que você faz melhor. Por que não ficar com o que você sabe?

Mordo meu lábio com tanta força que quase sangra. — Não.

— Desculpe?

— Eu disse não. — Dou um passo à frente, encontrando seu olhar de frente. — Eu sou a melhor caçadora que já existiu. Melhor até que você.

Ele ri, mas posso dizer que os olhares que estamos recebendo o enervam. E então eu entendo. Eu o desafio. Meu próprio ser o desafia. E ele não gosta de ser desafiado.

— Ilusório, não é? — ele diz para todos ouvirem. Então ele se inclina, suas palavras um silvo zangado. — Você nunca será observadora, garota. Você nunca se sentará no conselho. Entendeu? Você...

Um homem de preto agarra seu braço, entrando entre nós. — Com licença — diz o estranho, sua voz calma, mas forte. — Mas você parece ter esquecido suas maneiras, senhor.

Thalius faz uma careta. — Às vezes, um líder não pode ser cortês — diz ele. — Às vezes eles devem ser diretos. — Ele se vira então, vasculhando a multidão. — Eu fiquei entediado aqui de qualquer maneira. Talvez alguém me divirta. — Ele se afasta, pegando uma taça de vinho de um garçom que passa e engole a bebida com pressa. Não demora muito para que a maioria das pessoas pare de lançar o olhar na minha direção, voltando às festividades.

O estrangeiro sombrio, no entanto, permanece ao meu lado. Ele veste todo preto, das calças finas à capa grossa, ao colete bordado e às luvas. Uma sombra perdida no mármore. Ele sorri com indiferença e estende a mão. — Posso ter essa dança, minha senhora?

Eu estudo o pouco de seu rosto não coberto por sua máscara. O contorno do nariz. A pele bronzeada de suas bochechas. Eu não reconheço esse homem. Ele certamente não está no conselho. Mas ele é um caçador? Um observador?

O estranho percebe minha pausa. — Eu sei que não sou Thalius, mas...

Eu pego a mão dele. — Thalius é superestimado.

O estranho sorri e coloca a mão nas minhas costas quando começamos uma dança lenta. — Concordo. Ele era um completo idiota enquanto eu crescia.

— Espere um segundo. — Eu perco um passo. — Você cresceu com Thalius Gray?

— Claro. Somos primos, de qualquer forma, é uma longa história.

Tento me lembrar da árvore genealógica de Thalius, mas os galhos são demais para contar. — Então, o que te traz aqui? — Eu pergunto.

Ele me gira. — Negócios, suponho. — Ele se inclina de forma conspiradora, sussurrando no meu ouvido. — Para ser sincero, estou em uma busca.

Percebo como estamos perto. Corpos quase se tocando. — Que tipo de busca?

— Estou procurando algo. Uma série de objetos. — Sua voz é leve, brincalhona. Este é claramente um jogo para ele, mas pelo menos os jogos são divertidos.

— E quais são esses objetos? — Eu pergunto, brincando.

Seu sorriso se amplia. — Uma capa feita de sombras, um arco esculpido pelo vento e uma espada banhada em luz.

Eu tento manter uma cara séria. Ênfase na tentativa. — E deixe-me adivinhar... um desses artefatos está aqui.

Ele concorda. — Eu acredito que sim. — Ele se inclina para mais perto, sua respiração quente contra a minha orelha. — Talvez você possa me ajudar a encontrá-lo?

Eu rio. — Parece bom, na verdade. Mas não posso sair da festa.

— Ah, tentando impressionar o conselho.

— Sim. — Eu suspiro, me afastando um pouco. — Embora claramente Thalius não esteja do meu lado.

Ele encolhe os ombros. — Existem outros seis membros, não existem? Certamente, nem todos podem ser tão cegos para suas habilidades quanto meu primo. — Ele faz uma pausa. — Você capturou Elias Vane Spero, não capturou? Se você me perguntar, você deve administrar toda a organização.

Eu rio, olhando para o lado, vasculhando a multidão em busca de outros membros do conselho, mas vendo apenas Thalius. A visão que antes era tão

adorável agora faz meu sangue ferver. — Infelizmente, parece que habilidade dificilmente importa.

O estranho assente, pensativo. — Ah, sim, costuma ser esse o caso. Sangue e nascimento são mantidos acima do resto. — Ele faz uma pausa. — Eu mesmo sou um segundo filho. Segundo na fila, por assim dizer. Assim, eu não sou o herdeiro da minha família e, portanto, muitas oportunidades são perdidas para mim.

A história dele é inteiramente compreensível e a verdade parece uma pedra no meu estômago. — Deveria ser diferente.

Ele sorri, mas a alegria do seu sorriso se foi. — Talvez um dia seja.

Há algo familiar nele. Quando a luz pega seu rosto, eu posso jurar que o conheço. Mas eu não pergunto o nome dele. Tais coisas não são apropriadas em um baile de máscaras. É preciso escolher se apresentar.

Há um momento de silêncio antes de falarmos novamente, enquanto simplesmente dançamos com a música lenta e assustadora das cordas. — Talvez isso seja muito adiantado... — começa o estranho, — mas eu ouvi você e Thalius conversando. Ele disse que você era apenas meio humana.

Minha garganta se contrai. Minhas mãos tremem. — Eu sou.

— Bem, seja qual for a sua outra metade... não é perceptível de forma alguma.

— Apenas um monstro menor — eu digo rapidamente. — Nada importante.

Ele me olha com cuidado. — Entendo. Eu mesmo sou de dois mundos. Eu entendo o que é não pertencer. — Sua voz é triste e terna.

Eu não falo, por medo de quebrar o momento entre nós.

A música diminui. Um violino toca a nota final da música.

E o estranho se inclina mais uma vez. — Gostaria de poder ficar mais tempo, mas temo que seja hora de eu ir. — Seus lábios escovam minha orelha. — Ah, e obrigado por me mostrar a espada do meu pai. — Ele se afasta, desaparecendo na multidão, perdido entre as sombras.

O que ele disse...

Não pode ser...

Elias?



7

Lear

Eu sei o que você está pensando... A mesma coisa que estou pensando. Não tem como ser Elias. Ninguém escapa das masmorras. Ninguém. E se o fizessem, levaria mais de um capítulo, certo?

Certo.

Portanto, nada para se preocupar, exceto...

Merda.

O pai de Elias é Fenris Vane, meio-irmão de Kayla Windhelm, a mãe de Thalius, o que significa...

Elias e Thalius são primos.

Merda. Merda. Merda. Fo...

Você pode virar a página. Os palavrões continuam por um tempo.

***

O quê? Ainda aqui? Que pena, queimei a página que você estava procurando. Eu tenho uma reputação a defender, afinal. Agora, de volta para...

Aquele bastardo, Elias. O imbecil estava me enganado o tempo todo!

Agora eu sei o que você está pensando... Iris, como é que uma fodona como você não viu através do feitiço de ilusão dele? Por quê? Talvez porque ele deveria estar em uma masmorra da qual ninguém jamais escapou. Tipo, nunca.

Ainda bem que esclarecemos isso, porque eu tenho um trabalho a fazer.

Ele ainda é meu alvo. É verdade que as masmorras não são da minha jurisdição, mas o que você acha que acontecerá com a minha reputação se as pessoas descobrirem que Elias escapou? É como se ela nunca o tivesse pego, eles dirão. Ela nem chegou a receber a recompensa. Eles sequer fizeram um julgamento ainda. Não deixarei que o vampiro/Fae ardiloso manche meu recorde.

Eu ando pela multidão, procurando pelo homem de preto, também conhecido como Elias. Claro, ele não está em lugar algum no salão de baile. Mas para onde ele iria?

A espada do luar.

Ele deve estar procurando uma maneira de roubar a espada.

Isso é complicado. Eu preciso pegá-lo, mas também preciso manter todos no hotel em segurança. Evitar um pânico em massa é uma vantagem. Então... eu posso precisar de ajuda. Como de uma súcubo com uma propensão para manter as pessoas calmas. E olhe, lá está ela, flertando com um par de gêmeos Fae com rabos de cavalo iguais. (E eles são totalmente lindos, então eu sinto muito por fazer isso, mas...). Eu a puxo para o lado, minha voz baixa e urgente.

— Temos um código roxo — eu sussurro. — Repito. Temos um código roxo.

Ela franze a testa, erguendo uma sobrancelha perfeitamente delineada. — Um hipopótamo voador está à solta e aterrorizando o hotel?

— Não. O outro código roxo.

Ela pisca. O queixo dela cai. — Ah... mas como? Como ele pode...

— Nenhuma pista, mas precisamos encontrá-lo. — Eu estalo meus dedos, falando com o ar. — Sly? Sly?

Ele não aparece. Estranho. Ele sempre aparece quando eu o chamo no hotel. Eu examino a sala, vendo se ele está muito ocupado beijando alguém ou desmaiado bêbado, mas não o vejo. Claro, ele poderia ter escapado.

— Tudo bem — eu digo, suspirando. — Vamos fazer isso sem ele.

— Por onde começamos? — Callie pergunta, puxando seus longos cabelos ruivos para um rabo de cavalo.

— Vou verificar as masmorras — eu digo. — Você fica aqui, caso Elias apareça novamente. Explique a situação a todos os seguranças, discretamente, se puder.

Ela assente. — Devo contar a Thalius?

Olho para o observador presunçoso. Seu rosto perfeito ainda faz meu sangue ferver. Suas palavras ainda ardem como uma maldita mordida de cobra. Ele está errado sobre mim, e eu o odeio, mas...

— Sim. Diga a ele. — Eu respiro fundo. — O conselho precisa estar preparado. Além disso, Elias pode estar usando ilusão.

— Você viu através do feitiço dele — diz ela, assentindo.

Balanço a cabeça. — Não, na verdade, eu não vi.

— Mas isso significa...

— Ele é ainda mais poderoso do que pensávamos — termino. — Seja cuidadosa.

Ela assente, e nós executamos nosso aperto de mão secreto antes de nos separarmos. Ela caminha até Bobby e Poppy. Saio correndo do salão, indo para os meus aposentos.

Por que meus aposentos, você pode perguntar?

Porque eu preciso do meu equipamento.

Eu sempre mantenho um estoque reserva no Lotus. Demora cerca de um minuto para chegar ao meu quarto, abrir a porta vermelha escondida atrás de uma pintura perfeitamente renderizada de Starry Night (Sly diz que é um original, que Van Gogh pintou dois e Sly comprou um antes que alguém soubesse ou se importasse com o famoso artista), e me visto para a batalha. Armadura de couro preto e capa escura? Confirma. Botas de combate pretas? Confirma. Punhais? Confirma. Agora estou pronta para chutar o traseiro de um vampiro.

Enfio meu colar de chave preta embaixo do colete e vou para as masmorras. Eu não sigo a rota normal, no entanto. Não quero que as pessoas vejam um caçador vestido ao máximo e se preocupe, quero? Então, em vez disso, pego as passagens secretas esculpidas nos ossos do hotel e conhecidas apenas por Sly, eu e alguns seletos dos melhores seguranças. Eu diria a você onde elas estão, mas então o tio

reviraria sua cabeça ao tocar 'você é meu raio de sol' repetidamente, então, que tal não.

O que *posso* dizer é que as passagens passam por todos os quartos do hotel, permitindo fácil acesso e tudo mais. Então, estou indo em direção subterrâneo quando ouço...

— Você foi um pouco duro com a garota. — Uma voz feminina, suave e forte.

— Eu tive que reprimir suas ambições. — Aquela voz...

Thalius.

Eu deveria continuar, mas talvez eu possa escutar rapidamente, não posso? Só por um segundo? Oh, olhe, uma janela para o quarto, bem aqui no meu caminho. Bem, não é realmente uma janela, por si só. Do lado do hóspede, parece uma pintura. Do meu lado, é a maneira perfeita de espionar suspeitos inocentes.

Thalius está sentado nas sombras, bebendo um cálice. Sua companheira, a mulher, fica na frente dele, andando de um lado para o outro. Não consigo distinguir as feições dela. Ela é uma silhueta contra a luz da varanda.

— Com sua linhagem — continua Thalius, — ela nunca poderá ser autorizada a assumir uma posição de liderança. Deixá-la andar livre já é uma aposta.

Adorável. Eles estão falando de mim. Vomitando mais ódio no meu sangue mais baixo. Bem, eu realmente deveria ir...

— Ela parece estar totalmente no controle para mim — diz a mulher. Ooh, ela parece que está do meu lado. Yay.

Thalius suspira, falando baixinho. — Quanto mais ela subir nas fileiras, mais ela aprende, e ela nunca pode... — ele faz uma pausa, sua voz ficando sombria. — Ela nunca pode descobrir sua verdadeira herança.

Espere. O quê?

— Cale-se agora, Thalius — diz a mulher. — Existem ouvidos curiosos por toda parte. Mesmo dentro dessas paredes.

Ela vira na minha direção. Ela sabe das passagens? Se ela souber, poderá encontrar as portas ocultas e...

Eu corro. O que quer que eles estivessem discutindo, eu não deveria ouvir, e não posso me dar ao luxo de ser detida agora. Então fiquem em paz, Thalius e mulher misteriosa. Te vejo mais tarde. Eu tenho um Elias para pegar.

O que me lembra...

Agora que estou longe dos convidados, coloco dois dedos na boca e assobio. Theo pode não estar perto, mas ele atenderá meu chamado. Ele virá.

Agora, hora da masmorra. Eu saio por uma porta secreta em um local secreto e vou até a casa ainda mais secreta da Espada do Luar. Os corredores estão quietos aqui. As paredes são frias e úmidas. Há apenas eu e o som das minhas botas na escuridão, e sinto as sombras brincando com meus olhos.

Elias pode estar atrás de qualquer canto.

Ele poderia estar me observando, mesmo agora.

E se ele tiver acesso às passagens de alguma forma? E se ele estiver montando uma armadilha?

E se?

E se?

E se?

Eu vejo o pilar da luz primeiro. Está vazio. A espada se foi.

Uma figura está próxima na escuridão, se contorcendo no chão de pedra.

Elias?

Não. Eu corro para frente. — Tio!

Sly treme no chão, olhos rolando em sua cabeça, espuma jorrando de sua boca enquanto seu corpo espasma repetidamente. Um cálice prateado está deitado ao lado da sua mão, com uma bebida roxa manchando o chão. Veneno! Deve ser isso. Mas que tipo o afetaria? Eu… não posso pensar nisso agora. Foco, Iris. Foco.

Caio de joelhos ao lado dele e seguro sua cabeça gentilmente, tentando mantê-la quieta enquanto puxo um frasco azul da minha capa. — Calma, tio. Tudo vai ficar bem, certo? Tudo vai ficar bem. — Lágrimas queimam meus olhos enquanto falo, e despejo o líquido azul em sua garganta, administrando um antídoto que deve combater a maioria dos venenos. Eu espero. Observo. Mas seus sintomas não mudam. As lágrimas vêm com força total agora.

Ainda há uma chance de a poção funcionar, mas levará um tempo para ele se curar, e eu não tenho um tempo. Eu preciso encontrar o Elias agora! Eu preciso avisar Callie.

Eu usaria um celular, se pudesse, mas a maioria das tecnologias não funciona no Lotus Preta. Evita que as pessoas tirem fotos dos convidados ou intrusos da captura de provas do paranormal. Também fez a minha adolescência menos do que impressionante, caso você esteja se perguntando. Então, eu preciso

correr novamente. — Eu voltarei, tio — eu sussurro, beijando sua testa. — Eu voltarei, ok?

Um calafrio entra em minha pele, penetrando em meus ossos. É apenas a preocupação, certo? A preocupação pelo meu tio. Mas então eu vejo a geada se espalhando em minha direção. Eu vejo as chamas piscando prateadas. E depois…

Eu ouço.

Ele virá na noite
Em armadura branca
Montando um cavalo de neve

Crianças cantando ao vento. Suas vozes soam distantes, como se estivessem vindo do nível principal do Lótus Preta. O Cavaleiro Branco está chegando. Isso é dele? Ele envenenou meu tio? Eu cerro os dentes e sigo a música, desembainhando meus punhais.

Três sinais existem
Isso significa que ele não está longe
Exército prateado a tiracolo

A música fica mais alta. Isso leva ao corredor. Para o salão de baile. Onde eu deixei Callie. Não. Não. Não!

Primeiro vem a geada
Segundo a chama
Terceiro são as vozes
daqueles que ele matou

Entro na festa, procurando pelo meu inimigo. Os convidados congelaram, seus corpos se transformaram em gelo, trancados em qualquer pose que haviam feito momentos antes. Muitos têm os rostos inclinados para cima, ouvindo a melodia assustadora, procurando sua fonte. Outros apontam para os lustres prateados e velas. É tão fácil confundi-los com esculturas. Se maravilhar com sua beleza. O realismo delas.

Mas eles são pessoas.

Amigos.

Família.

Eu corro por eles, procurando por Callie e o cavaleiro. Está muito mais escuro agora, as chamas prateadas emitindo quase nenhuma luz, e eu atravesso o que parece ser uma sombra sem fim, gelo rachando sob meus calcanhares. Reconheço muitas das máscaras pelas quais passo, mas há muitas outras que faltam. Thalius não está aqui. Nem mais ninguém do conselho. Talvez o gelo congele apenas os de menor poder. Nesse caso...

— Íris! — Callie grita, de pé atrás de um par de esculturas, Bobby e Poppy, ambos congelados com as mãos dentro de seus trajes, pegando armas. A súcubo corre para o meu lado, um chicote enrolado em seu braço. Espinhos percorrem o comprimento de sua arma favorita, agarrando-se à sua carne. Eles não prejudicam Callie, seus inimigos, no entanto, não se saem tão bem. Houve uma vez, com um ogro e aquele chicote... bem, era uma visão e tanto. Mas, infelizmente, uma história para outra hora. Prioridades.

— Todos congelaram — Callie diz freneticamente. — Eu não consegui impedir. Era como... era como nas histórias. A geada. A chama. A música.

— Eu sei — digo calmamente, tentando acalmá-la com o meu tom. — O Cavaleiro Branco está aqui.

Baque.

Baque.

Baque.

Um cavalo sai das sombras acima, onde duas escadas se encontram, carregando um cavaleiro branco. O cavalo empina nas pernas traseiras, relinchando, enquanto seu mestre levanta sua espada prateada. Seus olhos encontram os meus. E eles estão cheios de morte.

Quando o cavaleiro fala, sua voz é baixa e sombria, um sussurro ecoando cada palavra. — Elias está aqui, Iris. Entregue-o para mim e desfarei o que fiz. — Ele aponta a espada para as pessoas que viraram gelo, depois para mim. — O que você diz, Primeira Caçadora?

— Não.

— Não?

— É que, recentemente, desenvolvi alguns problemas de confiança — digo, girando meus punhais com um floreio. — Como com meu tio, e minha paixão adolescente, então... que tal você descongelar eles primeiro, então eu o entrego?

— O quê? — ele rosna de volta.

Eu dou de ombros. — Quero dizer, eu ficaria mais confortável se você tratasse sua parte do acordo primeiro. Ou talvez... talvez pudéssemos fazer isso ao mesmo tempo. Tipo, você descongela e eu jogo Elias para você, ou... eu não sei, como você quer fazer isso?

Ele ri, o chão treme com sua voz. — Poucas pessoas me fazem rir, Iris. — Ele faz uma pausa. — Talvez eu te mate rapidamente como uma gentileza.

— Podemos ter que trabalhar na sua definição de bondade — eu digo.

Ele pula do cavalo, seu corpo no ar enquanto se prepara para o ataque.

Empurro Callie para um lado e corro para o outro, mal evitando o golpe dele quando ele pousa. Sua espada mergulha no gelo e não no meu coração, o que é sempre uma coisa boa. Callie e eu nos afastamos, encontrando equilíbrio em lados opostos do salão de baile. Eu levanto meus punhais, virando para encarar o cavaleiro. Eu movo minhas sobrancelhas em um padrão, sinalizando para Callie correr.

Ela sinaliza de volta. *Não.*

Eu sinalizo: *você não é um lutadora. Corra.*

Ela sinaliza. *Não. Somos amigas.*

Eu levanto as duas sobrancelhas duas vezes. Então minha direita uma vez. Depois...

O Cavaleiro Branco olha para as minhas sobrancelhas dançantes, franzindo a testa. — Devo admitir — ele diz, — em todos os meus anos, nunca vi isso antes. Claramente, vocês duas são próximas. — Suas bochechas se erguem em um sorriso. — Se você não vai entregar Elias por eles. Talvez você faça por ela.

Ele vira para minha amiga, caminhando em sua direção, sua espada raspando o gelo, enviando um rangido no ar. Movimento total de filmes de terror, mas funciona.

Eu corro atrás dele. Em um piso escorregadio, porque, duh, gelo. Eu não sou rápida o suficiente. — Corra! — Eu grito.

Callie permanece firme, desenrolando o chicote. Seus olhos são vermelhos e ferozes. — Você congelou meus amigos — ela cospe para ele, seus olhos mudando

para Bobby e Poppy e os outros que ela fez amizade que eu nunca fiz. Sua voz é baixa, cheia de raiva e paixão. — Você os trará de volta.

O cavaleiro sorri.

E ela ataca com o chicote de espinho.

Ele evita seus ataques com facilidade, afastando-se de seus golpes.

Eu devo fazer algo para desacelerá-lo. Qualquer coisa. — Corra — eu grito novamente, mas ela não escuta.

— Corra — eu grito, mas ela continua lutando.

Jogo minha adaga na cabeça dele. Sem nem olhar, ele se afasta e minha lâmina bate contra seus chifres, passando por ele em uma nova trajetória.

Acertando o ombro de Callie.

Ela cai de joelhos, segurando a minha arma, o sangue escorrendo pelo vestido.

— Não! — Eu rugido. — Venha me encarar, cavaleiro. Venha me encarar, covarde.

Ele não para. Ele não se vira.

Eu pulo no ar, o punhal restante apontado para suas costelas.

Ele desliza para frente, mais rápido do que eu já vi, como se pudesse deslizar no gelo, patinando nele com facilidade. Ele encontra Callie em um instante, com uma lâmina prateada na mão.

Ela olha para mim uma última vez.

— Sinto muito — ela sussurra.

E ele passa a lâmina pelo peito dela.



8

Trevas

Isso já aconteceu antes.

Um amigo.

Um monstro.

Uma morte violenta.

Memórias indesejadas arranham abaixo da superfície da minha mente. Elas são como fantasmas tentando se libertar de um lago congelado. Eu as afoguei. Enterrei-as profundamente nas profundezas da minha consciência.

Eu entendo que você quer saber mais, passarinho.

E talvez um dia eu lhe conte.

Mas por enquanto, saiba disso...

Algumas verdades levam tempo.

E agora, tenho pouco.

Algo em mim se encaixa. Uma fechadura. Uma porta. A energia que eu nunca senti flui pelo meu corpo, limpando minha mente, enchendo meus tendões com força e velocidade. Tudo dentro de mim queima com fogo. Tudo fora de mim parece muito lento. Instintos primitivos assumem a liderança. Anos de treinamento e prática possuem minha mente e corpo.

Caio de joelhos, deslizando para a frente com um impulso incrível, me impulsionando com força impossível. As sombras parecem seguir no meu rastro, se juntando atrás de mim em uma trilha de escuridão, me levando adiante. Eu corto com minha adaga, e a lâmina se estende para o aço escuro como a noite.

O cavaleiro se afasta.

Eu pulo, lançando três metros no ar atrás dele, uma capa de sombra sem fim atrás de mim. Minha espada escura encontra a lâmina prateada e, pela primeira vez, vejo algo novo nos olhos do cavaleiro.

Pânico.

— O que você é? — ele sussurra.

Suas palavras resvalam em mim. Eu não sou de falar, planejar ou persuadir. É melhor deixar isso para as pessoas e agora eu não sou uma pessoa. Eu sou uma força da própria natureza.

O cavaleiro sabe. Eu posso ver nos olhos dele. Ele luta não com facilidade, mas com cautela, e por um momento somos iguais enquanto dançamos no ar, colidindo em preto e branco em uma sala de gelo.

Um gemido dolorido vem de baixo. Isso me afasta da força que prende minha mente. A súcubo rola no chão. Callie! Ela ainda está viva.

Eu caio ao lado dela, estudando suas feridas em um instante. Minha adaga a acertou no ombro. A lâmina prateada a cortou no peito, mas errou seu coração. Ela é um monstro por completo, diferente de mim. Ela pode realmente sobreviver a isso.

Mas ela precisa de um curandeiro.

— Eu vou pegar você — eu sussurro em seu ouvido.

Ela assente, com os olhos e a boca fechados de dor, lágrimas escorrendo pelo rosto perfeito.

Quanto mais penso em minha amiga, mais meu poder diminui, mais sou eu de novo. Minha lâmina se transforma em uma adaga mais uma vez.

O Cavaleiro Branco pousa atrás de nós, seus passos leves no gelo. — Entendo agora — ele diz, a voz ecoando pelo corredor, — por que você subiu tão rapidamente entre as fileiras. Eu me pergunto, quem mais conhece sua verdadeira natureza.

Eu não entendo o que ele está dizendo. Eu não entendo o que aconteceu.

Apenas uma coisa importa.

Callie.

Eu a levanto em meus braços e a jogo por cima do ombro, deixando minha mão direita livre enquanto corro em direção à porta.

O cavaleiro rosna. — Ainda não terminamos, caçadora.

Um vento não natural invade a sala. Neve cai do teto escuro.

E então o próprio gelo se move. Cresce. Figuras humanoides emergem do gelo, como esqueletos de vidro. O primeiro a se manifestar entra no meu caminho, golpeando com garras.

Giro pela criatura, apunhalando minha adaga nas suas costas e ela se despedaça, explodindo em pedaços de gelo. Mais bestas vêm no meu caminho. Dezenas delas.

Eu os tiro um de cada vez, mas elas são intermináveis. Uma horda de criaturas irracionais. Um exército prateado.

Como o cavaleiro está fazendo isso? Ele é realmente o monstro das lendas?

— Diga-me onde encontrar Elias — ele ordena. — Diga, e eu paro o ataque.

Tento dizer algo espirituoso, mas bem, estou ocupada lutando contra vinte soldados de gelo enquanto seguro uma súcubo por cima do ombro. Se ao menos houvesse duas de mim.

O que me lembra. Talvez seja hora de enviar outro sinal. Esmago uma criatura de gelo com um chute no rosto e assobio em direção à porta. Um miado vem em resposta.

Sim.

Ele está aqui.

As portas se abrem mais. E então surge...

— Isso é um gatinho? — pergunta o cavaleiro, sobrancelha levantada.

Um gatinho branco desgrenhado com manchas pretas e marrons corre pelo corredor, suas patinhas o carregando para o meu lado, seus olhos azuis apertando os olhos com determinação.

Eu me viro para o cavaleiro, sorrindo. — Isso não é um simples gatinho. É uma manticora de tamanho para viagem, vadia.

O gatinho muda, crescendo para três vezes o meu tamanho, asas brancas desenrolando, crina azul balançando ao vento não natural. Ele ruge, quebrando as criaturas de gelo com sua voz.

Theo me encontrou.

— Leve Callie em segurança — eu digo, segurando-a.

Ele morde suavemente as roupas dela, carregando-a como se fosse um gatinho, mas eu vejo hesitação em seus olhos de safira.

— Eu vou ficar bem, garoto — eu digo. — Vá.

Ele rosna e sai correndo da sala, com o gelo estalando sob as garras. Eu pegaria uma carona, mas o Cavaleiro Branco seguiria. Eu preciso mantê-lo distraído.

Então eu aperto minha mandíbula e levanto minha adaga. — Você gosta de fingir que é o grande Cavaleiro Branco mau, mas adivinhe?

Ele sorri, aproximando-se. — Me esclareça.

— O verdadeiro Cavaleiro Branco não tem medo — eu digo, correndo para a frente, travando minha lâmina com a dele. — Ele não fugiria do velho tio Sly. No entanto, você fugiu como um bebê hipopótamo roxo quando sentiu a presença dele na festa da crone.

— Eu não...

— Com seu rabinho pendurado entre as pernas. — Eu levanto dois dedos e os movo como pernas.

Ele ruge, me empurrando para trás, balançando a lâmina no meu tronco.

Viro para trás, evitando o golpe dele. — E desta vez — continuo. — Você envenenou Sly antes da sua chegada. — Eu golpeio baixo, mirando seus joelhos.

O cavaleiro desliza para longe. — Você assume demais, caçadora. Talvez tenha sido o querido Elias que envenenou seu tio. Ou talvez um de seu precioso conselho. — Seus olhos frios examinam as esculturas congeladas. — Quão apropriado é que eu não veja nenhum deles aqui. Eu me pergunto, que esquemas eles executam em outro lugar do hotel enquanto lutamos?

Esse é um bom argumento, na verdade, mas posso pensar em Thalius e nos outros guardiões mais tarde. Agora, eu tenho uma bunda para chutar e uma amiga para salvar.

Eu deslizo para a frente, girando como um tornado de carnificina, um vulcão da morte, um tsunami de...

O cavaleiro facilmente contorna meu ataque.

O quê?

Ele está brincando comigo, o bastardo. Isso não é bom. De alguma forma, eu o igualei no poder quando estava coberta de sombras e outras coisas, mas agora ele está sempre três passos à frente. Faça esses cinco passos. Faça aquilo...

Por que ele não me matou ainda?

Não que eu esteja reclamando. Apenas me perguntando.

— Você tem potencial, Iris — diz ele. — O conselho nunca permitirá seu verdadeiro poder. Mas eu vou. Deixe-me ensinar você.

Ah, é por isso então.

— Não, obrigada — eu digo. — Confiança em questão, lembra-se.

Os olhos dele entrecerram. — Você acha que tem um lugar entre eles — diz ele, gesticulando para os convidados congelados. — Mas um dia você entenderá. Eles nunca vão te aceitar.

Franzo meus lábios em zombaria. — Ah, alguém foi mau com você? Eles machucaram seus sentimentos? — Eu corro ao redor dele, golpeando seus braços. — É por isso que você está atrás de Elias? Vocês dois foram a um encontro e ele saiu sem se despedir?

— Você não sabe nada de mim — ele ruge, deslizando em minha direção em um instante, passando a espada pela minha capa e me prendendo no gelo. Ele aponta um punho de metal para o meu rosto, pronto para esmagar. — Elias está...

— Alguém chamou meu nome? — Uma voz provocadora vem de cima.

O cavaleiro olha para cima e sorri. — Finalmente — ele assobia, olhos azuis brilhando, fixos em sua presa.

Elias Vane Spero está em cima do lustre, todo vestido de preto, com uma lâmina prateada na mão.

A espada do luar.

Brilha na escuridão. Seus movimentos ecoam no vento.

— Agora, amor — Elias diz, piscando para mim. — Que tal você ir checar sua amiga enquanto eu resolvo o problema aqui.

Eu rolo para o lado, rasgando minha capa, mas me libertando, enquanto fico de pé. — Estou resolvendo os problemas, muito obrigada — digo, girando minha adaga.

O Príncipe das Trevas encolhe os ombros. Então ele pula, sua nova espada apontada para o cavaleiro. A criatura da lenda sorri, enquanto ele estende sua arma e pula, suas lâminas se chocando no ar. Anéis de aço por todo o corredor. Uma luz pulsa na escuridão.

A espada do luar. Está brilhando, resistindo ao ataque. Esta é a lâmina verdadeira. A que o pai de Elias empunhou antes dele.

O cavaleiro e o vampiro se afastam, aterrissando em lados opostos do corredor. Elias gesticula para mim. — Já ouviu falar de uma distração, Iris?

— A palavra parece familiar.

— Use esta para correr.

— Ouça-o, caçadora — diz o Cavaleiro Branco.

Homens tolos. A Primeira Caçadora nunca recua. Só um problema... Quem é meu alvo agora? Ambos? Nenhum deles? Droga, Elias me confunde. Por que ele voltou? Se ele roubou a espada, por que não fugiu?

O príncipe se lança para frente, golpeando o cavaleiro, a espada brilhando nas sombras. A lâmina o torna mais rápido do que antes, mais forte. Ele parece quase igualar ao cavaleiro. Quase.

— Meu querido Elias — diz a criatura, — você nunca aprenderá? — Ele agarra a cabeça do príncipe.

E bate na parede.

Tão forte que o mármore quebra.

Uma vez.

Duas vezes.

O príncipe cai, o lado do rosto aberto, os olhos tremendo. A espada desliza da mão dele. Ele tenta alcançar a lâmina, mas o cavaleiro o chuta na testa, fazendo com que ele fique mole.

Elias pode ser um criminoso, mas ele merece um julgamento. Isso não.

Eu corro para a frente, mas não estou perto o suficiente.

O cavaleiro ri, pegando a Espada do Luar e levantando sua presa pelo colarinho, arrastando o príncipe atrás dele nas sombras. — Vamos nos encontrar novamente, caçadora.

Ele entra nas sombras. E...

Não. Não desta vez, amigo.

Eu pulo para frente, atingindo o gelo, deixando meu movimento me levar, e pego o chicote que Callie deixou para trás do chão. Eu atiro na escuridão. O chicote encontra o alvo. E eu me puxo para frente atrás deles. Desta vez, quando chego às sombras, não bato em uma parede. Desta vez, eu caio.

E aterrisso em um mundo de noite.

Um mundo de frio e geada.

Uma nevasca se espalha ao meu redor. O céu está escuro e cheio de estrelas. O chão é de gelo preto, mas não escorregadio como antes. Árvores cinzentas brotam do chão, não mostrando sinais de folhas, nem sinais de vida. São coisas mortas e secas, seus galhos se curvando em minha direção como garras. Eles cercam a área, estendendo-se em longas florestas. Em suas profundezas, vejo olhos vermelhos brilharem e ouço os rosnados de animais selvagens. Nenhuma abordagem. Em vez disso, eles se encolhem se chegarem muito perto.

Atrás de mim está uma porta de obsidiana gravada em marcações. Não leva a lugar nenhum, isolada, alta o suficiente para três de mim. Deve ser um tipo de portal, do jeito que caí aqui. À minha frente, o chicote enrola em torno de uma raiz perfurando o gelo. Meu alvo, por assim dizer. Está rachado, quase quebrado pelo meu peso.

Ao longe, o cavaleiro arrasta Elias por um caminho de neve, em direção a uma colina central. Lá, uma árvore poderosa cresce, maior que as demais, suas raízes brotando visivelmente da terra como vermes cinzentos. Seus galhos chegando tão alto que não consigo ver o fim deles. Uma árvore mãe. Já vi o mesmo antes, mas nunca uma como esta. Uma árvore morta.

Esta não dá vida. Em vez disso, parece sugá-la da terra, alimentando-se da terra como um parasita. São pulsos grossos de tronco, como um útero inchado. Seiva carmesim escura escorre de sua casca, como furúnculos purulentos. Há algo dentro. Algo dentro.

Íris...

A voz é um sussurro na minha mente. Uma carícia quente no frio severo.

Íris...

Não. Foco. Foco.

O cavaleiro ainda não me notou. Bom. Ele é arrogante demais para considerar que eu seria capaz de segui-lo. Eu posso usar isso. Ative o modo furtivo. Seja um com a sombra. Mova-se como ninja.

Você entendeu a imagem.

Eu me agacho, rastejando silenciosamente sobre a neve e o gelo, subindo um pequeno penhasco que corre paralelo ao caminho do cavaleiro. Logo estou acima dele, vendo como ele puxa Elias para a base da árvore. — Meu querido amigo — diz o cavaleiro. — Finalmente, seu sangue será colocado em uso adequado. — Ele agarra o braço do príncipe e o segura no tronco. Uma marca de mão está gravada na casca, um espigão no centro.

O cavaleiro empurra a mão de Elias sobre a marca, perfurando-a, rasgando-a. O sangue do vampiro flui, se espalhando da escultura, fluindo em milhares de linhas vermelhas através da árvore. Ele está se alimentando, eu percebo. Se alimentando de sangue.

Que tipo de merda é essa?

Uma parte de mim meio que quer se sentar e ver o que acontece a seguir, mas não vou, porque Elias está mais pálido do que o normal, e bem...

Sangue + árvore = ruim.

Isso está claro. Então...

Eu não posso vencer o cavaleiro. Mas talvez eu possa parar esse ritual sombrio. Nesse momento uma ideia surge na minha cabeça. Uma ideia totalmente tola e brilhante.

ATAQUE INVISÍVEL!

Eu pulo do penhasco, com a adaga na mão.

O cavaleiro me nota no último momento, girando para fora do caminho, evitando minha manobra furtiva, balançando a espada do luar no meu pescoço.

Não se preocupe, passarinho. Tudo parte do plano.

Eu me enrolo em uma bola, salvando meu pescoço e aterro ao lado de Elias, agarrando-o em meus braços. Quando o cavaleiro ataca novamente, eu pulo para longe, correndo loucamente em direção à porta obsidiana. Quaisquer que sejam as magias que ele usou para se teletransportar para cá, eu não possuo. Mas tenho meu próprio truque.

Puxo o colar que Sly me deu do meu colete e seguro a chave preta. Atrás de mim, a nevasca toma forma, transformando-se em um cavalo de neve sob os pés do cavaleiro. Ele investe, avança, seus ataques cortando minha capa em fitas.

Eu corro para frente, empurrando minha chave na fechadura obsidiana enquanto caio, e entro no Lótus Preto, chutando a porta fechada atrás de mim.

Bato na parede de mármore do salão, derrubando Elias, ofegando, meu peito arfando incontrolavelmente. A chama prateada se foi. A luz brilhante das tochas voltou. Ao meu redor, os convidados congelados começam a derreter, movendo lentamente membros rígidos. O gelo se rompe, revelando carne quente, e as pessoas ofegam por ar, com os olhos selvagens, desorientados. Poppy e Bobby retornam à forma, tirando punhais de seus ternos como se nunca tivessem perdido um segundo, apenas para olhar em volta confusos.

Há murmúrios.

Então gritos.

Então berros.

Tanto para evitar um pânico em massa.

Thalius entra na sala, dezenas de Observadores a reboque. Seus olhos quase explodem quando ele percebe Elias inconsciente ao meu lado.

— Demorei o suficiente — eu digo, sorrindo, nem me importando com o inevitável golpe no meu representante.

Ele faz uma careta, apontando na minha direção. — Eles roubaram a espada do luar — ele cospe. — Prendam os dois.

Espere…

Prender quem agora?



9

Sly

Agora, nós dois sabemos que eu não roubei a Espada do Luar. Roubar não é coisa minha. Quero dizer, quando eu tinha dez anos, peguei uma barra de chocolate do estoque pessoal de Sly e, quando a coloquei na boca, ele estalou os dedos e o chocolate se transformou em vermes cinzentos, então... Sim... traumatizada. Definitivamente não sou uma ladra.

Essa honra vai para Elias.

Eu digo isso a Thalius.

— Então, onde está a lâmina agora? — ele pergunta, cercando o príncipe e eu com doze malditos bons observadores, também conhecidos como caçadores de elite. Todos os outros são evacuados do salão de baile enquanto falamos, embora seja mais como se eles ficassem aterrorizados. Sly e Callie não estão em lugar algum.

— O Cavaleiro Branco pegou — eu digo, enquanto um observador confisca minha adaga e desliza algemas completamente desnecessárias nos pulsos, e então algema o Elias inconsciente.

Thalius levanta uma sobrancelha. — O Cavaleiro Branco? O conto de fadas?

— Ele estava aqui — continuo. — Ou pelo menos, alguém fingindo ser ele. Ele congelou todos os convidados e...

— Todos, exceto você.

Dou de ombros, levantando minhas mãos algemadas inocentemente. — O poder não afetou ninguém acima do nível oito. Agora, se você não se importa, eu realmente preciso verificar minha amiga e meu tio...

Dez observadores apontam suas armas para mim em uníssono, me detendo no lugar. Hã. Eu acho que eles se importam.

— Basta perguntar aos convidados! — Eu grito. — Eles devem ter visto alguma coisa!

Um observador sussurra no ouvido do guardião.

Ele sorri. — Perguntamos aos convidados — Thalius diz. — Um momento eles se lembram de dançar, no outro eles veem você e Elias juntos. Nenhum cavaleiro. Só você.

— Ele esteve aqui.

Thalius começa a andar em volta de mim em um círculo, gesticulando para seus camaradas. — Deixe-me ter certeza de que estou entendendo isso corretamente. Um monstro de conto de fadas entrou na festa e, usando habilidades mágicas impossíveis, roubou a Espada do Luar de Elias, que a roubou mais cedo por conta própria. O Primeiro Caçador – sendo você – tentou o seu melhor para detê-lo, mas falhou, apesar da sua reputação como uma das melhores lutadoras desta época. Isso soa certo?

Bem, quando você coloca dessa maneira...

— O que você acha que aconteceu? — Eu pergunto claramente.

Thalius sorri diabolicamente. — Eu acho que você e o príncipe das trevas conspiraram. Você trouxe Elias para as masmorras e o deixou com um meio de escapar. Enquanto ele roubava a espada, você incapacitava todos no baile, liberando uma toxina de paralisia no ar e envenenando seu tio. Então você e Elias se reuniram, mas discutiram sobre a posse da lâmina, daí seu rosto rasgado. Você venceu a batalha e escondeu a espada antes de chegarmos. Iris, foi o que eu acho que aconteceu.

Nota para si mesma: nunca pergunte ao seu novo arqui-inimigo o que ele acha que aconteceu. Nunca.

Os observadores concordam, claramente convencidos pelo argumento do caçador, ou estão puxando saco. De qualquer maneira, estou ferrada.

— Então sim — começo, — Isso está completamente errado e... o que é isso?

Thalius enfia um taser trimantium na minha barriga e... bem, eu não me lembro, porque eu estava enlouquecendo pelo taser! Aquele idiota desonesto. Não acredito que o admirei. E as coisas que fiz enquanto olhava para o pôster dele. Apenas... eca.

Oh, você quer saber o que acontece a seguir, não é? Certo. Então...

— Bom dia, amor — Elias diz, sem camisa por algum motivo, revelando suas tatuagens negras. — Eu teria feito o café da manhã, mas... — ele levanta as duas mãos presas à parede atrás dele e encolhe os ombros.

Minha cabeça parece que uma gárgula caiu sobre ela, e leva um momento para manchas brancas deixarem minha visão. — Onde estamos? — Eu pergunto, minha língua pesada e ligeiramente entorpecida.

— Você não reconhece, Iris? Está...

— Não — eu balanço minha cabeça, observando as paredes escuras, a porta do trimantium e as algemas. — Isso não pode ser...

— As masmorras do Lótus Preto — termina Elias alegremente. — Completo com pote de urina — ele gesticula para a direita. — Pote de dejetos. — Ele gesticula para a esquerda. — E... eu não sei o que é isso realmente. Algum tipo de cadeira, talvez?

Eu suspiro. — É uma pedra para cortar. Caso eles queiram executá-lo fora de vista.

Elias assente pensativo. — Bem, também temos um desses então. — Percebo que seu rosto já está curado, sua pele pálida na pouca luz que passa pela grade aberta na porta.

Eu puxo minhas correntes, mas é claro que tudo que consigo são pulsos machucados. — Por que estamos aqui?

— Tenho certeza que Thalius...

— Não. Por que estamos aqui juntos? O protocolo determina isolamento para todos os criminosos acima do nível cinco.

— Culpa por associação — diz Elias, com voz baixa. — Por alguma razão, Thalius te odeia. Provavelmente ele acredita que quanto mais pessoas a virem comigo, mais elas presumirão que você ajudou nos meus crimes.

Sim... o que há com Thalius, afinal? Ele está realmente tão chateado que eu o desafiei na festa? Ou é outra coisa? Algo sobre minha verdadeira herança?

De qualquer maneira, seu plano é estúpido. Ninguém vai acreditar nele porque... — Eu nunca iria ajudá-lo — eu digo rapidamente.

Elias encolhe os ombros. — E, no entanto, aqui estou eu. Vivo por sua causa.

— Você se lembra do que aconteceu?

— Peças aqui e ali — diz ele suavemente. — Obrigado... pelo que você fez.

Eu o encaro por um momento, pensando. — O que o cavaleiro quer com você?

— Eu tenho minhas teorias...

— Conte.

Ele se recosta, descansando a cabeça na parede. — Quando ele me trouxe para a árvore, eu senti...

— Uma presença — eu digo.

Ele concorda. — Seja o que for, ele quer meu sangue. Para se tornar mais forte, talvez. Talvez para se libertar.

Lembro da árvore morta inchada, crescendo como um útero enquanto se alimentava de sua força. — Mas por que você? — Eu pergunto. — Por que você especificamente?

— Eu sou o Príncipe de Inferna — diz Elias, seu tom cheio de desdém. — Sangue real de Fae e vampiro corre pelas minhas veias, você não ouviu? — Ele cai, rindo sem calor. — Suspeito que nosso cavaleiro exija um coquetel específico para suas necessidades. Um Elias nas rochas, por assim dizer.

— Você tem mais familiares — eu digo, inquieta, minhas mãos coçando para ter meus punhais de volta.

— Bem, talvez eu seja o mais fácil de capturar. Estar em fuga sem amigos e tudo isso.

Eu faço uma careta. — Você parecia ter um fã clube no andar de cima.

— Eles gostam de me ver queimar tanto quanto de me ver andar livre — ele diz sombriamente, seus cabelos escuros flutuando sobre os olhos. — Para eles eu sou entretenimento. Nada mais.

Suas palavras pairam no ar e, presa na escuridão de uma cela, eu o vejo de uma maneira nova. Um príncipe que perdeu o direito de primogenitura, que afastou todos, vivendo em gaiolas de sua própria autoria. Sozinho.

Bem, sozinho, exceto por mim.

— De qualquer forma, por mais que eu gostaria de acompanhá-lo em seu plano, tenho coisas para fazer, pessoas a encontrar, então... adeus — digo, pressionando meus pés contra a parede para alavancar, empurrando e puxando ao mesmo tempo com toda a minha força. Eu preciso checar Callie e Sly.

— Oh — Elias sussurra, surpreso. — Eu nunca tentei essa manobra antes.

— É realmente... ugh... bastante... argh... simples. Você... ah... precisa... — Minhas pernas dobram e eu caio de bunda, as correntes me batendo no caminho para baixo.

Elias ri, batendo palmas sem jeito com os pulsos algemados. — Você gostaria de demonstrar novamente, caçadora? Receio ter perdido a parte em que seu plano funciona.

— Cale a boca — eu assobio, me preparando para tentar novamente.

— Sabe — Elias começa suavemente, sua voz suave e sensual. — Você e eu vamos ficar aqui por muito tempo. Com tão pouco a fazer. Talvez, com você sendo uma mulher, e eu sendo... bem, eu, nós dois podemos...

— Não. Nunca. Nem em um milhão de anos.

Ele sorri presunçosamente. — Que tal um milhão e um?

— Não. Eu não namoro criminosos.

— Oh, podemos pular o jantar e as flores, se você quiser — diz ele, gesticulando para o número um e o número dois.

Eu tento ficar em uma posição confortável, mas... — Cara, essas celas são ruins. Você gostaria de...

— Ficar aqui por toda a eternidade? — pergunta Elias. — Bem, não se preocupe, querida Iris. Eu sou especialista em ser preso.

Eu congelo. — Está certo. Você escapou daqui antes. Como?

— Usar o meio não é mais possível — diz ele. — Um que eu preferiria não divulgar.

— Era um espelho? — Eu pergunto claramente.

Ele olha em volta inocentemente. — Um espelho?

— Sim, porque você é um vampiro. Espelhos são como portais para você.

— Verdade. É a razão de não aparecermos nos reflexos. É por que...

— Sim — eu o interrompi. — Estou ciente. Primeira Caçadora aqui por uma razão. Então foi...

— Sim. Bem. Era um espelho — ele deixa escapar, respirando pesadamente.

Eu faço uma expressão de 'mas que merda?'. — Tipo, como? Onde é que o colocou?

Ele engole desconfortavelmente. — Em áreas que prefiro não discutir.

— Como se fosse minúsculo, como debaixo do seu molar? Ou foi... ah não...

— Sim, tudo bem. Estava no meu ânus, você está feliz agora, caçadora? Você está feliz por conhecer meu plano secreto de fuga — ele grita.

Eu me encolho como se estivesse prestes a comer vermes em vez de chocolate novamente. — Mas isso... isso deve ter sido tão doloroso.

— Bem, não foi um piquenique na primavera, posso lhe dizer.

Eu concordo. — Mas o guarda não verifica isso? Tipo, imediatamente.

— Sim, mas com as contrações e ilusões musculares apropriadas...

— Entendi, então... por que você não... hum... substituiu esse espelho depois de escapar?

Ele suspira. — Eu o perdi ao recuperar a espada do meu pai. E caso você não tenha notado, você não tem exatamente espelhos pequenos o suficiente para caber no buraco da minha bunda por aí.

Certo...

Só vou fingir que essa conversa nunca aconteceu. Mas ei, você queria a história toda, certo?

— A título de curiosidade, como você recuperou a Espada do Luar? — Eu pergunto.

Ele sorri presunçosamente. — Percebi que o feixe mortal de luz devia ter um interruptor, um botão de ligar e desligar, por assim dizer. De que outra forma alguém poderia ter colocado a espada lá dentro? De fato, havia um mecanismo na parte de trás do pedestal, escondido sob a pedra. Eu tive que resolver um quebra-cabeça para acessar o botão, mas não foi particularmente desafiador para uma pessoa do meu intelecto e habilidade.

Eu reviro meus olhos.

Um furo.

Como pedra desmoronando.

A parede entre Elias e eu começa a saltar no centro.

Faço um sinal para Elias com as mãos.

Ele mexe a boca, o quê?

Eu mexo a boca de volta.

Ele aperta os olhos.

Eu suspiro.

A parede começa a se abrir.

— O quê? — Elias sussurra. — O que você está tentando dizer?

— Eu…

Uma rocha cai. Uma cabeça de cabelo preto sai. Acontece até…

— Tio Sly?

Ele cai pela parede, aterrissando na terra. — Olá, minha querida — diz ele, cuspindo um bocado de lama, limpando rapidamente o smoking preto. Ele usa algemas como a nossa. Na verdade, as dele são mais extravagantes, gravadas com runas antigas.

— Você está bem — eu digo, lágrimas brotando nos meus olhos.

— Bem? — pergunta Sly, apertando para suas mãos algemadas. — Isso não está bem.

— Eu quis dizer o veneno…

— Ah, sim. Obrigada pelo antídoto, minha querida, — ele diz, me beijando na bochecha. — Ouvi dizer que você me salvou quando fui jogado na cela ao lado da sua, com roupas de drenagem mágica, é claro. — Ele levanta suas algemas extravagantes.

— O que diabos está acontecendo? — Eu pergunto, apertando suas mãos nas minhas.

— É um maldito golpe — diz ele, caminhando dramaticamente. — Alguém quer o Lótus Preto para si. Alguém orquestrou todo esse incidente. Me envenenou. Enquadrou você.

— Thalius — eu digo no modo dramático sério.

Sly esfrega o queixo. — Talvez. Ou talvez ele seja um peão, jogando o jogo de outra pessoa sem nem perceber. De qualquer maneira, ele foi o único membro do conselho a permanecer na festa. Estranho, para dizer o mínimo.

— Então — Elias diz, de pé. — O que você estava dizendo, Iris?

Eu pisco. — O quê?

— Enquanto ele estava cavando?

— Oh. Eu estava dizendo que isso é como a merda do Conde de Monte Cristo.

— Isso é... — Seu queixo cai. — Poderia ter sido qualquer coisa atravessando aquela parede e era isso que você tinha que me dizer?

Eu dou de ombros, porque, como, não era óbvio? Então... — Como vamos sair daqui, tio?

— Bem...

Elias avança, juntando-se ao nosso pequeno grupo. — Certo. Você construiu este lugar, não foi? Você deve conhecer uma passagem secreta.

— Sem passagens secretas, desculpe. — Ele dá uma piscadela para Elias. — Sem espelhos também.

— Espere. Você ouviu...

— Oh, metade da masmorra ouviu, meu príncipe — Sly diz, rindo.

Elias faz uma espécie de barulho baixo, como um grunhido aperfeiçoado. — Ok — ele continua, apontando para o novo buraco na parede. — Que tal você nos tirar daqui, então?

— Infelizmente, esse era um ponto fraco que eu pretendia corrigir — Sly diz. — Cavar a porta será impossível.

— Você viu Callie? — Eu pergunto.

Sly balança a cabeça. — Ela está com os curandeiros. Pelo menos ela estava.

— E Theo?

— Escapou. Thalius enviou caçadores atrás dele.

Minha mão se fecha em um punho. Eu realmente gostaria de ter o rosto de Thalius para acertar com isso. — É isso aí — eu digo com firmeza. — Você vai dizer tudo, tio. O Conselho. O Cavaleiro Branco. Lix Tetrax. Tudo.

— Bem... — ele coça desconfortavelmente a garganta. — Realmente não é isso...

Eu o agarro pela gola, olhando em seus olhos. — Conte. Agora. Ou nunca vou te perdoar.

— Nem mesmo se...

— Sim, nem mesmo se você me der outra lhama.

Ele suspira, escapando do meu alcance. — Muito bem então. Tudo começou com...

Ele começa a falar e...

O teto explode, nos esmagando e...

Eu estou apenas brincando com você. Desculpe. Ele me conta tudo. Mas só para você saber...

No final, poderia ter sido melhor se ele não tivesse dito nada.



10

Maldição da sombra

Hora da história, passarinho.

Sente-se junto à lareira imaginária. Levante os pés na cadeira. Se você precisar usar o banheiro, lembre-se de que o balde número um e o balde número dois estão localizados próximos para sua conveniência. Agora, relaxe e curta a história de dois irmãos.

O irmão número um é mau como uma víbora. Verdadeiro gangster frio como uma pedra. Tem uma equipe como nenhuma outra e, a propósito, ele é um anjo. O anjo, na verdade. Alguns o chamariam de deus se o chamavam de alguma coisa.

O irmão número dois é... bem, ele é basicamente como o irmão número um, apenas um pouco menos impressionante. As pessoas o chamam de Lucian Vane. Talvez você já tenha ouvido falar dele. Talvez não.

Juntos, eles correm pelas ruas da Cidade Prateada, também conhecida como terra dos anjos, também conhecida como céu.

Mas um dia, Lucian se cansa de viver na sombra de seu irmão, então ele faz uma tentativa de ter o reino.

O irmão número um, que nem mesmo tem nome porque é muito hardcore, não gosta muito disso. Então, ele e seu esquadrão espancaram Lucian e todos os seus estúpidos apoiadores. Eles não os matam, porque o irmão número um cuida de sua família. Esse é o credo dele ou algo assim ou... olha, eu não me lembro. O ponto é...

Em vez disso, ele amaldiçoa Lucian e sua equipe. Faz com que o sol da Terra queime sua pele. Faz com que eles precisem de sangue humano para sobreviver. Então ele faz melhor e os exila da Cidade prateada. Os joga e seus sonhos desfeitos em um lugar chamado Inferna, também conhecido como inferno. A melhor parte é que não há humanos em Inferna. Apenas algumas pobres almas chamadas de Fae.

A pior parte é que a equipe de Lucian fica tipo, este é o nosso território agora, você ouviu? Então ele e seus filhos lideram uma guerra contra os Fae, massacrando, e etc. Eles pegam a maior parte de Inferna e transformam os Fae em seus escravos. Totalmente não legal, mas ei, história é uma porcaria às vezes, sabe?

Então ouçam, porque Lucian e seus espreitadores ainda precisam de sangue humano e outras coisas, então eles usam espelhos para pular na Terra e morder. Logo, eles não são mais chamados de anjos. Não. Eu acho que você pode adivinhar do que os chamamos agora, não é, passarinho?

Vampiros.

Avance alguns milênios e Lucian conduz um plano longo e um pouco complicado para retornar à Cidade Prateada. Alerta de spoiler: Ele falha.

Porque... ah, eu deveria encerrar isso, não é? Certo. Versão curta: Ele falha, porque Arianna Spero e Fenris Vane, também conhecidos como pais de Elias, o matam. Então os Fae e os vampiros reconciliam suas diferenças e vivem juntos felizes para sempre. Yay!

Fim.

Ou assim eu pensei...

Porque agora Sly está me dizendo outra coisa. Ele está me dizendo...

— Eles dizem que Lucian e seus filhos foram os primeiros vampiros — ele sussurra, os olhos escuros. — Eles estão errados.

— Não conte a ela! — Elias fala, atacando meu tio, derrubando-o na parede.

— Ela precisa saber — ele cospe de volta, afastando-se do príncipe.

Elias tenta seguir, mas eu pulo entre eles, usando meu corpo para separá-los. A maneira como eles se encaram, de repente clica... — Vocês já se conheceram antes — eu digo baixinho. — Vocês discutiram isso. Vocês discutiram sobre mim.

Sly limpa a garganta. — Podemos ter falado em uma ocasião.

— Resumidamente — acrescenta Elias.

Seus segredos estão realmente começando a me irritar. — Por quê? — Eu pergunto.

— Lix Tetrax — diz Elias. Certo. Como isso explica...

Sly assente. — Elias precisava de ajuda com um problema específico. Em troca, ele me deu alguns conselhos. Não contar a verdade a Iris.

Franzo a testa para o príncipe. — Obrigada — eu digo sarcasticamente.

Elias encontra meu olhar, sua voz baixa. — Se você souber, eles virão atrás de você.

— Eles?

— Os inimigos.

— E eles são... — espere um segundo. Estou tendo um momento cerebral. Espera, você também? Impressionante. Você está pensando o que eu estou pensando?

Porque eu estou pensando...

— Lix Tetrax é o inimigo — eu digo.

Lentamente, Elias e Sly assentem.

— Eles são um tipo de culto — diz o tio.

Elias balança a cabeça. — Mais uma ordem santa.

— Uma organização na verdade.

— Um grupo secreto de indivíduos.

— Mais como uma seita.

— Ou um clube do livro especializado em maldade.

— Tudo bem! — Eu grito. — Entendi. — Respira fundo, Iris. Respire fundo. — Agora... por que o segredo? — Eu olho para Elias. — Você foi quem me disse para perguntar ao meu chefe sobre Lix Tetrax.

O príncipe assente. — Eu queria que você soubesse que eles existem. Queria que você estivesse preparada. — Ele faz uma pausa. — Eu sabia que você nunca confiaria em mim, mas talvez confiasse em seu tio ou em alguém do conselho.

— Certo — eu digo. — Então qual é o problema?

— O segredo — diz Elias. — Se você descobrir o segredo deles, eles a buscarão. Eles a encontrarão. E eles lhe darão duas opções. Juntar-se a eles ou morrer.

Seus olhos são cruéis, cheios de severidade e sinceridade.

— Mas se isso é verdade, então como vocês dois...

Sly suspira. — Há uma razão para eu raramente deixar o Lótus Preto, querida.

— Porque você é todo poderoso aqui — eu digo lentamente. — Pelo menos sem as algemas. — Eu me viro para Elias. — Mas você... você não é páreo para Sly. Você não poderia evitá-los a menos que...

Picadas frias na minha pele. — A menos que você se junte a eles.

Ele não diz nada por um tempo, suas feições frias e distantes. — Eu... — As palavras parecem fisicamente dolorosas de se falar. — Eu tinha duas opções. Morrer. Ou me juntar ao Lix Tetrax e tentar destruí-los por dentro. Como você pode ver, eu escolhi o último.

Meus lábios se separam. — Foi por isso que você fez todas essas coisas? Por que você estava na lista de mais procurados?

— Em parte — diz ele. — Algumas das coisas que você ouviu foram exageradas, outras viradas contra mim. Tudo por aqueles que gostariam de ver um Príncipe de Inferna decapitado.

Eu esfrego minha testa. — Mas como Lix Tetrax pode saber quem caçar? Quero dizer, eles têm um novo membro GPS? Ou são mais oniscientes?

— Nenhum — diz Elias. — Todos nós estamos vinculados pelo segredo. É uma parte de nós. Uma marca. Somos como fios entrelaçados, e aqueles que têm conhecimento podem seguir os fios até a origem.

Claro... suponha que isso faça algum sentido. Talvez. Enfim... — Eu sou o Primeiro Caçador — eu digo, de pé. — Deixe-os tentarem vir atrás mim. Deixe que se atrevam.

Elias balança a cabeça. — Iris, não há necessidade...

— Lix Tetrax pode te assustar, Príncipe das Trevas — eu digo, apontando para o rosto dele. — Mas eles não me assustam. Então me conte. Conte-me esse segredo!

Sly passa a mão pelo cabelo preto. — Você tem certeza de que outra lhama não vai...

— Não.

Ele suspira. — Muito bem. Lucian e seus filhos não foram os primeiros vampiros. Havia outro antes deles. O primeiro portador da maldição.

Ele olha através da grade, em direção à luz fraca no corredor. — Veja bem, Lucian e seu irmão nem sempre foram os governantes da Cidade prateada. Não, eles também já tiveram pai. E um dia, eles decidiram derrubar seu governante imortal. Eles não podiam matá-lo. Então, em vez disso, eles o amaldiçoaram primeiro. Queimá-lo ao sol, eles fizeram. Fome de sangue, eles fizeram. E, no entanto, ele nunca iria morrer. Apenas enfraquecer. E então finalmente o trancaram em um lugar agora esquecido. Eles amaldiçoaram o segredo de sua própria existência, para que qualquer um que tivesse seu conhecimento pudesse ser encontrado e morto. Ele é o Esquecido. O Senhor invisível. O Primeiro Vampiro.

Sento, meu coração trovejando no peito. — Então o Lix Tetrax protege o segredo. Mantém o Senhor invisível trancado.

Sly ri, embora não haja alegria em sua voz. — Se ao menos... Alguns ainda seguem o código antigo. Mas outros trilham um novo caminho. Veja bem, quando Lucian e seu irmão brigaram, eles perderam de vista a tarefa e perderam o controle de Lix Tetrax. Então a ordem mudou. Rasgou-se em dois. Lix Tetrax e uma nova seita. Aqueles que desertaram se juntaram a um elenco de vampiros que não gostam de compartilhar Inferna com os Fae. Juntos, eles se autodenominam Ilimitados. E eles estão procurando o Esquecido. Procurando-o com todo o poder deles.

Ele se senta na terra. — Pois é dito que, se ele for libertado, uma eterna escuridão cobrirá a terra. E os vampiros terão domínio sobre todos os mundos.

Elias assente. — Tem mais. Não conheço os grandes mistérios da minha Ordem, mas disso tenho certeza: Lix Tetrax influencia o Conselho dos Caçadores em segredo. Nosso líder, chamado Tempest, controla os guardiões como um mestre de marionetes puxando as cordas.

Eu suspiro, esfregando minhas têmporas. — E esse Tempest é...

— Nunca o conheci — diz Elias. — A Ordem se comunica por mensagens sempre que possível. Raramente pessoalmente.

Claro…

Como um mágico, Sly conjurou uma garrafa de rum dos confins de seu smoking agora sujo. Ele desenrosca a tampa e dá um longo gole, em seguida, estende a bebida para mim.

Pego e deixo o líquido quente escorrer pela minha garganta. Porque toda essa situação precisava de álcool como dez minutos atrás. — Por que você está aqui, tio? Sob qual acusação?

Ele zomba. — Thalius convenceu o conselho de que participei no roubo da Espada ao Luar. Como se eu alguma vez me importasse com essas bugigangas.

— E nesta versão dos eventos, quem ele imagina que envenenou você? — Eu pergunto.

Ele ri. — Eu mesmo, aparentemente, numa tentativa de fingir minha inocência.

— Nada disso faz sentido — eu digo, tomando outro gole.

— É um golpe, querida. Não precisa fazer sentido. — Ele faz uma pausa. — No entanto, se alguém recuperar a Espada do Luar, o conselho poderá ser forçado a admitir que estava errado, devido à pressão do público.

Concordo, oferecendo a garrafa para Elias em seguida. — Então, de qual seita você é? — Eu pergunto. — Lix Tetrax ou os Ilimitados?

Ele toma um gole do rum. — Lix Tetrax. Mas suspeito que o Cavaleiro Branco procure o Primeiro Vampiro.

— Você quer dizer…

Ele concorda. — Eu acredito que a Árvore Morta é a prisão. E eu sou a chave.

Pego a garrafa de volta. Sim, venha para a mamãe. — E o Primeiro Vampiro está preso dentro dela. Esperando para iniciar um massacre. — Outro gole. — Então, como vamos parar o Cavaleiro Branco? — Eu pergunto. — Porque da última vez que me lembro, ele acabou conosco.

— Existe uma maneira — diz Elias. — A Maldição da Sombra.

— A sombra é o que agora?

— Três artefatos. Uma espada, um arco e uma capa.

Eu franzir a testa. — Espere, você estava falando sério sobre isso na festa?

Ele ri. — A Espada do Luar é a primeira peça. Eu esperava que fosse o suficiente por si só, mas, infelizmente… você viu o que aconteceu.

Concordo, bebendo novamente, depois passo a garrafa para Sly.

Ele leva um momento para respirar o cheiro antes de tomar um gole delicado. — Juntos, diz-se que os itens fazem um Mestre das Trevas — diz Sly. — Juntos, eles formam a Destruição das Sombras. Eles são: a Espada do Luar. O Arco do Crepúsculo. E o Manto das Sombras.

Eu levanto uma sobrancelha. — O Manto das Sombras? Como uma lareira?

— Não, uma capa — diz ele, exasperado. — Manto é outra palavra para capa. Sério, não posso acreditar nos jovens hoje em dia.

Elias assente. — Eu sei.

— Oh, eu quis dizer vocês dois — diz Sly com um sorriso.

O príncipe faz uma careta. — Tenho mais de um século de idade.

Sly ri. — Como eu disse, jovens. — Ele passa a garrafa de volta para mim.

— Bem, nós sabemos onde está a espada — eu digo.

— Com o Cavaleiro Branco — acrescenta Elias.

Sly assente. — Exatamente, é por isso que você não pode enfrentá-lo de frente. Você deve lutar com ele nos seus próprios termos. Você deve... descobrir a identidade dele.

— Então eu posso recuperar a espada — diz Elias, radiante.

— Então podemos montar uma armadilha — acrescento, aproveitando os ingredientes fazer um plano agressivo. — Então, onde estão as outras duas peças?

Elias encolhe os ombros.

Mas Sly faz uma pausa, sorrindo timidamente. — Passe a garrafa e eu digo. — Entrego-a sem qualquer tristeza. Tipo, totalmente nenhuma. — Eu não tenho ideia de onde está o Manto das Sombras, também chamado de capa — ele me olha incisivamente, — mas o Arco do Crepúsculo está escondido dentro do Castelo Vermelho.

— Não, — diz Elias, balançando-se para frente, com as algemas puxando-o de volta. — Não pode ser. Isto…

— Qual é o problema dele? — Eu pergunto, apontando por cima do ombro.

Sly sorri. — O Castelo Vermelho é a casa dele.

— E eu não vou voltar — diz Elias, sua voz rápida e cheia de fogo.

Eu dou de ombros. — Sem problemas. Eu vou sozinha de qualquer maneira.

— Para um mundo desconhecido? — pergunta Sly, cético. — Pode ajudar levar o príncipe junto.

Eu tento falar o mais docemente possível. Ênfase na tentativa. — Claro, talvez eu considere isso quando, você sabe, eu realmente escapar. — Pego o rum e seguro para Elias em um brinde falso. — Então, príncipe das trevas, é essa a parte em que você me dá o discurso junte-se a nós ou morra? Agora que eu sei o segredo e tudo mais?

— Não, — ele diz suavemente. — Talvez outra vez. Mas eu não vou.

Antes que eu possa responder, somos interrompidos por um sussurro vindo da porta. — Psiu. Iris... — Aquela voz... eu reconheço essa voz.

— Callie? — Eu levanto e corro até a grade aberta.

Com certeza, ela está lá. Minha melhor amiga, coberta por uma capa e capuz cinza, ataduras brancas espreitando em volta do colarinho.

— Você está viva — eu digo, lágrimas borrando meus olhos.

— Graças a você e Theo — diz ela com um pequeno sorriso.

— Cale a boca. Fui eu quem atirou uma adaga em você.

Ela encolhe os ombros. — Fui eu quem tentou lutar como uma tola. Quero dizer, naqueles saltos? O que eu estava pensando?

Nós duas rimos. — Estou feliz que eles não trancaram você — eu digo.

— Bem... — ela morde o lábio. — Eles tentaram. Eles me algemaram nos aposentos dos curandeiros. Mas a enfermeira Betty me ajudou a sair quando os observadores não estavam olhando. Ela não gosta do que está acontecendo aqui nem um pouco.

— Então você veio nos soltar, certo? — Eu pergunto, pulando para cima e para baixo, meu sangue já bombeando por alguma doce vingança.

Ela faz uma careta. — Quase. Veja bem, eu não tenho a chave.

— Oh.

— Sim... mas eu trouxe algo para você. — Ela segura uma bandeja com bacon, aspargos grelhados e um copo de sangue. — É como eu me esgueirei aqui em baixo.

Eu suspiro. — Então você está entregando a nossa refeição?

Ela pisca. — E algo mais também. — Ela levanta a bandeja e a desliza pela grade. Então sussurra. — É de um amigo.

Ao som de metal ao longe, os olhos de Callie ficam em pânico. — Eu preciso ir — diz ela apressadamente. — Eu estarei segura. Apenas saia daqui. — Sem outra palavra, ela se vira e foge, desaparecendo nas sombras.

Afasto-me da porta, olhando para a bandeja, as palavras de Callie me assombrando.

É de um amigo.

Ela não quis dizer dela.

Mas que outros amigos eu tenho?

Afasto o bacon e aspargos, mas a bandeja está vazia por baixo. Deslizo meus dedos no sangue e...

Algo morde minha mão.

Queima.

Rastejando em minha pele.

Sanguessugas no meu pulso.

Sly e Elias correm para o meu lado, mas não há nada que eles possam fazer.

Linhas vermelhas gravam-se na minha pele.

Minha carne queima e empurra.

Eu mordo minha língua, tirando sangue, meus olhos fechados com dor.

E então a agonia desaparece.

A fumaça se dissipa.

O fogo murcha.

E apenas uma marca é deixada.

Um símbolo queimou em minha pele.

Elias recua. — Uma marca demoníaca — ele sussurra.

E então eu ouço. Uma voz na minha cabeça.

Olá, Iris. Temos muito o que conversar.



11

Ínferna

A voz é profunda e grossa, vibrando com poder. *Você é mais importante do que imagina, Primeira Caçadora.*

— Hum... quem é esse?

Isso tem pouca importância. Tudo o que você precisa saber é que eu estava observando você, Iris, e acho que nós dois podemos nos beneficiar de uma parceria. Você vê, nós compartilhamos um inimigo comum. O Cavaleiro Branco.

Elias e Sly me olham de maneira estranha. — O que está acontecendo, querida? — pergunta meu tio.

Eu dou de ombros. — Oh, apenas falando com uma voz na minha cabeça.

— Isso é impossível — diz o príncipe. — Uma marca conecta você com um demônio. Permite que ele sinta sua localização. Mas comunicação mental é inédita.

— Um demônio? — Eu pergunto. — Então alguém quer minha alma ou algo assim?

Não, diz a voz. *Só proponho uma pechincha. Nós nos ajudamos.*

— Claro, voz assustadora. Aceito totalmente sua palavra.

Eu não estou mentindo.

— Sem ofensa, mas pelo que sei, você é o próprio Cavaleiro Branco. Então…

Compreensível. Vou demonstrar meu uso.

— Certo…

Vou ajudá-la a se libertar desta prisão. A fuga começará em três…

Espere.

Dois…

Aguente.

Um…

A moldura da porta da cela acende e o gigantesco pedaço de trimantium arranca de suas dobradiças, batendo no chão. Minhas algemas caem no chão, destrancadas. As de Elias também. — Oh, merda — eu digo, apontando para a entrada aberta.

Elias franze a testa, apontando para o meu crânio. — Foi isso?

— Sim. A voz. — Eu paro. — Mas acho que precisa de um nome melhor que a voz.

Nomes são inconsequentes.

— Entendi — eu digo. — Silêncio.

Você está implicando alguma coisa?

— Não. Não é uma coisa.

Eu aponto para Sly. — E as algemas dele?

Suas restrições bloqueiam a magia, diz Silêncio. *Não consigo removê-las remotamente.*

Entendo.

Sly passa por nós. — Talvez não devêssemos brincar, hein crianças?

Ele tem razão. Dez observadores estão indo na sua direção.

Está bem então…

— Vamos — eu tomo a liderança, subindo as escadas da masmorra, Sly e Elias nos meus calcanhares. — Eu preciso ir para Inferna. Encontrar este Castelo Vermelho e o Arco do Crepúsculo.

— Ansiosa para chegar a Inferna, não é? — pergunta Elias.

— Ansiosa para parar o Cavaleiro Branco.

— Vamos precisar de um espelho — diz o príncipe.

— Pensei que você não queria ir — eu digo.

— Eu não quero. Mas eu preciso do Arco do Crepúsculo. Além disso, você poderia usar minha ajuda.

— Pfft. Você não foi de muita ajuda contra o cavaleiro.

Ele concorda. — Verdade. Mas eu o distraí, dando a você uma chance de escapar. Não é minha culpa que você ficou.

— Dica profissional. A Primeira Caçadora não foge.

Ele sorri timidamente. — Exceto por agora.

— Corrigindo. Exceto por agora. — Coloco meus dedos na boca e assobio.

— Chamando o seu pet manticora de novo? — pergunta Elias.

— Sim. E não vou deixar a Terra sem ele.

O príncipe enfrenta Sly. — Então, onde está o espelho mais próximo, velho?

— Velho? — Ele faz uma careta. — Não se chama um ser eterno de velho. — Ele penteia o cabelo liso para trás com a mão algemada. Agora que temos isso claro, o espelho mais próximo fica na primeira sala à nossa esquerda, quando deixamos as masmorras. Enquanto isso, que tal você lançar uma ilusão sobre nós.

— Meio que acabou minha magia enquanto me escondia no baile — diz Elias. — Precisa de um pouco de tempo para se recuperar.

Isto me lembra. Renovação. Está de volta. Yay. Eu tenho uma morte grátis esta manhã. Ou noite. Ou... que horas são mesmo?

— Dez observadores à frente — digo, ouvindo seus passos à distância. Parece que Silêncio não estava mentindo.

Elias estala os nós dos dedos, sorrindo. — Maravilhoso.

— Calma, vampiro. Sem violência desnecessária. A menos que alguém cometa um ato ilegal, eles estão fora da mesa.

— Sua mesa, talvez. Minha mesa precisa ser redecorada.

Eu bato meu rosto, suspirando. Vampiros. Não posso viver com eles. Não posso... bem, você sabe, meu código impede a matança. Talvez seja hora de mudar algumas regras.

Os observadores estão quase chegando, diz Silêncio. *Espere. Algo está errado. Alguém está à frente deles. Alguém terrível. Alguém...*

Oh, é apenas Imenath.

Ele sai das sombras, vestido com sua armadura esquelética, empunhando uma maça prateada pontiaguda. — Nos encontramos novamente, caçadora — ele rosna.

— Imenath, eu realmente não tenho tempo...

— A eterna batalha continua. —

— Não. Não, não continua.

— Quem prevalecerá desta vez...

— Como você está aqui, amigo? — Eu pergunto.

— Imenath soube que Iris havia sido enviada para masmorra. Imenath procurou seu grande inimigo. Sangue será derramado...

— Olha, Imenath — eu envolvo um braço sobre seu ombro. — Nós estamos meio que saindo agora, e você está estragando nossa cobertura, cara. Nós precisamos...

Passos. Tinido de metal.

Os observadores chegam, empunhando espadas, lanças e punhais. Espere um segundo...

— Esses são meus! — Eu grito, apontando para uma pequena Fae segurando meus bebês.

Ela as aperta possessivamente e fala com uma voz aguda. — Renda-se pacificamente e...

— A caçadora é minha — grita Imenath. — Você não deve levá-la.

Os observadores se entreolham confusos. — Hum... quem é você de novo? — pergunta a pequena Fae.

Oh. Pergunta errada.

Imenath ruge com raiva desenfreada e paixão. Ele investe contra os observadores, girando sua maça no alto. — Eu sou Imenath, o Terrível. Número três na lista de mais procurados. E hoje, observadores, serei seu destino.

Não. Tenho certeza de que ele não conseguirá machucar nenhum deles. Mas isso faz uma boa distração.

Imenath bate nos observadores, derrubando-os como pinos de boliche.

Eu corro para frente, pegando minhas adagas preciosas do chão, depois corro pelos observadores. Sly e Elias me seguem. Os observadores tentam acompanhar, mas bem... Imenath me impressiona pela primeira vez. Quero dizer, olha essa forma. Ele deve ter realmente treinado em seu tempo livre. Faço sinal de positivo para ele antes de sair. Eu juro que ele derrama uma lágrima.

— Esta sala — grita Sly, assumindo a liderança, dirigindo-se para uma porta branca imaculada.

Apenas um problema.

Thalius.

Ele corre escada abaixo, sua capa de pele flutuando atrás dele, seu cabelo azul prateado uma bagunça. — Não seja tola — ele cospe, sacando suas armas exclusivas. Duas luvas prateadas, cada uma com três garras que se estendem das juntas. As luvas da justiça.

Estou brincando. Na verdade, elas são chamadas Destruidoras. E eles são um pacote doce. Artesanato incrível. Material lendário. Não se importe comigo, apenas fangirl aqui por um segundo. Pelas garras. Thalius não. Então, sobre aquele Fae.

Eu giro meus punhais. — Afaste-se da porta, Thalius.

Ele dá um sorriso assustador. Então enfia a mão debaixo da capa e puxa para fora...

Não.

Ele segura suas garras contra o gatinho prateado. — Renda-se, Iris. Ou sua manticora sentirá minha picada.

Ele tem Theo.

Meu bebê.

Meu precioso leão.

Thalius acha que pode mexer com a Primeira Caçadora. Mas ele está completamente errado.

Eu pisco para Theo.

Ele pisca de volta.

Vá na hora.

Jogo meus punhais diretamente no rosto do caçador.

Ele segura Theo com a proteção que nós dois sabíamos que ele faria, e meu poderoso gatinho muda, crescendo em tamanho, arrancando-se das garras dele e caindo, mudando rapidamente para pequeno de novo quando ele atinge o chão.

E meus punhais atingiram Thalius no...

Oh merda, ele se esquiva.

Meus punhais empalam a porta enquanto Theo pula no meu ombro, assobiando para o nosso inimigo.

Esta pode ser uma luta mais complicada do que eu pensava.

Sly se inclina no meu ouvido. — Vá, minha querida. Vou distraí-lo.

— Mas...

— Mas nada. Eu sou a figura paterna aqui — ele diz, de pé. — Hora de fazer algo responsável. Além disso, eles não vão me matar. Thalius precisaria da aprovação de todo o conselho para tal medida e ele nunca a terá, não é mesmo, caçador?

Thalius faz uma careta, mostrando suas garras. — Você não é páreo para mim, velho.

— Velho — diz Sly humildemente. — Velho? — ele rosna. — Velho! Bem, esse velho está prestes a acabar com você, garotinho! — Ele ataca, balançando suas algemas em Thalius.

O Fae esquiva-se em pânico.

Eu odeio deixar meu tio, mas ele está certo. Precisamos dessa distração, porque tenho certeza de que mais observadores estão a caminho e prefiro não lutar contra pessoas que estão apenas tentando fazer seu trabalho. Afinal, a maioria de nós é um espírito afim. Então eu corro para o quarto, puxando meus punhais da porta e os colocando no meu cinto. Agora, hora de...

— Onde está o espelho? — Eu pergunto, olhando em volta, vendo uma pequena sala cheia de caixas.

Elias aponta para uma mesa. — Eu acredito que está lá.

Eu sigo seu olhar para o... — Não. Não me diga que é o espelho que você enfiou na sua...

— Pode ser — diz ele sombriamente. — Pode muito bem ser.

Eu estremeço, pegando o portal do tamanho de uma moeda e, não, eu simplesmente não posso. Ok, passarinho? Não posso.

Elias estende o braço. — Segure minha mão. Eu assumirei a liderança.

Eu respiro fundo, apertando seus dedos. — Ok. Ok. Estou pronta.

Ele concorda. — Eu prometo que serei gentil.

Então ele pega o espelho e swoosh. É como se eu me transformasse em um coelho puxado de um chapéu. Mas, em vez de ser puxado para fora, é mais como se eu fosse empurrada. Rápida, perturbadora e repetidamente até...

Poof.

Eu saio do outro lado.

E entre no inferno. Parece...

Uma praia?

Areia dourada muda sob minhas botas. Uma brisa leve flutua no ar. A luz do sol quente cai... espere um segundo. Luz do sol quente? Vampiro?

Merda.

Corro para Elias, jogando minha capa sobre ele e...

Ele fica em pé pacificamente, olhos fechados, banhando-se na luz, respirando profundamente o ar fresco. — Oh, como eu senti sua falta, Inferna — ele sussurra.

Eu o estudo cuidadosamente de todos os ângulos. — Espere. Por que você não é uma gosma agora?

Ele sorri. — Apenas o sol da sua Terra prejudica vampiros. Aqui, somos livres para andar dia e noite.

Uma parte de mim ainda espera que ele queime espontaneamente. Mas ele não faz. Então acho que estamos bem? Talvez? — Certo — eu digo. — Lembro de ler isso em algum lugar, mas Sly me faz ler coisas o tempo todo. Suponho que é por isso que os vampiros gostem tanto daqui, hein?

Elias assente. — Ouvi dizer que era ainda mais popular quando eram permitidos escravos de sangue, não que eu aprovasse a prática. Foi antes do meu tempo.

A alguns metros de distância, dois homens vestidos com armaduras douradas sentam-se em cadeiras de madeira, com as pernas apoiadas ao ler livros de couro. O homem mais próximo ergue os olhos de seu entretenimento e os fecha rapidamente. — Marco, você está vendo o que eu estou vendo?

Seu parceiro olha para nós. — Não pode ser... Roco, é isso? Inferno, são eles. Os dois guardas levantam em uníssono, sacando suas espadas.

Elias dá um passo à frente, sorrindo. — Marco. Roco. Meus guardas favoritos, que serviram minha mãe com tanta lealdade. Vamos conversar sobre isso...

Eles apontam suas armas para ele. — Desculpe, Príncipe — diz Marco, — mas não podemos deixar você passar.

— Você é procurado — Roco explica.

O príncipe assente indiferente. — Sim, claro. Número um na lista de mais procurados e tudo.

— Não, você não é — diz Marco, franzindo a testa. — Não mais. Ela é. — Ele aponta o dedo para...

Bem, eu.

Elias levanta uma sobrancelha. — Você está falando sério? Isso é absurdo. Cultivei minha reputação há anos, costurei cuidadosamente minha imagem, então ela é acusada de fazer algo errado e de repente é a número um? Quero dizer, o que o Conselho dos Caçadores está pensando?

Eu dou de ombros. — Sinto muito, eu acho? Mas você sabe, primeira caçadora aqui.

Elias geme, levantando os braços dramaticamente. — Por favor, diga que sou pelo menos o número dois.

Marco balança a cabeça. — Desculpe, príncipe. Mas eles dizem que um leão prateado é o número dois.

— Um leão prateado? — A mandíbula de Elias cai quando ele olha para Theo, sentado confortavelmente no meu ombro, seus lindos olhos fechados. — Você está na minha frente também?

Gatinho Theo sorri.

Os dois guardas trocam olhares confusos. — Você quer dizer, esse é o monstro da besta assassina? — pergunta Marco.

Roco suspira. — É como eu sempre digo, a lista simplesmente não é mais o que costumava ser.

Marco assente. — Sim. Lembra da fera cinza?

Roco sorri com carinho. — Oh, como sinto falta daqueles anos. Costumava haver alguns desafios reais para guardas como nós no passado. Agora isso é tudo sobre sentar na praia, ler e se proteger contra gatinhos, aparentemente.

— Os jovens não sabem como são fáceis — finaliza Marco.

Dou um passo à frente, levantando meus punhos nus. — Eu posso lhes dar um desafio real, meninos? Querem adivinhar?

— Lutando contra a Primeira Caçadora? — eles perguntam juntos.

— Não.

— Não?

Eu levanto um dedo. — Nos deixe passar, então terão que nos caçar para que vocês possam lutar contra a Primeira Caçadora.

Eles olham um para o outro. — Suponha que isso seria difícil — diz Marco.

— Pode ser divertido — concorda Roco.

— Mas…

— Nah — eles terminam em uníssono.

Marco aponta a espada para o meu peito. — Com medo de sermos demitidos por deixar passar criminosos altamente procurados.

Eu concordo. — Claro, mas... por que vocês estão guardando esse espelho de novo?

Marco se endireita, batendo na armadura sobre o coração. — Espelhos são uma mercadoria rara em Inferna, você vê. Sendo este um mundo cheio de vampiros, todos os portais devem ser cuidadosamente guardados, caso contrário, qualquer um poderia ir a qualquer lugar, e que pesadelo seria esse.

Roco dá um tapa no ombro de seu parceiro. — Por que você está dizendo a ela? Ela é a inimiga?

— Inocente até que se prove o contrário, eu sempre digo.

Eu aceno sabiamente. — Claro, mas por que vocês estão guardando esse espelho? Certamente, dois guardas experientes e corajosos como vocês têm coisas mais importantes a proteger?

Marco limpa a garganta. — Bem, costumávamos, mas...

— Nós falhamos — Roco diz, seus olhos ficando vermelhos.

Elias faz uma careta. — O que aconteceu?

— É... tão horrível — choraminga Marco. — Mal posso falar sobre isso.

Elias suspira, olhando na minha direção. — Posso nocauteá-los, por favor? — ele sussurra.

Balanço a cabeça. — Sem violência desnecessária.

— Tudo bem — ele assobia, voltando-se para os guardas e levantando a voz. — Bem, por mais que eu gostaria de continuar conversando, temos negócios a tratar. Então, leve-nos aos meus pais. Vou explicar tudo, e podemos seguir caminho.

— Mas é isso — diz Marco. — Sua mãe, a rainha, ela está...

— Desaparecida — finaliza Roco.

Elias pisca. — Desaparecida? Como?

— Não faço ideia — Marco grita. — Nós éramos seus guardas reais, e não temos nenhuma pista.

— É vergonhoso — Roco acrescenta, enxugando os olhos. — A rainha Arianna merecia mais do que a nossa sorte. É por isso que estamos guardando esse espelho. A única coisa para a qual servimos agora.

Elias os agarra pelos ombros, sua voz em pânico. — E o meu pai?

— Ele foi procurá-la assim que aconteceu — diz Marco. — O povo não o vê há meses agora.

— Quem governa em seu lugar?

— Tem sido todos os domínios por si mesmos — Roco diz.

Você está perdendo tempo, diz Silêncio. *O rei e a rainha vampiros são irrelevantes.*

— Pode estar relacionado ao Cavaleiro Branco — eu sussurro. — Ele parece ter uma queda pelo sangue real.

De qualquer maneira, você deve se apressar até o castelo e...

As cadeiras de madeira explodem. Areia pulveriza no céu.

— Inferno — ruge Marco. Ele pega uma luneta, você sabe, a coisa que os piratas usam, e a leva até os olhos para examinar a água. Eu sigo seu olhar, vendo um navio escuro nas águas.

— Malditos invasores — Roco amaldiçoa.

Algo voa do navio.

Uma bala de canhão.

Esta dispara sobre nossas cabeças.

Diretamente em uma parede de pedra. Direto para um...

— Merda. Isso é um castelo — digo, apontando para trás. — Esse é o nosso destino?

— Não — sussurra Elias. — Este é o Castelo Principal. Sede do Rei e Rainha. Ou pelo menos era.

Castelo Principal, hein? Bastante chique, devo dizer. A fortaleza se eleva sobre a terra, ocupando a maior parte de uma ilha. As paredes brancas brilham ao sol como um logotipo da Disney de conto de fadas. Bandeiras de todas as cores estão penduradas nas torres, flutuando ao vento. Apoiadores do orgulho, talvez? Eu posso ficar com isso. Uma enorme ponte de pedra conecta duas seções do castelo, cobertas de hera esmeralda. Flores vermelhas se apegam às videiras. Há espaço suficiente para provavelmente cem cozinhas. Pessoalmente, eu poderia me acostumar com um lugar como este. Sim, eu já posso ver. Meus pertences podem caber no salão principal. Eu posso ir às compras pelo resto. E...

Outra bala de canhão atinge a ponte.

— Como eles ousam atirar no meu precioso castelo! — Eu rujo.

Elias faz uma careta. — *Seu* castelo?

— Sim. Jurei ser seu protetor.

— Quando?

— Bem agora na minha mente.

Sua expressão incrédula é interrompida pelo toque de uma buzina de batalha além dos muros. Soldados vestidos de vermelho e verde atacam as ameias. Arqueiros assumem suas posições. Embora estejam muito longe para disparar no navio, eles podem parar uma festa de desembarque. As pessoas gritam e berram à distância. Um grupo de vampiros mais distantes sai da praia, correndo para a segurança dos portões do castelo.

— Algo está errado — diz Elias, olhando para os soldados que manejavam as defesas. — Essas não são as cores da minha família. Marco, Roco, o que aconteceu?

Eles encolhem os ombros. — Não estamos mais a par, meu príncipe — diz Marco.

— Estivemos aqui protegendo o espelho — Roco acrescenta.

Outra bala de canhão atinge as ameias, quebrando a pedra, enviando dois arqueiros voando e gritando enquanto caem para a morte.

Ok. É isso aí. Eu preciso fazer algo antes que mais vidas sejam tiradas. Eu me viro para os guardas. — Esses atacantes estão cometendo um ato ilegal atacando o Castelo Principal, correto?

Os dois concordam. — Sim. Altamente ilegal — diz Marco.

— Pensei isso. — Eu aceno para Theo. — Vamos fazer isso, amigo.

Ele pula do meu ombro, crescendo em tamanho real, suas asas se abrindo sobre a praia, lançando areia no ar.

O queixo de Roco cai. — É a coisa da fera leão prateado!

— Ele voa! — grita Marco. — Ninguém disse que poderia voar!

— É imparável!

Eu pulo nas costas de Theo, agarrando sua juba azul. Elias pousa atrás de mim, passando os braços em volta da minha cintura.

Eu o cutuco com meu ombro. — Você *poderia* segurar o pelo dele.

Ele sorri. — Mas assim é muito mais divertido.

Suas mãos parecem reconfortantes, suponho. Elas são tão fortes, graciosas e ágeis...

Pare com isso, Iris. É esse truque que ele tem de fazer você pensar nas coisas. Ele...

Elias afasta as mãos, segurando o pelo. — Claro, eu não gostaria de deixá-la desconfortável, amor.

Huh, eu não esperava por isso. Bem...

Hora de voar.

Corremos para o céu, flutuando sobre águas límpidas de safira, pequenos barcos pontilhando as ondas abaixo. O navio atacante se aproxima, suas velas brancas brilhando à luz. É uma espécie de antiguidade, como um verdadeiro navio pirata, com um casco feito de madeira castanha cheia de portos de armas (basicamente buracos especiais cheios de canhões) e uma bandeira negra balançando ao vento. Mas também é moderno, com velas loucas que nunca vi antes que me lembram barbatanas e um mecanismo de canos dourados que revestem a lateral da nave. Relógios pendurados em locais aparentemente aleatórios. O mastro é uma mulher com pouca roupa e seios grandes que parece me encarar de todos os ângulos. Espere... ela piscou? Eu juro que ela piscou. Ok, quem projetou este navio é um gênio louco, porque essa coisa é incrível.

Ele dispara outra bala de canhão. Essa aqui... ah, essa parece destinada a nós. Eles provavelmente pensam que somos a equipe de defesa do Castelo Principal ou algo assim. Theo gira para fora do caminho. Isso mesmo, otários. Você não acertará nada na minha manticora.

— Não que eu me importe com uma boa luta — diz Elias, olhando o navio, — mas não temos assuntos mais importantes para tratar? Talvez encontrar o Arco do Crepúsculo e parar o Cavaleiro Branco?

— Eu sou a Primeira Caçadora — eu digo, rangendo os dentes. — Parar criminosos é o meu trabalho. — E com toda a honestidade, entre você e eu, passarinho, depois de me segurar com os observadores e caçadores, minhas mãos estão ansiosas por uma briga. Nada como uma boa batalha para desabafar.

Mas há também outro motivo. Possivelmente o mais importante. — Escute, se houver uma facção de vampiros tentando massacrar todos os mundos, eu preciso investigar. E algo me diz que este navio está relacionado, considerando que está atacando sua sede do governo e tudo.

Elias assente. — Muito bem. Mas tenha cuidado, Iris.

Eu sorrio para ele. — Não se preocupe, príncipe. Temo apenas três coisas, e nenhuma delas está naquele navio.

Chegamos ao nosso destino, pairando sobre o navio. Dezenas de homens e mulheres correm por baixo, lutando por armas. Apenas uma fica parada. Uma mulher vestida de preto. Seu cabelo prateado trançado de um lado, selvagem e livre do outro. Seus olhos são uma esmeralda profunda. Ela usa um chapéu de capitão pontudo e segura um elegante florete. Ela é a líder deles. Minha inimiga.

— Ei, Silêncio — eu sussurro. — Pronto para nos ajudar a lutar? Talvez explodir alguns canhões como você fez com a porta.

Eu drenei o último dos meus poderes ajudando você a escapar, diz Silêncio. *Levará muito tempo até que eu possa exercer tanta força novamente.*

Adorável…

Eu levanto meus punhais, pronta para pular e fazer justiça em nome do Castelo Principal.

— Espere — diz Elias, agarrando meu ombro, os olhos fixos na mulher de cabelos prateados.

— Por quê? — Eu pergunto.

Ele suspira. — Porque essa é minha irmã.



12

Aya

Nome completo: Aya'zee Vane Spero

Classificação: Meio Vampiro / Meio Fae

Título: Princesa de Inferna

Descrição física: Um metro e setenta, esbelta, tonificada, olhos verdes, cabelos prateados

Guardiã e parte do Conselho dos Caçadores, representando os vampiros.

Pode ou não ser responsável pelo golpe contra o Lótus Preto.

Mas Iris, se ela é membro do conselho, por que você não a reconheceu antes? Porque, passarinho, eu só a vi de passagem, nunca a conheci oficialmente, e ela parece diferente do que em seu pôster. Da forma que as pessoas famosas às vezes parecem diferentes na vida real. Um pouco menos primitiva. Um pouco mais corajosa. Menos Photoshop.

Então a questão é... ainda estamos brigando? Estou um pouco confusa, na verdade.

— Pare! — grita Aya'zee, gesticulando para sua equipe. — Fique de pé.

Abaixam as armas e se afastam dos canhões. Bom sinal, certo?

— Podemos confiar nela? — Eu pergunto a Elias calmamente.

— Não tenho certeza. Hmm... deixe-me ver. — Ele coloca as mãos em volta da boca e grita lá embaixo. — Minha querida irmã, podemos confiar em você?

— Depende — ela grita de volta, ainda segurando sua espada. — Você está trabalhando com Salez?

Elias e eu trocamos um olhar confuso. — Acho que não — diz ele. — Por quê?

Aya'zee finalmente embainha sua espada. — Ela assumiu o Castelo Principal.

— O quê? — ruge Elias. Ele bate no meu ombro fervorosamente. — Nos abaixe.

Concordo, sinalizando para Theo pousar. Mas mantenho meus punhais prontos. Isso ainda pode ser uma armadilha. Meu leão também pensa assim. Ele mantém as garras afastadas, observando a tripulação quanto a movimentos bruscos.

Elias salta antes mesmo de tocarmos no convés, correndo para a irmã. — Ouvi dizer que mamãe e papai estão desaparecidos — diz ele. — Eles devem apenas estar em uma missão secreta ou...

Aya'zee balança a cabeça. — Nenhuma missão, irmão. Eles estão desaparecidos. E os Sete Reinos enlouqueceram na ausência deles. Há revoltas e rebeliões por toda parte. Apenas dois dias atrás, recebi a notícia de que Salez e seus apoiadores haviam capturado o Castelo Principal. É por isso que estou aqui. Para pegar de volta.

Ela gesticula para a tripulação e eles retomam suas funções, disparando balas de canhão contra as paredes mais uma vez, lutando para mover o navio para mais perto da costa. Ela anda pelo convés, examinando o trabalho deles, gritando comandos de tempos em tempos como 'levantar âncora', 'abaixar as velas', 'preparar as flechas'. Você sabe, coisas de capitão do mar.

Eu passo ao lado dela e Elias, estendendo minha mão em saudação, tentando parecer o mais digna possível, porque, afinal, eu ainda quero uma promoção. — É um prazer finalmente conhecê-la, Aya'zee.

Ela aperta minha mão, conversando enquanto caminhamos. — Primeiro, me chame de Aya. E segundo, o prazer é todo meu, Iris.

— Você me conhece? — Eu sorrio.

Ela ri. — Que tipo de guardiã eu seria se não mantivesse o controle do Primeiro Caçador? — Ela faz uma pausa. — No entanto, suponho que você seja uma ex-caçadora agora, por ser procurada e tudo.

— Fomos incriminados — digo rapidamente, enquanto Theo pula atrás de mim, ainda em tamanho real, ainda pronto para me proteger com todo o seu ser.

Aya esfrega seu magnífico queixo pálido. Sério, sua pele é macia como creme e branca como marfim. Eu meio que quero tocá-la... mas não devo. Quero dizer... eu não deveria, certo?

O que diabos está acontecendo? Ela está me deixando louca como o irmão dela? Controle-se, Iris. Controle-se.

Mas aquele cabelo prateado...

Argh. Foco.

— Pessoas inocentes geralmente não escapam das masmorras — diz Aya, me olhando com ceticismo.

Espero que não, porque estou fazendo algo estranho, como salivar. Não estou, né? Você me diria se eu estivesse, não é? — Eu limpo minha garganta, usando minha voz profissional. — Bem, normalmente não há pessoas que escapam das masmorras, então...

— Ponto justo. — Ela sorri, sacudindo o chapéu do capitão. — Para ser sincera, gosto de vocês dois. Um de vocês é alta, morena e elegante, e o outro é, bem, meu irmão. — Ela me dá uma piscadela.

Espere agora... a Princesa de Inferna está flertando comigo?

Quero dizer, meu barco não flutua naquele riacho, se é que você me entende, mas se alguém pudesse me guiar em uma direção diferente, acho que seria...

Saia disso, Iris.

Aya ri, como se ela pudesse ler minha mente. — Tecnicamente, de acordo com o voto do conselho, devo prendê-la, mas votei contra sua captura. Então, que

tal fazer isso: você me ajuda a retomar o Castelo Principal e eu a ajudo a chegar aonde quer que vá.

Elias faz uma careta. — Oferta gentil, mas temos uma recompensa bastante grande em nossas cabeças. Sua tripulação pode deixar nosso paradeiro escorregar para...

— Nunca — ela diz claramente. — Minha equipe prefere morrer a trair meu comando. — Eles se enchem de orgulho enquanto ela fala, e vejo em seus rostos que suas palavras são verdadeiras. Bem, provavelmente verdade. Suponho que alguns membros da equipe possam ser bons em atuar. A qualquer custo...

— Então, deixe-me ver se entendi — eu digo, andando de um lado para o outro. — Os verdadeiros criminosos estão no Castelo Principal, correto? — Porque bem, eu realmente estava esperando lutar agora.

— Sim — diz Aya. — Salez é um nobre menor com grandes aspirações. Quando a Rainha desapareceu, ela reuniu suas forças e se aventurou no sul, invadindo todas as aldeias em seu caminho, recrutando mais apoiadores. Agora, ela se senta no trono, imaginando-se governante dos Sete Reinos.

— Aquele poder que agarra um pedaço de sujeira — cospe Elias. — O irmão dela não tentou algo parecido anos atrás?

Aya assente, os olhos distantes. — Salazar. Nosso pai contava a história com frequência. — Ela faz uma pausa, sorrindo com carinho. Então seu sorriso desaparece, substituído por uma carranca fria e dura. — Mas agora, papai se foi, e cabe a nós proteger as pessoas. Então... você está comigo?

Eu levanto minhas mãos. — Olha, eu gosto de proteger as pessoas e tudo isso. Mas eu pensei que isso seria apenas um chute rápido. Agora, é tudo como, pelo nosso pai, pelos reinos, um pouco político demais para o meu gosto, pessoalmente. Então, eu estou pensando, nós apenas pulamos de volta na minha manticora e deixamos esse negócio para você, pessoa bonita.

Ela zomba. — Todo mundo nos Sete Reinos está atrás de vocês. Diga-me, que tipo de senhor da guerra não poderia usar o ouro prometido para sua captura?

— Um... do tipo legal?

A equipe não parece gostar da minha resposta. Um punhado deles se aproxima, mãos em punho. Aya dá a eles um olhar severo e eles se afastam. — Se vocês viajarem pelo céu — ela continua, — vocês serão caçados dia e noite. — Ela aponta para o irmão. — Eu não ligo se você tem ilusão. Qualquer Fae semi-treinado

verá seus truques. O que você precisa é discrição. O que você precisa é do meu navio. O Tubarão Medonho. A embarcação mais rápida em Inferna.

Ela tem um bom argumento.

— E lembre-se — diz Aya. — Se você me ajudar, vai derrubar um tirano. Um ditador mesquinho. Mas alguém com quem não se deve brincar. Alguém que continuará pilhando e matando se não parar aqui e agora. Deixe-a em paz, e Salez fará ainda mais aliados. Ela já trabalha com um grupo chamado Ilimitado.

O ilimitado, não é? O grupo que procura o Primeiro Vampiro e a escuridão eterna? Elias e eu trocamos um olhar significativo. — O que você ouviu sobre eles? — Eu pergunto.

Aya pega uma luneta e aponta para o castelo. — Só que eles parecem gostar de causar problemas. Se você acredita nos rumores, e eu raramente acredito, eles têm espalhado divergências pelos reinos. Encontros secretos. Abastecendo o ódio. Abastecendo as revoltas.

Bem, bem, isso ficou mais interessante. Se Salez está realmente trabalhando com os Ilimitados, precisamos conversar um pouco, de mulher para mulher. Ela pode ter informações sobre a identidade do cavaleiro, e eu preciso dessas informações o mais rápido possível.

— Ok — eu digo, segurando minha adaga com força. — Estou dentro.

Aya sorri diabolicamente. — Muito bem. Eu tenho um pequeno exército entrando em terra. Eu preciso que você...

Eu pulo em Theo e o aponto diretamente para o castelo, minha capa chicoteando ao vento. Aya pode ter um plano, mas eu tenho o meu. Isso se chamará dizimação. Ou talvez Iris e o Castelo Principal. Ou talvez... ah, quem se importa. Vamos fazer isso.

Trilha sonora épica.

Dun... Dun... Dun Dun Dun... Dun...

Arqueiros disparam em minha direção.

Theo foge, espiralando pelo céu.

Eu beijo o topo de sua cabeça para dar sorte e então pulo, mergulhando em direção às fortificações, ganhando impulso quando eu caio.

Os soldados vampiros, cerca de duas dúzias deles, me encaram como se eu fosse louca.

— Isso é Iris — um deles grita. — *Íris?*

— Sim, a primeira caçadora.

— Eles dizem que ela envenenou o próprio tio.

— Eles dizem que ela se move como o próprio diabo.

Aterrisso entre eles, empunhando meus punhais como um mestre, rasgando suas defesas. Metade deles foge imediatamente, a outra metade eu desarmo em um instante. Pobres vampiros. Nenhum deles está acima do nível cinco. Seus movimentos parecem câmera lenta para mim.

Eu corro para o castelo, desarmando qualquer um no meu caminho como...

Bam.

Swoosh.

Kaboom.

E... oh meu Deus, o castelo é ainda mais bonito por dentro. Tapeçarias representando grandes batalhas estão penduradas em todas as paredes. Videiras verdes entrelaçadas com flores roxas caem do teto. Aromas suaves flutuam pelo ar. É um pouco úmido e solitário. Se dependesse de mim, eu decretaria imediatamente, um gatinho em cada quarto. Gatinhos para todos!

Oh certo, a batalha. Luto até a sala do trono. A segurança não é tão rigorosa, na verdade. Apenas algumas dezenas de guardas, metade dos quais fogem.

Ao me aproximar do centro da fortaleza, um mau cheiro enche o ar e manchas vermelhas começam a cobrir o chão. Cadáveres pendurados, presos às paredes, os olhos arregalados. Um aviso de um conquistador.

Eu chuto uma porta gigante, entrando no salão principal. É uma sala enorme com muitas janelas, banhando as paredes com luz dourada. Um tapete vermelho corre ao longo do chão. Um lustre de cristal gigante está pendurado no teto. E no final da sala estão dois tronos. Coisas antigas esculpidas em mármore preto, gravadas com símbolos de Fae e vampiro. Assentos do rei e da rainha supremos de Inferna. Mas hoje, uma cadeira está vazia. Na outra, uma mulher frágil, com a pele pálida e afundada. Ela segura uma espada grande demais para as mãos e veste um casaco de pele preto mais adequado ao conforto do que ao combate. Ela não parece conquistadora, exceto por seus olhos. Eles são rápidos e ferozes, como um raio esperando para atacar.

— Salez — eu digo, apontando minha adaga para a frente. — Abaixe sua espada e entregue o castelo ao seu legítimo herdeiro, Aya'zee Vane Spero.

Salez morde o lábio e cospe aos meus pés. Um grande maço de gosma nojenta. — Então a Princesa Medonha enviou você, não é? Muito bem. Seja rápida, primeira caçadora. Eu não vou morrer implorando. — Ela estende o pescoço, olhando para mim.

Exceto que eu não mato pessoas. Ninguém recebeu o memorando sobre isso? Sheesh. — Fale sobre o Cavaleiro Branco — eu ordeno, caminhando para frente, diminuindo a distância entre nós.

— A história?

— Você sabe que ele não é uma história — eu assobio.

Ela ri. — Ele não pode ser os dois? História e homem?

— Você quer dizer que ele é realmente a criatura? — Eu pergunto. — A criatura das lendas?

Ela ri, e sua risada se transforma em tosse. — Você pensa que está do lado certo, não é? Lutando pela rainha e rei? Os governantes legítimos? Mas ouça isso... todos vocês foram enganados. O rei e a rainha têm um segredo. Eles pensaram que poderiam esconder seu mal das pessoas, mas, em vez disso, apodreceu, crescendo como um câncer. Eu descobri a verdade. O cavaleiro me disse. Ele é o acerto de contas por vir. E agora, Inferna sofrerá os pecados de seus governantes. Sofrerá para que possa nascer de novo.

— Qual segredo? — Eu rosno.

Ela ri de novo.

— Quem é o Cavaleiro Branco?

Sua gargalhada se transforma em tosse. — Você é um peão, garota. Você nem vê o jogo sendo jogado. Vocês...

— Quem é ele? — Eu rujo, e algo se encaixa dentro de mim. Uma energia enche meus ossos, e eu a agarro pela gola, levantando-a no ar.

Ela congela, examinando meus olhos. — Talvez não seja um peão — ela diz suavemente. — Mas uma rainha. Muito bem, vou lhe contar...

Uma flecha atinge seu pescoço.

Sangue jorra da boca dela.

Largo Salez e olho as janelas. Quem atirou nela já se foi. Quando volto minha atenção para a mulher, ela está morta, com a traqueia quebrada, os olhos olhando fixamente para o céu.

Eu os fecho, sussurrando a oração de um caçador por sua alma, depois saio em busca do castelo. Não há nada fora do comum para encontrar, e logo as tropas de Aya protegem a fortaleza. Quando o sol começa a se pôr, volto ao Tubarão Medonho com Theo.

— Você está machucada? — Elias pergunta com ternura, seus olhos fixos no sangue que cobre minha capa.

— Não é meu — digo simplesmente, inclinando-me contra o mastro, minha mente entorpecida.

Aya e uma dúzia de sua tripulação bebem de grandes canecas cheias de espuma, torcendo e brindando à vitória. Quando a princesa me vê, ela caminha, sorrindo com charme. — Iris — ela diz alegremente. — A heroína conquistadora.

Eu não retribuo o sorriso dela. Eu não me sinto um herói.

Ela suspira, dando um tapinha no meu ombro. — Eu também seria mais parecida com você agora, se não tivesse que fazer um show para a equipe. Mas eles precisam saber que o que fizeram hoje estava certo. Eles precisam saber que podem matar e ainda assim sentir felicidade depois. Porque no final, eles precisarão fazer isso novamente. — Ela faz uma pausa. — Lembre-se, graças a você, o castelo foi tomado com baixas mínimas. Tenha orgulho disso, pelo menos. Não deixe que a miséria a engula por inteiro.

Respiro fundo, tentando acalmar os nervos internos. — Apenas... cumpra o final da barganha.

— Certo. Sobre isso... — Aya puxa sua espada, apontando para minha garganta. — O conselho envia seus cumprimentos.



13

Interludio

Escrito por Elias Vane Spero

Ilustrado por Elias Vane Spero

O Príncipe das Trevas chega em casa

Uma meditação sobre imortalidade e moralidade.
O lamento de um vampiro.

É isso aí. Estou escrevendo minha narrativa. Tudo tem sido Iris isso, Iris aquilo. É hora de focar a história no que realmente importa.

Eu.

Elias Vane Spero.

Sou o número um na lista de mais procurados há anos. Eu procurei a Espada do Luar por décadas. É o meu sangue que o Cavaleiro Branco quer. Claramente, eu sou a verdadeira estrela deste livro. A pessoa mais interessante da página. A *pièce de résistance,* por assim dizer.

O que é isso, bom companheiro?

Você quer voltar para Iris? Quer ver o que acontece depois que minha irmã puxa uma lâmina na outrora Primeira Caçadora?

Tudo um absurdo realmente. Insignificante.

O que realmente importa sou eu. O que eu tenho feito. Veja bem, enquanto Iris estava assumindo o comando de um castelo, devo dizer esplendidamente, eu estava vasculhando o navio conhecido como Tubarão Medonho, procurando pistas sobre as verdadeiras intenções de minha irmã. Sim, eu posso ter encontrado um frasco pelo caminho, e sim, talvez tenha emprestado essa capa de lã preta e colete de couro sem perguntar, assim como adquirido alguns itens mais peculiares, mas o ponto é...

Encontrei alguma correspondência entre Aya e o conselho. Parece que minha querida irmã está ocupada escrevendo cartas para Thalius de uma natureza desonesta. Os dois estão planejando, ao que parece, embora seja difícil decifrar o plano exato. Os principais detalhes que posso reunir são...

Um: Aya estava no Lótus Preto durante o tempo em que Sly foi envenenado.

Dois: Thalius sabe que Iris e eu estamos no Tubarão Medonho.

Então, quando minha querida irmã aponta uma espada para a garganta de Iris, não fico de forma alguma surpreso. Ela pode ser uma Spero, mas também é uma Vane. Traição corre em nosso sangue.

Claro, eu me preparei para essa ocasião. Puxando minha espada, uma coisa lamentável que peguei lá no Lotus, aponto minha lâmina para Aya. — Qual o significado disso? — Eu rujo dramaticamente. Eu devo vender minha surpresa, afinal.

Minha irmã zomba. — Foi divertido usar você para retomar o Castelo Principal, mas é hora de você voltar para sua cela.

Sua equipe, um grupo incomparável de homens e mulheres que parecem puxados das ruas mais escuras, aplaude, grita e sorri, puxando suas lâminas rudes. Isto é o que eles queriam desde o início. A recompensa pelas nossas cabeças. Eles apenas adiaram nossa captura para que Iris pudesse ajudá-los a vencer a batalha. Muito esperto, embora, claro, tenha sido ideia de Aya desde o início.

Iris parece louca como o inferno, sua sobrancelha comprimida da maneira mais deliciosa. — Você me usou.

— Por uma boa causa — diz a princesa. — Agora, se você tiver a gentileza de me seguir até a prisão abaixo. — Sua equipe se aproxima como se dissesse, *ou então...*

Pelo menos, eles tentam se aproximar.

Um deles, um homem grande, vestindo uma camisa branca muito apertada, (sério, onde há um alfaiate adequado quando você precisa de um?) cai para a frente, os joelhos batendo no chão com uma pancada forte, a caneca derramando sobre o convés. A mulher ao seu lado cai em seguida, apertando o estômago. O jovem atrás dela tropeça, batendo no mastro e ficando inconsciente. Um a um, o resto da equipe segue, caindo em um sono profundo.

Eu fingiria surpresa, mas não há necessidade neste momento.

Aya aperta o estômago, fazendo uma careta. — Você... você drogou o rum.

Eu lhe disse que estava preparado, não disse, bom companheiro?

— Sim, querida irmã — eu digo, embainhando a espada que nunca pretendi usar.

— Onde você conseguiu a poção? — ela pergunta, os joelhos tremendo sob o peso dela.

— Do seu próprio estoque pessoal, é claro — eu digo, sorrindo, dando um passo à frente até que nossos rostos estejam a centímetros de distância. — Foi muito simples entrar furtivamente em sua cabine particular, adquirir as mercadorias, depois esgueirar para baixo do convés e... digamos, temperar os barris de rum. Você está ficando enferrujada, minha querida. — Eu dou um tapinha em sua bochecha quando seus olhos começam a fechar.

— Suponho... que isso ainda funciona com o meu plano — diz ela, com a voz grossa.

Iris gira suas adagas, Theo rosnando a suas costas. — Seu plano de nos entregar a Thalius?

A princesa ri. — Eu ia libertá-los, idiotas.

— Certo — Iris diz sarcasticamente, — E eu ia assar um bolo que dizia: Obrigada por nos trair. Não!

— Oh, ela está dizendo a verdade — eu digo com o charme que vem tão facilmente para mim. — Aya iria nos libertar.

A princesa franze a testa. — Você sabia? Então por que...

— Eu tive que drogar todos os barris, querida irmã. Claro, eu poderia ter avisado antes que você bebesse o rum. Mas ainda lhe devo uma pela vez em que você roubou minha calça.

Ela ri da lembrança. — As empregadas do castelo não pareciam se importar.

— Não, acho que não — digo, lembrando minha juventude com carinho.

Iris balança a cabeça. — Estou confusa. Se você ia nos libertar, por que a charada? Você disse que essa equipe prefere morrer a traí-la.

— Você está brincando comigo? — Aya ri. — Eles são apenas alguns mercenários que eu peguei na minha jornada. Eu apenas disse isso para mantê-los alinhados. Eles me amarrariam na âncora se realmente pensassem que eu os deixaria ir. Eu os convenci de que eu os manipularia para nos ajudar a tomar o castelo e depois os trancaria em nossa prisão. Na realidade, eu deixaria vocês escaparem em um pequeno barco e... — Ela faz uma pausa, ajoelhando-se. — Mas acho que isso é ainda melhor, não é? Dessa forma, ninguém pode dizer que eu estava a par da sua fuga. Bem jogado, irmão.

Eu faço um arco elegante. É sempre bom receber apreciação onde ela é devida.

Iris coloca as mãos nos quadris. — Então o que, quando ela acordar, pode 'fingir' tentar nos caçar para o conselho?

Eu levanto minha mão. — Exatamente, e enquanto ela está fingindo nos procurar, Thalius e seu pessoal se concentrarão em outros assuntos. — Faço uma pausa, estudando minha irmã que não via há tanto tempo, deitada ali contra o mastro, com o rosto tão calmo. — Não se engane, caçadora. Aya não é um peão. Se ela está se correspondendo com o conselho, está jogando sem o conhecimento deles. Ela sempre gosta de segurar as cordas, minha irmã. É assim que sei que ela não vai nos trair.

A Princesa Medonha sorri. — Você me conhece bem, irmão.

Eu seguro seu rosto suavemente enquanto ela desliza para o chão. — Descanse agora, querida irmã. Espero te ver em breve.

Os olhos dela ficam nublados. — Você se foi há muito tempo, Elias. — Há uma pausa enquanto nós dois consideramos o que minhas escolhas custaram à nossa família, mas é de curta duração, já que ela está prestes a desmaiar e ainda tem palavras na língua. — Vá para o convés. Puxe uma lanterna na parte de trás do navio, terceiro nível. Lá você encontrará seu barco. — Ela sorri e, finalmente, seus olhos se fecham enquanto adormece.

— Agora — eu digo, de pé e admirando meu trabalho útil – como todas as pessoas desmaiaram no navio. — Hora de ir. — Vou para o convés, passando por todo tipo de sujeira inconsciente. Perto da parte de trás do Tubarão Medonho, com algumas observações cuidadosas, descubro a lanterna apropriada, puxo e... e eis que uma porta secreta se abre, e lá está o nosso barco de fuga, um pequeno barco cheio de comida, pacotes de sangue, mapa de Inferna, e peles extras para o frio.

— Veja — digo, desatando o barco e me preparando para abaixá-lo na água através de uma escotilha aberta abaixo. — Aya falou a verdade.

Iris cruza os braços, um gatinho Theo empoleirado no ombro. Ela faz beicinho com os lábios de uma maneira carinhosa. — Certo. Ou ela está apenas brincando com você.

— Talvez — eu digo, enquanto nós dois subimos no barco pequeno demais. Estamos muito apertados por espaço, nossos joelhos quase se tocando quando nos sentamos um de frente para o outro. Eu uso um sistema de polias para nos rebaixar às ondas. Há um par de remos a bordo para emergências, mas não

precisaremos deles. Eu aceno minha mão, e pronto, o barco começa a deslizar pelas águas escuras por conta própria, aproveitando o tempo.

Iris pode fazer isso, bom amigo?

Não, ela não pode. E agora você está começando a entender o verdadeiro protagonista deste conto.

— Impressionante — diz a caçadora, recostando-se na frente do barco, descansando a cabeça em um monte de peles, Theo abraçando-a debaixo do braço. Ela olha para as estrelas e as três luas da minha terra natal.

— As vantagens de ser um Shade — digo modestamente. — A magia dos Fae, a força do vampiro. E, claro, as desvantagens de ambos.

— Não é divertido no sol da Terra? — ela pergunta de brincadeira.

— E desejo de sangue — acrescento. — E, claro, há minha aparência e atração não naturais.

— Isso é uma desvantagem? — ela pergunta, ceticismo familiar em seu lindo rosto.

Eu aceno sombriamente. — Até um dom pode ser uma maldição, Iris. Todo mundo, não importa quão gentil e puro, me vê como um objeto primeiro, uma pessoa depois. Por mais que eu tente, não consigo parar o efeito que tenho sobre os outros. O jeito que eles anormalmente me anseiam, o jeito que eles precisam do meu corpo acima de tudo.

Espero que ela ria. A maioria ri quando ouve o meu lado da história. Mas, em vez disso, ela inclina a cabeça para o lado, calmamente considerando minhas palavras. — Foi intenso no começo — diz ela lentamente. — Esse poder sobrenatural que você tem sobre os outros. Mas quanto mais tempo passo com você, menos isso me afeta. — Ela faz uma pausa. — Talvez eu esteja desenvolvendo uma imunidade.

Suspiro, tendo ouvido essa parte antes. — Como se fosse um veneno.

Ela balança a cabeça, olhos pensativos. — Como se fosse eu mesma.

Eu pisco, assustado com a resposta dela.

— Afinal, — ela continua, — é minha própria resposta emocional que é super estimulada. Meus próprios desejos que nublam minha mente. Quanto mais tempo passo com você, mais controle eu desenvolvo sobre mim mesma. — Ela encolhe os ombros casualmente. — Pelo menos, eu gostaria de pensar assim.

Ela prefere carregar a culpa?

Outros estão sempre ansiosos para jogar isso em mim. Mas não essa mulher. Acho estranho e reconfortante. Estranho e sedutor ao mesmo tempo.

Pela primeira vez, sinto vontade de compartilhar mais do que recuar. — Você já esteve em Inferna antes? — Eu pergunto.

— Sim — ela diz com um bocejo, — mas apenas muito brevemente, para pegar um alvo. Eu não me aventurei muito.

Ela está cansada, eu percebo. Adormecendo. Meu tipo não exige descanso tão frequentemente quanto os humanos, então às vezes esqueço o quanto as necessidades de seus corpos frágeis determinam sua agenda.

— Conte-me sobre sua casa — diz ela calmamente, fechando os olhos.

Desenrolo o mapa de couro de Inferna. Não para o benefício dela. Mas por minha conta. Para não me lembrar dos locais, aqueles que eu queimei em minha mente. Mas contemplar a forma do meu mundo, sentir o tecido e imaginar que é a boa terra escura que uma vez chamei de minha.

Eu espalhei minhas mãos sobre o mapa, apontando de um lugar para outro, falando como eu. De vez em quando, Iris inclina a cabeça na minha direção, deixando-me saber que ela ainda escuta. Falo sobre Inferna. Como é feito de sete reinos. Sete anéis que espiralam um ao redor do outro. No centro fica o Castelo Principal. De lá, os canais correm em todas as direções.

Norte...

Sul...

Leste...

Oeste...

Conectando todos os cantos do mundo. Unificando terras tão variadas e diversas quanto seu povo. Os Sete Reinos, cada um com o nome de um dos pecados capitais.

Cada um com o nome de um dos filhos de Lucian. Os príncipes do inferno originais.

O primeiro anel de terra, no qual estamos entrando agora, é o reino da ganância. Embora esteja escuro, posso distinguir o mercado onde eu comprava bugigangas com dinheiro que economizei cortando lenha para meu pai. Depois das dunas de areia, vejo a grande catedral construída em arenito, onde subia muito alto e caía muito. Uma vez, antes de eu nascer, meu tio Niam, príncipe da ganância, governou esta terra. Disseram-me que ele era um homem vil que só se importava

com ouro e escravos e por seus pecados, ele morreu durante a Guerra da Meia-Noite. O grande conflito que finalmente trouxe paz entre vampiros e Fae. Agora minha irmã, Aya, governa a terra, gerenciando as finanças dos Sete Reinos quando encontra tempo.

O deserto desaparece, abrindo caminho para árvores tropicais e plantas exuberantes e vibrantes. Estamos entrando no reino da luxúria. O lugar que nunca dorme. Aqui, uma música rítmica profunda toca a noite toda, enquanto mulheres com pouca roupa, envoltas em prata e ouro, bebem vinho na praia, e outras nadam nuas na água, gritando e uivando para as luas. Os homens se juntam a elas, seus músculos oleosos brilhando sob as luzes ardentes das tochas. Por muitos anos, eu não fui permitido neste reino de prazer e decadência. Mas isso não significa que eu não saí furtivamente, jogando cartas com o tio Dean, príncipe da luxúria e governante deste reino, enquanto ele me ensinava os caminhos do mundo. Este reino esconde segredos de mais substância do que a autoindulgência em exibição, pois meu tio também é colecionador de artefatos e mistérios. Ninguém conhece o mundo antigo como ele.

O cheiro perfumado dos perfumes diminui com o vento, substituído pelo cheiro de fogo, óleo e fumaça. E assim chegamos ao terceiro círculo. O reino da Preguiça, onde os funileiros trabalham dia e noite para dar vida a maravilhosas invenções. Eles são liderados pela maior mente do mundo, tio Ace, príncipe da preguiça, o homem que me ensinou a construir meu primeiro barquinho de papel. Eu gosto de imaginar que ele está lá agora, trabalhando em um novo projeto para facilitar a vida de outras pessoas. Ele é a razão pela qual as pessoas em Inferna dizem: — Se você quer algo rápido, deixe para uma pessoa preguiçosa.

A água fica mais dura, o vento mais frio. Quanto mais você viaja do centro de Inferna, mais o calor e a secura desaparecem, substituídos por ar fresco e um frio intenso. Chegamos ao reino da gula, onde meu tio Zeb cultiva a maior parte da comida para todo o reino, dando festas esplêndidas, enquanto os pescadores navegam em águas perigosas, evitando as falésias escuras que pontilham esta terra.

As águas se acalmam. O vento se acalma. E a neve começa a cair do céu, pontilhando minha capa escura com seu toque gentil. Chegamos ao reino da Inveja. Além daqui, ainda está o reino do Orgulho, com suas torres brancas imaculadas e estandartes roxos, e mais adiante encontra-se o reino da Guerra, uma terra

selvagem e indomável de onde meu pai é originário e onde ele e minha mãe se apaixonaram. Aya e eu frequentemente nos escondíamos na floresta quando crianças para praticar nossa caça e sobrevivência no deserto. Nós nos achamos tão espertos, nunca percebendo que o lobo de meu pai, Barão, não estava lá como um animal de estimação peludo, mas como protetor e embaixador de nossos pais. Não éramos tão inteligentes quanto imaginávamos.

Mais longe ainda estão as Terras Distantes, um lugar ainda não reclamado pelo reino, e um lugar que nem Aya e eu ousamos ir em nossas aventuras juvenis. Essa é a verdadeira natureza selvagem, onde as leis de Inferna e seu reino irmão Avakiri não se aplicam. Onde o domínio dos meus pais nunca se estendeu. Onde vampiros, Fae e Shade vivem na ilegalidade, sempre em guerra entre si e com eles mesmos.

Mas não iremos mais longe esta noite. Pois o reino da inveja é o meu reino. É onde encontraremos o Castelo Vermelho. A casa que eu abandonei há muito tempo.

Um lobo uiva à distância, um som tão fraco que não tira Iris ou Theo do sono. Mas olho para as luas e ouço, aproveitando os sons da noite que apreciei quando criança. Algo se mexe no canto do meu olho, e sigo o movimento até sua fonte.

Um lobo branco está parado na praia congelada, olhando para mim com penetrantes olhos azuis. É maior do que qualquer animal do gênero, suas garras são grandes o suficiente para rasgar um homem ao meio. Não pode ser... mas eu conheceria aquele lobo em qualquer lugar. Lembro de correr com ele pelos jardins do Castelo Principal, brincando na praia, seguindo a besta enquanto seguia meu pai, sempre ao seu lado, os dois inseparáveis, exceto quando ele agia como guarda e babá de Aya e eu...

— Barão? — Eu sussurro.

O lobo inclina a cabeça e depois caminha em direção à floresta, onde árvores escuras cobrem a neve na sombra.

— Espere — eu grito.

Mas ele não espera.

Enfeiticei o barco para chegar à costa e pulei na terra, a terra esmagando sob minhas botas. Não desejo acordar Iris por um simples capricho, mas não posso deixar ela e Theo indefesos, então aperto minhas mãos e sussurro as palavras dos

antigos Fae, convocando guardas em torno de nosso navio. Se algum perigo se aproximar, eles acordarão a caçadora e a manticora, além de me alertar. Com minhas proteções no lugar, corro para a floresta, seguindo as pegadas de lobo na neve.

Não demorou muito para chegar ao meu destino. Uma caverna na floresta, protegida da nevasca que começa a se formar. O lobo branco, Barão, fica do lado de fora, olhando para mim com olhos suplicantes. De perto, vejo que ele está ferido, marcas vermelhas se espalhando por sua barriga. Ele deve ter lutado com outro animal. Algo muito maior e mais poderoso do que ele.

Eu sigo o lobo para dentro da caverna, minha visão aprimorada me permitindo ver na escuridão. Não precisamos viajar muito, pois o espaço é pequeno, um aconchegante covil de pedras e folhas. No escuro, algo se mexe.

— Pai? — Eu sussurro.

Esperando que ele esteja ao lado do lobo mais uma vez.

Mas meu pai não está aqui.

Em vez disso, Barão fica de pé sobre um cadáver enorme, choramingando e choramingando. É outro lobo, eu percebo. Uma fêmea. A companheira dele.

E ela está morta.

Morta pela criatura que os atacou.

Mas por que me trouxe aqui, Barão? Não há nada que eu possa fazer por ela.

Ele cutuca minha mão com o nariz molhado, me chamando para mais perto. Eu me agacho, estudando a grande loba, e então vejo movimento.

Perto de sua barriga, aconchegando-se ao pêlo, jaz um filhote jovem, com o pelo preto como a noite. O lobo lamenta quando ele me vê, agarrado à mãe dele.

— Está tudo bem — eu sussurro, pegando o filhote em meus braços. É macho, eu percebo. Ele está muito pequeno, seu corpo desnutrido e fraco, mas ainda encontra energia para lamber minha palma, seus olhos azuis encontrando os meus.

Barão esfrega a cabeça na do filho.

— É por isso que você me chamou, não é, garoto? — Eu pergunto.

O grande lobo simplesmente inclina a cabeça e depois se deita ao lado de sua companheira, envolvendo o rabo em volta do dela. Suas feridas são muito

grandes, eu percebo. Ele não teria sido capaz de manter o filhote seguro. E com uma respiração final, ofegante, o lobo branco cresce, sua vida o deixando.

Meu coração se aperta quando a dor atinge. Mas eu sei que ele voltará. Por que Barão é um espírito dessas terras. Uma criatura da terra. Eu o acaricio enquanto ele desaparece, sussurrando sons de conforto, e o lobo gigante se transforma em cinzas sob minhas mãos, se afastando ao vento.

— Vejo você em breve, garoto — eu digo, olhando para as luas, esperando que ele encontre meu pai novamente. Esperando encontrar os dois.

Algo rosna atrás das árvores, galhos estalando sob seu peso enquanto se aproxima. Parece que a fera pegou meu perfume e voltou para mais presas. Vem devagar. Um Akula, um monstro três vezes maior que eu, com a respiração embaçada, os dentes pingando sangue. A criatura tem o corpo de um urso enorme e a cabeça de leão e não usa pele, seus músculos e ossos expostos aos elementos. Quando se ergue sobre as duas patas traseiras, se ergue sobre mim, sua língua viscosa balançando ao vento frio e amargo.

Aperto o filhote de lobo perto do meu peito, encarando a fera nos olhos. — Você nunca deveria ter retornado — eu digo, arreganhando os dentes. — Este filhote é meu.

O Akula ataca, caindo sobre mim com suas garras. Coloco o lobo atrás de mim no chão, protegendo-o com meu próprio corpo. A fera rasga minhas costas, rasgando minha capa em pedaços, descascando minha carne dos meus ossos. Eu rujo através da dor e me jogo sobre a criatura, lutando com minhas mãos nuas, mordendo seu pescoço, apontando para sua jugular. Não sei quanto tempo lutamos, mas, no final, estou ensopado de sangue, com a cabeça febril, os músculos em chamas, enquanto estou sobre o predador morto, a neve vermelha se acumulando aos meus pés. Há uma tristeza em mim por derrubar um animal tão grande. Mas eu o avisei.

Esse filhote é meu.

O lobo corre para meus braços, se contorcendo e implorando. Eu sussurro em seus ouvidos uma música que meus pais sussurravam para mim, e eu o abraço enquanto caminho pela noite, me perguntando para onde meu pai e minha mãe foram. E se eu vou encontrá-los vivos.

Ou como Barão e sua companheira, nas garras da morte.



14

Duque

Estou de volta. Sua garota Iris está em casa. Desculpe por essa interrupção, a propósito. Elias parece ter inserido algumas páginas no meio da minha história. Bastardo atrevido. Hora de continuar a história que realmente importa.

A minha.

Ah, e eu tenho que fazer um despejo maciço pelo caminho. Enorme. Então desvie o olhar, passarinho. Desvie o olhar...

Lá. Tudo melhor. Exceto...

Parece que Aya esqueceu de colocar papel higiênico no barco de fuga. Muito bem, uma folha deve servir. Talvez duas. Talvez três. Foi enorme, ok?

Estou quase terminando, então não se estresse, passarinho. E não aja tão enojado. Você faz a mesma coisa quando acorda de um longo sono, admita. No entanto, espero que você tenha acesso a tecidos mais macios para o seu toalete. De qualquer forma, eu não deveria ter que esconder essas coisas de você. Somos amigos, não somos? Só tenho que manter a merda real aqui. (Você pegou o trocadilho? Sim, você pegou!)

Estou feliz que Elias não esteja por aqui. É um fedor.

Falando nele... onde ele está?

Levanto as calças, olhando em volta. Aha. Pegadas!

Pegadas de lobo. Impressões anormalmente grandes de lobo. E botas. Apenas um par. Elias.

Ele foi caçar?

Eu considero segui-lo, mas eh. Eu mudei de ideia. O Príncipe das Trevas pode lidar com uma caçada, e eu não vou comer carne crua, então que tal eu acender uma fogueira. Leva apenas um momento para reunir lenha e encontrar um local protegido da nevasca crescente. Um círculo de pedras enormes, alcançando o céu.

Organizo a madeira em uma pirâmide.

Theo ajuda, e com ajuda, quero dizer, supervisiona meu trabalho enquanto ele está deitado em um pedaço de neve, sorrindo. Juro que ele está pensando: 'Mais rápido humana. Mais rápido!

Pego um isqueiro da minha capa e...

Espere. Isso não é um isqueiro. Isso é um pedaço de pederneira.

Hmm. Parece que Inferna é anti-tecnologia, como o Lótus Preto, mas ainda pior. Tipo, substituiu meu isqueiro por uma pedra. Eu me pergunto o que isso fez com o meu celular.

Oh merda, é um diário de couro com meus contatos escritos. Você está brincando comigo? Onde estão meus aplicativos? Meus jogos? Vou perder meu check-in de bônus diário. Droga.

Inferna não é legal, não é legal. Não é de admirar que as pessoas chamam esse lugar de inferno.

Eu golpeio minha adaga contra a pedra, formando faíscas para iniciar o fogo. Theo se aproxima, deitando no meu colo enquanto assistimos as chamas dançarem à noite. Minutos passam. E com tanto silêncio, minha mente divaga. Para Sly, de volta às masmorras. Para Callie, fugindo em algum lugar. Para comida. Cara, estou morrendo de fome. Por que Elias ainda não voltou? E se ele...

O Príncipe das Trevas sai da floresta.

E ele está nu.

Tipo... bunda nua.

Seu corpo pingando água.

Seus músculos brilhando na luz.

Ele caminha em minha direção, suas pernas poderosas o carregando facilmente, seus abdominais se torcendo a cada movimento, puxando meus olhos para baixo... mais baixo... mais baixo...

Isso é um filhote?

Elias segura um filhote de lobo preto nas mãos, tão pequeno que cabe na palma da mão.

Esfrego o queixo, tentando manter os olhos na bola de pelo fofa e em nenhum outro lugar. — Então... estou um pouco confusa sobre que série de eventos levou a isso — eu digo, gesticulando para sua forma impressionante.

— Eu precisava de um banho — diz ele simplesmente, parado junto ao fogo.

Ele está.. bem, ele está próximo. Eu tenho que me virar para... você sabe, evitar ver as partes divertidas, por assim dizer.

— E o filhote de lobo? — Eu pergunto, limpando minha garganta. — Você encontrou uma loja de animais na floresta?

— Ele precisava de ajuda — diz Elias. Ele se aproxima. — Eu esqueço o quanto os humanos têm problemas com a nudez. Em Inferna, não temos esses problemas.

— Claro — eu digo, respirando rapidamente. Quero dizer, está quente, certo? Esse fogo é realmente eficaz.

— Vou ver se o barco tem roupas extras — diz o príncipe.

— Certo. Porque a sua magicamente desapareceu aparentemente.

— Elas foram destruídas. — Ele passa por mim e, pela primeira vez, vejo suas costas. Marcas de garras rasgam seu corpo, revelando carne e osso e pedaços de pele pendendo frouxamente.

— Puta merda — eu grito. — O que aconteceu?

— Eu enfrentei uma criatura na floresta. Procurou matar o filhote.

— Então — eu fecho minhas mãos juntas. — Você saiu para salvar um bebê lobo?

Ele levanta uma sobrancelha, procurando através das malas no barco. — Por que você achou que eu fui embora?

— Definitivamente não por esse o motivo — digo. — Precisamos curar suas costas.

— Eu vou ficar bem — ele diz. — Eu já estou curando.

Ele está, mas devagar. As feridas matariam um humano. Provavelmente a maioria dos vampiros. Não tenho certeza de como ele ainda está andando. — De jeito nenhum — eu digo, em pé, com as mãos nos quadris. — Eu preciso de você nas melhores condições, caso o Cavaleiro Branco apareça novamente, então corte as besteiras dos durões e me traga algumas bandagens.

Ele pega um pouco de uma mochila e se vira e...

Oh, Deus.

Eu não quis ver isso.

Quero dizer...

Eu totalmente teria desviado o olhar se pudesse, ok? Eu totalmente teria desviado o olhar.

Elias sorri.

Bastardo orgulhoso.

Oh, Deus. Eu não quis dizer orgulhoso agora. Ok? Eu não quis usar essa palavra específica enquanto observava sua impressionante... hum... parte do corpo... e tentava... hum...

O que eu estava dizendo de novo?

Elias ri, puxando um cobertor de pele do barco e enrolando-o na cintura. O bastardo já estava pronto.

Ele caminha para o meu lado e senta em uma pedra perto do fogo, segurando bandagens em uma mão, um filhote na outra.

Eu puxo um frasco verde da minha capa, meio que esperando que tivesse se transformado em argila, mas não, ainda é a mesma pomada de cura, e começo a aplicá-la nas costas do príncipe. — Isso doí? — Eu pergunto.

— Não — diz ele, sua voz fria, seu corpo parado, exceto por suas respirações superficiais.

— Mentiroso — eu digo, mas minha voz não tem convicção. Ver as costas dele está me causando dor. Só posso imaginar o que ele está sentindo.

Theo se aproxima cautelosamente, cheirando o novo filhote de lobo. O filhote geme, seu rabo balançando descontroladamente enquanto se estudam.

— Qual o nome dele? — Eu pergunto, passando a mão sobre um pedaço de pele lisa. Meus dedos ficam quentes com o toque, e eu me afasto por um segundo, agarrando mais pomada.

Elias olha para o fogo, sua mente em algum lugar distante. — Duke — ele diz finalmente, colocando o filhote no chão. Duke corre até Theo, farejando o gatinho por toda parte.

A pequena manticora parece cética a princípio, depois dá um tapinha na cabeça de Duke, e eles começam a brincar, torcendo na terra, arranhando e mordiscando o pelo do outro.

Eu sorrio com suas travessuras. — O rapaz parece importante para você.

— Meu pai tinha um lobo — diz Elias, como se isso explicasse tudo.

Embora talvez sim. — Eu ouvi sobre isso — digo, lembrando uma história que o tio Sly gosta de compartilhar. — Barão, certo?

Elias assente. — Esse é o filho dele.

— Hã. — Olho para o filhote mordendo a orelha de Theo. — Você realmente tem que explicar mais, sabe.

Ele não diz nada.

Aplico pomada em uma área particularmente crua, como uma situação em que posso ver suas costelas. Ele não vacila nem uma vez. Não faz barulho. Este homem já viu dor antes. Dor que não posso começar a imaginar. E eu morri tipo, pelo menos cinquenta vezes, de várias maneiras horripilantes, então isso diz algo, passarinho. Isso está dizendo muitas coisas.

— Você disse que seus crimes foram exagerados — começo suavemente. — Mas como alguém pode exagerar no assassinato?

— Eu matei em legítima defesa — diz ele, com as mãos em punhos. — Destruí aqueles que procuraram me destruir primeiro.

— Como?

— Como assassinos enviados para matar o segundo filho do rei supremo e da rainha de Inferna.

Faz sentido, mas... eu aperto meu queixo. — E o massacre?

Ele zomba, um som gutural sem alegria. — Eu fui incriminado.

Suspiro, desejando que ele tivesse dito algo mais. Qualquer outra coisa, realmente. — Para não parecer rude, mas eu já ouvi isso antes.

— Eu não estava lá — ele rosna, seus músculos tensos sob as minhas mãos.

— Mas eles dizem que você matou um guarda e uma dúzia de observadores.

— Eu não estava lá — ele repete, batendo com o punho contra a pedra. — Talvez alguém tenha usado ilusão.

Esfrego a pomada profundamente em suas feridas. — Mas os sobreviventes eram três observadores altamente treinados. Eles teriam visto através do feitiço.

Ele encolhe os ombros. — Talvez eles tenham mentido. Como Thalius está mentindo sobre você.

Eu congelo, quase deixando cair o frasco. O conselho não é o que eu pensava. A Ordem, da qual eu tinha tanto orgulho de fazer parte, está cheia de traição e engano. Uma parte de mim ainda não pode aceitar a verdade. A verdade de que todo o meu treinamento, todo o meu trabalho duro, estava a serviço de um grupo com intenção maliciosa.

— Eles não são todos corruptos — diz Elias, como se ele pudesse ver dentro do meu coração. — Alguns deles são bons. Os criminosos que você perseguiu eram reais. Até eu.

Eu aperto suas costas. — Mas você disse...

— Foi armado o massacre — diz ele. — Mas eu roubei, trapaceei e matei. Eu menti e manipulei para meu próprio ganho. Eu abandonei aqueles que mais precisavam de mim.

Ele se afasta do meu toque e me passa os curativos. Eles estão atrasados, eu percebo. Esfreguei a pomada por mais tempo do que o necessário, perdida em suas palavras, perdida na própria proximidade entre nós.

Mordo o lábio, trabalhando para curar suas feridas. — Se você é tão terrível, por que tentar parar o Cavaleiro Branco?

— Porque ele está atrás de mim — diz Elias.

— Então mate ou seja morto, é isso? — Eu cuspo. — Você não se importa com os inocentes que sofrerão se uma escuridão eterna cair?

— Eles não se importam comigo — diz ele sombriamente. Ele olha para as chamas, seus cabelos flutuando ao vento. Quando ele fala novamente, sua voz é esfumaçada e áspera. — Eu nasci em segundo na fila do trono. Toda a minha infância, tudo era sobre minha irmã mais velha. O que Aya precisava. O que Aya merecia. Não foi culpa dela, é claro. Mas eu vi o modo como as pessoas se reuniam para ela, para ver o verdadeiro herdeiro de Inferna e Avakiri, o futuro governante de vampiros e Fae. Não importa o que eu fiz, nunca fui tão bom quanto ela aos olhos deles.

Ele faz uma pausa, suas unhas cravando na pedra, quebrando a própria pedra. — Eu agi. Quando criança, eu não conhecia melhor. Então eu roubei, menti

e gritei por atenção. O príncipe mau, era como me chamavam pelo castelo. O pequeno malcriado. Em breve, a notícia se espalhou e as pessoas comuns falaram de ações que eu ainda tinha que fazer. Ele mata animais, eles sussurravam. Ele queimou minha casa, diziam eles. Eles acreditavam na minha malícia com tanta paixão, acho que comecei a acreditar nela também.

Ele vira a cabeça para o lado, e eu vislumbro seus olhos azuis. — Quando meus pais me deram meu próprio castelo, minhas próprias terras para supervisionar, eu não pude acreditar. “Mas as pessoas me odeiam” eu disse. “Eles acham que eu sou um criminoso”. “Então prove que eles estão errados” disse meu pai. E eu queria. Eu queria…

— Mas você não podia — eu digo baixinho.

Ele balança a cabeça. — Eu tentei no começo, mas os rumores de meus crimes continuaram a crescer, e por medo de fracassar, por medo de decepcionar meus pais, eu corri. Deixei o Castelo Vermelho e minhas responsabilidades. Eu saí para nunca mais voltar.

Algumas coisas estão sempre fora de alcance.

Como um lugar para mim no conselho. Às vezes, não importa o quanto tentemos nos mover em uma direção, o mundo nos puxa para outra.

Termino de embrulhar o último curativo e coloco minhas mãos nas costas dele, sentindo o calor de sua carne. Mas…

Ele é um vampiro.

Ele não deveria estar tão quente.

Tão quente.

Ele está queimando.

— Elias, como você se sente?

Ele murmura algo baixinho.

— Elias…

Ele cai para a frente, caindo na neve, seu corpo em convulsão. Ele está infectado. A fera que o atacou envenenou seu sangue.

Pego meu frasco azul, a mistura de antídotos, e despejo o líquido em sua garganta. Ele cospe a maior parte, o pescoço apertado, as veias salientes enquanto ele tenta respirar. Duke corre para o lado dele, choramingando e lambendo seus cabelos. Theo coloca as patas no peito do príncipe.

Ele está morrendo.

A poção não está funcionando.

Mas deve haver um jeito.

— Alimente-se de mim — eu digo, caindo ao seu lado, segurando meu pulso em sua boca.

— Não — ele murmura. — Assim não…

— Alimente-se de mim! — Eu grito.

— Não…

Eu pego minha adaga e corto uma linha vermelha no meu pulso, derramando sangue na neve abaixo de mim. Eu empurro minha mão sobre sua boca, deixando o sangue escorrer por sua garganta.

Ele tenta se afastar a princípio, mas está fraco demais e seu pescoço começa a convulsionar enquanto engole o líquido escarlate. Seus olhos ficam escuros e seus dentes se apegam ao meu pulso, rasgando minha carne, drenando mais do meu sangue.

Ele agarra minha mão com a sua. Sua força está voltando.

Theo rosna com cautela. Duke choraminga.

Estou perdendo muito sangue. Certo.

Eu me afasto e Elias rola para o lado, lambendo o resto do sangue ao redor de seus lábios. Suas respirações são pesadas e rápidas. Seus olhos são selvagens.

E então outra coisa acontece.

Sua forma começa a diminuir. Seus músculos começam a desaparecer. Como se ele tivesse entrado em coma, incapaz de se exercitar por meses. Sua pele fica mais quente. Seus olhos ficam um azul mais opaco. O poder de sua própria presença diminui.

— O que está acontecendo? — pergunta Elias, olhando para as mãos dele. Elas são, para simplificar, normais. Apenas normais. Quero dizer, ele ainda parece uma estrela de cinema. Mas um pouco menos piedoso, talvez.

— Eu acho… — eu digo, minha garganta travando. — Eu acho que você está se tornando humano.



15

Ceera

Que porra é essa? E não estou falando de Elias se tornar humano. Ou pelo menos, menos vampiro. Estou falando sobre esse bicho-papão desagradável que voou do meu nariz. Merda parece verde. Como se um alienígena tivesse se instalado no meu cérebro. E sim, estou evitando totalmente o problema maior aqui. Porque é mais fácil fingir que meu sangue não apenas cura o vampirismo. Porque não há cura para o vampirismo. Porque eu devo estar alucinando, certo? Ou sonhando. Por favor, deixe isso ser um sonho.

Elias sussurra algumas palavras que não consigo ouvir, e uma pedra levita sobre sua mão. — Eu ainda tenho minha magia — diz ele, as sobrancelhas contraídas. — Eu ainda sou Fae. Mas... — Ele agarra a pedra gigante que recentemente quebrou com as mãos nuas, apalpando sua superfície áspera. — Minha força se foi — diz ele suavemente, recuando.

Ok, acorde acorde agora, Iris. Vamos.

Fecho os olhos e conto até três. Em três, estarei acordada, passarinho. Marque minhas palavras.

Um...

Dois...

Três...

Merda, ainda aqui.

Ok, talvez eu estivesse errada. Talvez ele não esteja curado. Talvez ele esteja apenas fraco por se recuperar.

O vento aumenta e ele passa os braços em volta do corpo, tremendo, e pela primeira vez vejo Elias Vane Spero sentir frio. Ah, merda.

Ele trava os olhos comigo. — Meu...

Não diga isso.

— Vampirismo...

Não ouse dizer isso.

— Se...

Cale-se.

— Foi.

Argh. Que porra é essa? Eu pergunto novamente, já que ninguém se incomodou em responder pela primeira vez.

Meus pais deveriam ser ninguém.

Meu sangue deveria ser pobre.

Pior que pobre.

Mijo ruim.

Não é a cura para o vampirismo.

Talvez você esteja se perguntando por que isso é tão ruim, passarinho. Bem, vamos ver... se notícias disso forem divulgadas, todo vampiro que quisesse quebrar sua maldição iria querer um pedaço de mim. Literalmente.

Estudiosos gostariam de me estudar. E por estudo, quero dizer, me abrir e categorizar meu interior em frascos.

Homens de negócios e mulheres gostariam de me monetizar. Duplicar meu sangue, se puderem.

As bruxas, lobisomens e diabos, qualquer um que tenha qualquer tipo de guerra com os vampiros – e sejamos honestos, essa é uma longa lista – gostaria de se armar com esse poder.

Nenhuma dessas opções parece particularmente atraente, então...

— Por favor, não conte a ninguém — eu digo.

Elias estuda sua mão como se a visse pela primeira vez. — Você sabia? — Sua voz é áspera, tingida de decepção.

— Não — eu digo rapidamente. — Se eu soubesse, nunca teria oferecido meu sangue. Bem, exceto que você estaria morto. Mas, caramba, eu não pretendia... mudar você.

Ele pisca, como se estivesse acordando de um transe. De repente, ele pega as bandagens e corre para o meu lado, segurando meu pulso. Oh, certo. Eu estou sangrando. Como é fácil esquecer as coisas às vezes.

Elias limpa meu corte, derramando um pouco de álcool sobre ele do seu frasco, depois aplica pomada e veste minha ferida. Eu totalmente não me contorço, xingo e grito durante todo o processo. Não. Eu sou fria como um pepino. O que me lembra. De onde veio esse ditado? Quero dizer, pepinos são realmente frios?

Eu pergunto a Elias, porque preciso de algo para preencher o silêncio entre nós.

Ele concorda. — O interior de um pepino é cerca de vinte graus mais frio que o ambiente externo, mesmo com clima quente.

Hã.

— Mas sério — continua Elias. — Para aprender a origem do termo, você deve perguntar ao meu pai. Ele estaria por perto na época.

— Certo. Então...

Nenhum de nós fala sobre meu sangue. A cura. O que eu fiz para Elias. Acho que nós dois queremos fingir que os últimos minutos nunca aconteceram, pelo menos por um tempo. Mas eles aconteceram, não aconteceram? Não há como voltar atrás.

— Sinto muito — eu digo baixinho. — Por mudar você.

Ele não olha para mim, com os olhos fixos nas bandagens que envolvem em meu pulso. — Pode não ser permanente.

Espere. Está certo. Ainda não sabemos todos os efeitos disso. Seus poderes podem retornar. Claro, as coisas também podem piorar. Ele poderia cair e morrer espontaneamente. O que não é totalmente reconfortante.

Elias termina de curar a ferida, mas ele não solta minha mão, apertando-a com força. — Não se desculpe, Iris. Você me salvou, lembre-se. Sem o seu sangue, eu estaria morto.

Eu quero dizer algo em troca. Em vez disso, espirro. Em cima dele. Como se meu ranho voasse em seu rosto. Como se ranhoalipse chegasse. O que é isso? Sou alérgica ao novo Elias?

— Com licença — eu digo, apertando meu nariz para evitar outro incidente.

— Isso... — ele geme, limpando a sujeira desagradável do rosto com um pano. — Eu nunca poderei perdoar. — Ele volta para o barco e finalmente pega algumas roupas de verdade. Enquanto eu continuo espirrando, ele se veste com roupas de couro marrom e joga uma capa de pele preta sobre os ombros. As roupas parecem um pouquinho grande demais para ele, como se fossem se encaixar perfeitamente antes de... bem... você sabe.

— Você parece fofa quando espirra — diz ele, brincando, e eu estou feliz que alguma alegria tenha retornado a ele. — Como um rato.

— Hum... obrigada? — Eu digo, esfregando meu pobre nariz escorrendo.

Ele ri e joga um arco e flechas nas costas. — Eu voltarei com comida.

Oh, certo. Como eu pensei que ele foi fazer antes. Mas ei, eu aceito um filhotinho a qualquer dia.

Duke pula em volta, de bom humor agora que Elias está curado. Ele tenta seguir o príncipe para a floresta.

— Não — diz Elias. — Fique.

O filhote de lobo senta.

— Bom garoto. — O príncipe retoma seu passo.

Duke segue.

— Eu disse para ficar.

Duke cutuca a calça do príncipe com o nariz. Então começa a morder suas botas.

Elias olha para o céu, suspirando. — Isso vai ser difícil.

— Theo vai ficar de olho nele — eu digo. — Não vai, Theo?

A manticora muda para ficar um pouco maior, duas vezes o tamanho da maioria dos gatos, e corre para o filhote de lobo, segurando o filhote na boca como uma mãe faria. Ele traz Duke para o lado da lareira, sentando-se ao meu lado. O filhote tenta voltar para Elias assim que está livre, mas Theo não deixa. Que bom gatinho.

— Obrigado, Theo — diz o príncipe.

Ele dá um passo à frente, se movendo mais devagar do que antes de beber meu sangue, tropeçando em uma pedra, como se estivesse desconfortável com seu próprio corpo. Ele suspira, parando na beira da floresta e olhando para mim. — Você me disse que um de seus pais era humano, o outro não. Quem era o outro, Iris? — Seu olhar é penetrante. Ele quer respostas. Quer com todo o seu ser.

— Minha mãe era humana. Meu pai... — minha garganta se contrai.

— Sim?

— Ele era...

— Continue.

Apenas fale, Iris. Apenas acabe com isso. — Ele era um bunyip, ok?

Elias aperta os olhos. — A bun o quê?

Não me faça explicar. Por favor não.

Ele não diz nada.

Oh Deus, tudo bem... — É um... um monstro que vive em pântanos. Parece meio que um cruzamento entre um cachorro e um verme. Eu planto minha cabeça em minhas mãos, escondendo minhas bochechas coradas. — Eu não acredito que estou compartilhando isso com ele.

— Ah, eu sei o que é um bunyip — diz Elias. — Mas estou confuso sobre como o acasalamento teria ocorrido.

— Bem, tudo bem. Aconteceu. — Pego Theo e Duke, segurando-os perto, deixando sua fofura me distrair da minha miséria.

— E você acredita nisso porque...

Eu pisco. — Porque Sly me disse.

Elias aspira ar rapidamente. — Sinto muito, Iris, mas acho que ele mentiu para você.

— Ele... — Ele totalmente teria mentido, não é? — Mas por quê? E por que escolher um bunyip?

Elias encolhe os ombros. — Para te envergonhar? Para desencorajá-la a investigar sua herança?

Eu espirro, perturbando as bolas fofas de pelo no meu colo. — Aquele idiota. — Minha mão se fecha em um punho. Se meu tio estivesse aqui... ah, ele sentiria a dor. Das minhas palavras, é isso. Sim. Ele sentiria algumas palavras muito dolorosas.

Elias se recosta a uma árvore. — O que mais você sabe dos seus pais?

Eu respiro fundo. — Não muito. Sly disse que procurou por eles, mas tudo o que encontrou foram informações. Eles eram sem-teto. Estavam hospedados em uma casa abandonada. Eles me tiveram lá. Eles não podiam me criar. Então... — Minha garganta fica apertada. — Então eles me abandonaram. Eles me deixaram na frente do Lótus Preto.

— Sinto muito — diz Elias.

Eu dou de ombros, olhando para o fogo. — Eles nunca se importaram comigo. Então, por que eu deveria procurar por eles, certo? Eles são ninguém que deixou seu próprio filho. Bastardos egoístas. — Minha respiração engata. Meus olhos lacrimejam. É apenas alergia, digo a mim mesma. Nada mais. Certamente não uma vida inteira de problemas de abandono reprimido. Definitivamente não isso.

— Talvez eles não se importavam para você — Elias diz gentilmente. — Ou talvez eles não pudessem cuidar de você.

— Então eles não deveriam ter tido um bebê — eu cuspi.

Ele concorda. — Eles podem ter sido bastardos egoístas. Mas claramente, eles não eram ninguém. — Ele levanta a mão, desprovida de sua força vampírica, como se quisesse me lembrar do meu sangue, e depois desaparece na floresta.

Abaixo a cabeça, esfregando as têmporas, porque sinto uma dor de cabeça chegando. Sério, o que há em Inferna? Eu sou alérgica a plantas daqui ou algo assim?

Pego um frasco cor de laranja da minha capa, uma mistura geral de cura e tomo um gole, esperando que ajude. Agora, que tal eu jogar mais toras no fogo, porque está ficando frio aqui? Como um frio extra. Como…

Oh, não.

A geada rasteja sobre a água, transformando o rio em gelo. As chamas queimam prateadas.

Ele virá na noite
Em armadura branca
Montando um cavalo de neve

A música está fraca. Distante. Vindo da floresta. Elias!

Três sinais existem

Isso significa que ele não está longe

Exército prateado a tiracolo

Eu corro para a floresta, puxando meus punhais. Theo carregando Duke atrás dos meus calcanhares. Porque isto está acontecendo agora? De todos os momentos possíveis. É como...

É como se ele pudesse sentir quando o príncipe está vulnerável.

Sério.

Na primeira vez, o cavaleiro apareceu enquanto Elias e eu estávamos presos sob pedras. Na segunda, ele apareceu depois que Sly foi envenenado. E agora, pela terceira vez, ele aparece depois que Elias perdeu a força e enquanto estou tendo um ataque de alergia. Não pode ser coincidência. Ele sabe que estamos fracos. E ele quer tirar vantagem disso.

— Poderia ter usado um aviso, Silêncio — eu digo.

Leva um momento para a voz responder. *Eu tenho muitos olhos e ouvidos, mas aqui eu tenho apenas os seus.*

— Certo, o que for que isso significa.

Eu não posso te ajudar. Você deve proteger Elias por conta própria. Você deve manter o sangue dele seguro do cavaleiro.

Oh, pretendo, voz assustadora. Eu pretendo.

Primeiro vem a geada

Segundo a chama

Terceiro são as vozes

daqueles que ele matou

Chego a uma clareira na floresta, a música ecoando mais alto do que nunca. Um lago congelado se espalha diante de mim. O Cavaleiro Branco está parado no gelo, segurando Elias no ar. O príncipe não é páreo sem sua força vampírica.

— O que você fez? — ruge o cavaleiro, cheirando sua presa. — O que você fez com o sangue dele?

Entendo. — Nós arruinamos seus planos, cavaleiro? — Eu pergunto, girando meus punhais, Theo crescendo para o tamanho grande atrás de mim.

A criatura olha na minha direção, seus olhos prateados curiosos. — Não há cura. É impossível. A menos que... — ele solta Elias, voltando toda a sua atenção para mim. — Pode ser? — ele sussurra.

Bom. Seu foco está longe de Elias. Agora eu só preciso...

O cavaleiro corre para a frente, com a Espada do Luar na mão, mais rápido do que eu já vi.

E corta meu corpo em dois.



16

Renovação

Volto a uma colina com vista para o lago congelado. Graças a Deus a renovação estava em funcionamento, porque eu não vi essa merda chegando. O cavaleiro solta sua espada do meu velho cadáver e gira, procurando, procurando como se...

Ele sabe que eu posso voltar?

Normalmente, as pessoas assumem que eu estou morta quando elas me matam. Mas o cavaleiro deve ter descoberto. Ou pelo menos ele suspeita da verdade.

Elias se ajoelha, seus olhos fixos no meu corpo antigo. — Não — ele grita, pegando a espada do gelo. — Não!

Viu? Ele acha que estou morta.

E que doce, ele quer me vingar.

Theo sabe melhor, no entanto. Ele fica calmo, esperando minhas ordens, segurando Duke em segurança com a boca.

— Você vai pagar! — ruge o príncipe, apontando sua lâmina para o cavaleiro. De repente, seu corpo convulsiona. Seus músculos crescem.

Ele está...

Ele está se transformando em um vampiro.

Porque eu morri.

Os olhos da criatura continuam procurando até que ele me encontra.

Eu dou um pequeno aceno.

Ele ri, virando-se para Elias. — Oh, se você soubesse o que ela realmente é, velho amigo.

Ele quer dizer... Ele sabe o que eu sou?

— Eu não sou seu amigo — grita Elias. — Eu não tenho ideia de quem você é.

— Você tentou me esquecer — diz o cavaleiro. — Tentou me enterrar. Junto com o resto dos segredos de sua família. Mas não serei esquecido. —Ele balança a Espada do Luar pelo ar, deixando um rastro de luz em seu rastro.

Ok, chega de conversa, hora de correr. E, olhe, meu novo corpo não está mais espirrando. Então, sim. Morte = cura instantânea da alergia. Quem teria pensado?

Eu assobio e Theo se lança no ar, mergulhando sobre o cavaleiro e aterrissando perto de Elias. O príncipe olha para o meu corpo, os pés fixos no lugar.

O idiota.

— Eu estou viva! — Eu grito descendo a colina.

Seus olhos seguem minha voz. Seu olhar encontra o meu.

O cavaleiro ataca.

Merda.

Eu jogo um dos meus punhais.

Não vai parar a criatura.

Ele foge com facilidade, girando para fora do caminho.

Mas isso o atrasa.

Apenas o tempo suficiente para Elias pular em cima da manticora.

Eles voam para o ar, passando por mim. Agarro a crina de Theo, me colocando na frente de Elias.

O cavaleiro segue, seu corcel aparecendo embaixo dele.

— Como você ainda está viva? — pergunta o príncipe, segurando minha cintura enquanto voamos através da nevasca.

— Longa história — digo com os dentes batendo. Estendo a mão, puxando o filhote de lobo da boca de Theo e segurando-o perto do meu peito.

— Conte-me. — O tom do príncipe é apressado, urgente.

— Bem, eu fui abençoada pela Mãe Dríade. — Ok, talvez não fosse uma longa uma história afinal de contas.

— Você realmente se lembra disso? Ou Sly te contou?

Eu congelo. — Sly me contou.

Foco, silva Silêncio. *Você deve escapar do cavaleiro.*

— Ah, com certeza estamos voando e ele não está, então...

Mas quanto tempo você pode voar? Quanto tempo antes do seu animal ficar cansado?

— Um par de horas...

O cavaleiro é incansável. Você deve encontrar uma maneira de desacelerá-lo.

— Ótimo... — Olho para baixo. Claro, o Cavaleiro Branco corre pela floresta, mantendo o ritmo abaixo. Atravessamos um lago. Sim, isso deve ficar no seu caminho...

A água congela abaixo dos cascos de seu corcel, formando um caminho de gelo.

Oh, certo.

O filhote choraminga em minhas mãos. O frio está chegando nele. Mais desta nevasca e ele pode não conseguir.

— Precisamos encontrar abrigo — eu grito acima do vento. — Em algum lugar que até o Cavaleiro Branco teme pisar.

Elias amaldiçoa baixinho. — O Castelo Vermelho.

— Seu antigo lar? O lugar com o Arco do Crepúsculo?

Ele concorda. — Há uma razão para o arco estar lá. O castelo é amaldiçoado.

— E você não mencionou isso antes porquê?

— Teria parado você?

— Não. — Eu preciso daquele arco. Eu preciso parar o cavaleiro. — Mas um aviso teria sido bom.

— Eu disse que não queria voltar. — Ele aponta para a frente. — Vire à esquerda naquele rio, Theo. Isso nos levará ao castelo.

A manticora acelera, deslizando ao longo da água.

Eu aperto minha capa com mais força sobre o filhote gelado. — Ei, Silêncio, você acha que esse plano vai funcionar?

Pode ser. A voz está mais suave que o normal. *Depois que Elias abandonou o castelo, um vampiro chamado Malcar assumiu o domínio. Ele cavou fundo na terra, procurando tesouros. Em vez disso, ele encontrou uma escuridão.*

— Ok... mas se essa escuridão é demais para o cavaleiro, como vamos ter uma chance?

Você é mais poderosa do que sabe, Iris.

— Poderia elaborar?

Agora não. Não aqui. Não sabemos quem mais pode estar ouvindo.

Quem mais... — Você quer dizer que pode haver outras pessoas na minha cabeça?

Sim. Nós devemos ser cuidadosos.

Que diabos? Desde quando meu cérebro se tornou o ponto de acesso Wi-Fi local?

Voamos sobre uma colina de árvores sempre verdes, emergindo em um vale de neve dividido em dois por um rio cintilante. Ao longe, uma montanha irregular coberta de teares brancos aparece sobre a terra e, no alto, fica uma fortaleza azul-clara.

Castelo Vermelho.

Gárgulas empoleiram-se em suas bordas cobertas de gelo, janelas manchadas de preto e torres incompatíveis. Pináculos torcidos surgem de seus tetos arqueados. A cidadela é uma monstruosidade, e ainda assim não consigo desviar o olhar. Há uma beleza cruel na estrutura. Um gênio para o seu design louco.

Mas por que é chamado de vermelho quando as paredes são azuis, quase prateadas, como... Ah, eu vejo...

Fluxos de líquido vermelho escorrem da montanha, como lágrimas carmesim caindo na neve. — Isso é... sangue? — Eu pergunto, olhando através da nevasca.

— Não — Elias grita ao vento. — É argila vazando da terra. Existem depósitos sem fim sob a fortaleza.

Um fenômeno natural então. Ainda assim... quando o vento sopra, é como se eu pudesse ouvir o castelo falar. Até respirar. Olho de novo para a fortaleza e,

por um momento, vejo-a como uma mulher envolta em prata, presa sozinha em uma montanha de gelo, chorando sangue por tudo o que perdeu.

Apenas minha imaginação maluca, é claro. Nada mais.

Olho para o cavaleiro. O bastardo ainda está atrás de nós. Eu dou um tapinha na cabeça de Theo. — Iniciar plano: Fugir do Cavaleiro Branco entrando no castelo amaldiçoado. — Quero dizer, o que pode dar errado com isso, certo?

Theo mergulha em direção ao portão aberto, perfurando a nevasca como uma flecha. O calafrio corta minha pele, cobrindo meus cabelos e cílios com gelo. Meus dentes batem incontrolavelmente. Minhas mãos tremem.

Passamos rapidamente pelo limiar, o cavaleiro nos calcanhares, e caímos no chão de pedra, deslizando por um corredor escuro. Theo cava suas garras nos tijolos, nos atrasando, nos virando de volta para a entrada. Minha pobre manticora está respirando pesadamente, consumida pela exaustão. Não haverá mais voos. Chega de correr. Esse foi o melhor trabalho.

O Cavaleiro Branco avança em direção ao portão, imperturbável pelo castelo. Merda. Bem então...

Seu cavalo empina nas patas traseiras, choramingando e recuando. Os olhos do cavaleiro se arregalam, encarando alguma coisa.

Algo nas sombras. Algo dentro da fortaleza. Algo que não posso ver.

Ele puxa as rédeas com força, afastando o cavalo e correndo de volta para a nevasca, desaparecendo na noite.

— Inferno — ofega Elias. — Não acredito que funcionou.

Meus olhos permanecem fixos no canto do corredor, nas sombras se reunindo ali. O que o cavaleiro viu lá dentro?

— Precisamos ir mais fundo — rosna Elias, agarrando o lobo das minhas mãos e me puxando dos meus pensamentos. — Precisamos encontrar calor.

Eu aceno, seguindo-o para o ventre dessa abominação distorcida. Este lugar que ele chamou de lar.

Theo muda para o tamanho de um gatinho e pula no meu ombro, descansando contra o meu pescoço quando chegamos ao final do corredor, parando em um par de escadas. Elas levam a um trono vazio esculpido em pedra cinza, iluminado por um único raio de luar de uma janela. Não há tapeçarias aqui. Sem estandartes. Sem tochas. O lugar é sombrio. Triste. Necessitando de um decorador. Eu posso ver por que Elias foi embora.

— Por aqui — diz o príncipe, sua voz rouca e cansada. Ele me leva para o lado, subindo uma escada em espiral para o segundo andar e entrando em uma sala no final do corredor. Está escuro, e eu o sigo principalmente pelo som, e não pela visão. Ele fecha a porta atrás de nós e corre para um canto, pegando algo do chão. Rochas. Pedra. Ele bate na pedra contra sua espada, lançando faíscas, iniciando uma chama perto da parede. Uma lareira, eu percebo, meus olhos se ajustando à nova luz. Ele está acendendo a lareira.

Sento em um tapete de pele sob o brilho do calor, segurando o pobre Theo no meu colo enquanto Elias segura Duke. Ele coloca o filhote ao meu lado e corre para uma cama que preenche um canto grande do quarto espaçoso, tirando cobertores e lençóis e jogando-os sobre mim e os animais, sem deixar nenhum para si.

— Você vai congelar — eu digo.

Ele fica perto do fogo, esfregando lentamente as mãos, a capa de pele pingando neve derretida. — Eu vou ficar bem — ele diz, batendo os dentes. — Meu vampirismo está voltando.

— Claramente não rápido o suficiente. — Abro os cobertores, gesticulando para que ele se aproxime. Não acredito que estou dizendo isso, mas… — Precisamos compartilhar o calor do corpo.

— Eu vou ficar bbb…

Ele cai para a frente, mal se segurando na parede, e depois cai no chão. Ele está desmaiando, o idiota. Eu o puxo para perto do meu corpo, envolvendo os cobertores em torno de nós dois. Seu toque é frio, mas sua respiração é quente, brilhando no ar enquanto se enrola em minha pele. Ele tenta murmurar alguma coisa, mas eu coloco meus dedos contra seus lábios trêmulos, silenciando-o. Meus dedos demoram mais do que deveriam, e quando finalmente me afasto, me inclino, descansando a cabeça no peito dele.

Eu posso ouvir seus batimentos cardíacos. Como cascos estrondosos invadindo um campo. Eu posso sentir o cheiro dele. Como uma floresta de folhas frescas e pinheiros. O corpo do príncipe é sólido como uma rocha, um pedaço de músculo e osso. O rosto dele é o mais bonito que eu já vi. Sua pele era de um laranja quente queimado contra as chamas. Seus olhos são de um azul penetrante.

Eu só quero esfregar minhas mãos por todo o lado…

Saia disso, Iris. Foi exatamente essa magia paranormal que a deixa quente e pesada de novo. A menos que... não seja? Sua atração não natural está desaparecendo. E seu vampirismo não retornou completamente.

Mas então, o que há com todos os hormônios fora de controle?

Não seja idiota, Iris. Ele é um criminoso, lembra?

Certo. Mas...

Cara, eu gostaria de ter minha melhor amiga para conversar agora. Sem ofensa, passarinho. Mas Callie é, você sabe, Callie, então...

Pense, Iris. Pense. O que Callie faria em uma situação como essa?

Bem, ela provavelmente começaria a remover todas as roupas dele para um 'calor corporal' extra, e então...

Não. Deixa pra lá. Péssima ideia.

E olha, Elias está dormindo, então não adianta se preocupar com isso. Finalmente, ele sente o cansaço que os não-vampiros experimentam todos os dias. Theo e Duke também estão desmaiados. Então isso me deixa. Bem, eu e...

— Silêncio? — Eu sussurro.

A voz não responde.

— Silêncio?

Nada.

— O que, você vai dormir também?

Eu acho que é possível. Eu nem tenho certeza do que é o Silêncio. Ou se eu posso confiar nele. Mas Callie nos colocou juntos. Isso deve significar alguma coisa.

A súcubo tem sido minha melhor amiga por quase toda a minha vida. Por muitos anos, ela foi a única criança ao redor no Lotus Preta. Algo sobre sua mãe sempre ser uma convidada até que morreu, bem jovem. Então Sly colocou Callie sob as asas dele, assim como ele fez comigo, e nós duas fizemos tudo juntas.

Brincávamos de esconde-esconde nos corredores. De esgueirar através das passagens secretas. Fingir que éramos agentes disfarçados e que alguns dos convidados eram vilões do mal que precisávamos espionar. Marcamos e rastreamos nossos alvos. Coletamos informações. E então, um dia, transformamos nossos jogos em carreiras. Eu me tornei uma caçadora. Callie tornou-se embaixadora. Uma espécie de enviada de paz entre diferentes raças no hotel. Ela ajudava a suavizar os rancores. Liquidar dívidas. Impedir a destruição em massa, esse tipo de coisa.

Eu me pergunto se ela encontrou segurança. Ou se Thalius a pegou. Se ela está apodrecendo em uma cela ao lado de Sly. Eu só tenho que encontrar esse arco e recuperar a Espada do Luar. Eu preciso provar a inocência deles.

Essas são minhas reflexões mentais enquanto nos sentamos em frente ao fogo, o calor lentamente puxando a dormência de nossos corpos, meu estômago roncando em desespero, gritando "Alimente-me, Iris. Alimente me!". Quando nenhum de nós está mais tremendo, e o gatinho e o filhote estão abraçados, descansando contra Elias, eu rastejo pela sala, procurando lanches. Oh, olhe, uma bandeja prateada, e por dentro...

Eca, parece um excremento cinza. Tenho certeza de que isso era comestível, tipo, cem anos atrás. Então, não, obrigada, chef. Difícil passar nessa.

O que temos aqui? Outro prato. Talvez este tenha...

— Ahh! — Eu grito, literalmente pulando para trás no ar.

Elias me pega em seus braços quando eu caio. — O que aconteceu? — ele pergunta, seus olhos examinando a sala.

Eu grito novamente, apontando para o prato. — Há apenas três coisas de que tenho medo. E uma delas está ali.



17

Castelo Vermelho

Elias segue meu olhar.

— Não há nada lá — diz ele, apertando os olhos para a bandeja prateada, me colocando de pé.

— O quê? — Eu grito, totalmente não me escondendo atrás de seus ombros grandes, musculosos e largos. — Como você não pode vê-la? — Porque está lá. Enorme. Monstruosa. Olhando para mim com mil olhos. Ameaçando comer meu interior. É... É... Eu mal posso falar o nome dela. É... — É uma aranha gigante e peluda!

— Uma aranha? — pergunta Elias. — Você está com medo de uma aranha?

Ele ri. E não apenas uma risadinha. Não. Ele dá um aperto em sua barriga e ri como uma espécie de risada de Papai Noel. Isso não é levar a situação a sério em TODOS os tipos de risadas! Se eu descrevesse essa risada em um texto, simplesmente escreveria: ROFLMAO[1]. Porque é esse tipo de risada que esse bastardo está dando!

[1] Rolling On Floor Laughing My Ass Out = Rolando no chão de tanto rir.

Como ele ousa!

Eu sinto vontade de dar um soco em alguma coisa.

E depois comê-la.

>:(

— Livre-se disso! — Eu mando. — Theo. Ataque.

Meu gatinho olha para a aranha gigante maior que minha mão inteira, boceja e volta a dormir. WTF[2]? Isto não pode ser.

— Onde está essa pequena aranha, afinal? — pergunta Elias entre suas gargalhadas.

— Uh... ali. — Aponto para a criatura mortal. A besta que consome meus pesadelos.

— Onde?

— No prato.

O príncipe dá um passo à frente. — Não há nada no... Oh inferno! — Ele pula para trás, pegando o arco e apontando uma flecha para o aracnídeo de oito patas.

Eu suspiro de alívio. — Finalmente!

— Isso não é aranha — ele assobia. — Isso é uma víbora do inferno!

— Uma víbora o quê?

— Uma víbora do inferno — ele repete, circulando a aranha gigante. — Sua picada venenosa mata em questão de segundos.

Eu concordo. — Agora nisso posso acreditar. Mas por que...

— Seja cuidadosa. Sua cauda crescerá espigões ao primeiro sinal de agressão.

Eu levanto uma sobrancelha. — A cauda dela? Tenho certeza de que as aranhas não têm caudas.

— Eu te disse. Não é uma aranha, é uma...

— Uma víbora do inferno, certo. — Eu cruzo meus braços. — Eu não acho que você está vendo o que estou vendo.

Ele mantém os olhos na aranha/víbora. — O que você quer dizer?

— Quero dizer... é uma ilusão. — Eu jogo minha adaga na aranha e – puf – o aracnídeo explode em fumaça negra, desaparecendo quando minha lâmina se aloja na bandeja prateada.

---

[2] What the fuck? = Que porra é essa?

Elias abaixa o arco, os músculos do rosto relaxando. — Maldição...

Assinto, libertando minha adaga. — Uma maldição de pesadelo, pelo menos no nível três. Ele conhece nossos medos e os torna visíveis.

O vampiro caminha cautelosamente até o prato, estudando-o de todos os ângulos. — Você conhece maldições.

— Adivinhe qual é o crime paranormal número dois.

— Interessante... Por curiosidade, se maldições são o número dois, qual é o número um?

— Alimentar-se ilegalmente de humanos, é claro.

Ele assente, parecendo desconfortável com a minha resposta.

Mas o que posso dizer? — Os vampiros têm problemas para controlar seus desejos.

Ele zomba. — Um pouco estereotipado, não acha?

— O que isso deveria significar?

— Significa que nem todos os vampiros são monstros sugadores de sangue. — Ele se vira para mim, diminuindo a distância entre nós, elevando-se sobre o meu corpo muito menor. — Posso garantir, não tenho dificuldade em resistir aos meus desejos, Iris. Quando bebo de uma mulher, é porque ela quer que eu beba. — Ele escova meu cabelo com a mão, olhando para mim com seus lindos olhos, e eu entendo o que ele quer dizer. Há muitas mulheres que fariam qualquer coisa por um homem como esse. Qualquer coisa que ele quisesse. Parecer como ele quiser.

Mas eu não.

Eu me afasto, quebrando o contato visual e olhando para o fogo.

Elias suspira, seu tom mais suave do que antes. — Você tem sorte, Iris. Mesmo sendo meio humana, ninguém assume que você é um monstro por padrão. Que você é uma criminosa apenas esperando para ser pega.

Suas palavras, tão leves e delicadas, atingiram como um martelo no meu peito. Vampiros têm uma má reputação, é verdade, mas os vira-latas como eu. As pessoas nos julgam pela nossa raça antes mesmo de pronunciar uma única palavra. E aqui estou eu, fazendo o mesmo. — Sinto muito — eu digo gentilmente. — Terei mais cuidado com minhas palavras no futuro.

Elias sorri. — Lembre-se, Iris, há beleza em todas as coisas. Mesmo em um príncipe banido como eu. Mesmo em um mestiço marginalizado como você. — Ele

se aproxima, parando. — Especialmente em uma mestiça marginalizada como você.

Ok, sou só eu, ou está ficando muito quente aqui? Talvez seja hora de apagar o fogo. Abrir uma janela. Talvez... hum... o que eu estava pensando de novo? Ah sim, a maldição....

Afasto-me de Elias e, uau, já está um pouco mais frio quando vou até a janela. Eu tento abrir a trava, mas a maldita coisa está presa e...

Elias desliza sua mão sobre a minha. — Aqui, assim. — Ele guia meus movimentos, puxando a trava e depois para o lado, abrindo uma janela que provavelmente ficou fechada por um século.

O vento está frio e fresco no meu rosto, mas meus dedos ainda ardem sob o domínio do príncipe. Certo, hum... Eu limpo minha garganta, me afastando, porque eu realmente preciso me concentrar, e Elias não é propício a essas coisas.

Sento em uma cadeira, erguendo minhas pernas em cima da mesa próxima, colocando minha mão sob o queixo. Eu chamo isso de pose de 'pensador casual'. Perfeita para essas ocasiões. — Eu preciso de mais informações. Onde o Arco do Crepúsculo está localizado exatamente?

— Nenhuma ideia. Eu nunca vi o artefato enquanto governava — diz Elias, voltando ao fogo. — Meu palpite é que quem o colocou aqui, o fez depois que eu saí e depois da maldição.

— Porque eles pensaram que este era o esconderijo perfeito — continuo. — Não. Esconderijo é a palavra errada.

— O que você quer dizer? — pergunta Elias.

— O arco está menos escondido. Mais protegido. Afinal, está em um enorme castelo abandonado. Não é o local mais discreto, exatamente. A Espada do Luar estava na masmorra do Lótus Preto pendurada em um raio de luz. Além disso, não é o local mais discreto. Pense nisso. É como se alguém não estivesse tentando esconder os artefatos, mas sim...

— Prendê-los atrás de um desafio — finaliza Elias, seus olhos se arregalando.

— Como o quebra-cabeça que você resolveu para pegar a espada — digo, estalando os dedos. — Alguém queria manter os artefatos fora do alcance das mãos erradas, mas também os queria acessíveis no futuro. No caso...

— No caso do Primeiro Vampiro ser acordado — diz Elias, terminando minha frase novamente. Isso está se tornando algo entre nós? Eu acho que está se tornando uma coisa, e não tenho certeza de como me sentir sobre isso.

Eu concordo. — Certo. Então, esse desafio deve ser a maldição. Nós quebramos a maldição e pegamos o arco. Pelo menos essa é a ideia.

Elias encolhe os ombros. — Vale uma tentativa.

Inclino-me para a frente, descansando a cabeça nas mãos. — Ok, então o que sabemos sobre a maldição até agora?

— Cada um de nós vê algo diferente — diz Elias. — Nossos próprios medos.

— E, às vezes, veremos coisas em que outros não veem nada — acrescento. — Isso é o que deve ter acontecido lá embaixo. O Cavaleiro Branco testemunhou algo que não vimos. Por isso ele fugiu.

— Mas por que a maldição o faria fugir, e não nós?

Eu dou de ombros. — Bem, existem diferentes graus de medo. Algumas pessoas têm fobias que podem torná-las paralisadas. Outros, como nós, têm medos mais leves.

— Como aranhas? — ele pergunta, provocativamente.

— Exatamente. — Eu paro. — Ok, hora de resolver essa merda. Mas primeiro... — Aperto meu estômago roncando. — Iris precisa de comida.

Elias ri, pegando uma lamparina velha da parede e acendendo-a na lareira. — Vamos. Eu sei onde os suprimentos de emergência são mantidos.

Em alguns minutos, estamos no andar de baixo em uma cozinha abandonada, saboreando uma refeição adorável de cogumelos secos de Inferna. E, por adorável, quero dizer que quero vomitar enquanto devoro a substância nojenta, mas ei, não há mais nada para comer. Tudo ficou podre há muito tempo.

Duke e Theo também participam da culinária 'requintada', embora com menos queixas. O filhote de lobo parece maior do que antes. Tipo, estranhamente maior.

Elias me nota estudando o lobo. — O pai dele não é um animal normal — diz o príncipe. — Espero que ele também não seja.

Curioso. Vago, mas curioso.

— Sabe — eu digo com a boca cheia de cogumelos. — Podemos ter que destruir o Senhor Invisível no final disso. Espero que, quando chegar a hora, você não hesite, considerando que ele é seu bisavô e tudo mais.

Elias ri. — Um equívoco comum, isso. Sabe, meu pai foi transformado por minha avó. Então, tecnicamente, não tenho nenhuma relação de sangue com Lucian, o homem chamado de meu avô, ou o irmão de Lucian, ou o pai deles, o chamado Senhor Invisível.

Hã. — Bom saber. — Algo chama minha atenção. Um símbolo esculpido em torno de uma porta. Dezenas de vezes, como arranhões na pedra. Três marcas de garras sobre uma espiral.

Eu me aproximo, pedindo a Elias que traga a tocha. — Estavam aqui quando você governou? — Eu pergunto.

— Não — ele diz, estudando a parede. — As marcas estão na língua antiga. Dizem: *Cuidado com todos que entram no covil da aranha*.

— Você conhece os antigos Fae? — Eu pergunto, tentando não parecer muito impressionada, mas, para ser sincera, estou muito impressionada.

— Meu tio Tavian me ensinou — diz o príncipe, embora pareça triste quando diz isso. Claramente, há uma história lá. Mas não temos tempo para compartilhar.

— Isso não é uma maldição — eu digo rapidamente. — É um monstro. Um pesadelo de nível nove.

Ele faz uma careta. — Como você pode ter certeza?

— Porque eu já vi essas marcas antes. — Em outro momento. Outro lugar. As memórias rastejam até a superfície, mas eu as empurro de volta.

— E porque faz sentido — continuo. — Pesadelos se alimentam do medo. Eles são atraídos para lugares como este: casas abandonadas, aldeias desertas, castelos antigos. Isso facilita o trabalho deles.

— Você tem certeza? — pergunta Elias. — Porque eles dizem que um vampiro chamado Malcar cavou fundo na terra em busca de riquezas e lançou uma maldição terrível...

— E todos no castelo morreram, blá, blá, blá. Às vezes, os tolos ainda se aventuram lá dentro, buscando o tesouro não recuperado, apenas para nunca mais voltar, blá, blá, blá. É uma mentira. Provavelmente iniciada pelo próprio Pesadelo. Ela precisa aterrorizar as pessoas, certo? Então, ela escolhe um castelo com uma história sombria como seu covil, mas ainda precisa das pessoas mencionadas, então começa uma história sobre tesouros, atraindo aventureiros e tolos. Cenário clássico de livros didáticos.

Ele esfrega o queixo, balançando a cabeça com ceticismo.

— Tudo bem. Precisa de outra pista? Se isso fosse uma maldição, eu estaria vendo aranhas em todos os lugares. Mas não estou, porque o monstro ainda não sabe que estamos aqui. Quando abri o prato no andar de cima, parti um feitiço que ela colocou. O Cavaleiro Branco partiu outro tentando entrar no castelo a pé. Quando o monstro finalmente nos encontrar, prometo, nossos medos não cessarão a menos que derrotemos a criatura.

Finalmente, ele assente lentamente. — Ok... Então, como vamos parar esse pesadelo?

Eu ando em frente e abro a porta grande, puxando minha adaga (eu realmente preciso de uma substituta para aquela que eu joguei no cavaleiro) enquanto entro pela passagem. — Isso é complicado. Eu nunca derrotei um pesadelo de nível nove antes. Mas, em teoria, apunhalá-los no coração deve funcionar.

Um corredor escuro serpenteia diante de nós, a ladeira subindo para as partes mais altas do castelo.

— Apunhalar? — pergunta Elias, me seguindo. — Você não costuma deixar seus alvos vivos?

Eu aperto meu queixo. — Não dessa vez.

Os símbolos antigos cobrem todo o teto e as duas paredes, seu número se multiplicando à medida que nos aventuramos para cima.

Quando chegamos ao final do corredor, uma brisa fresca gira ao nosso redor e uma pálida luz dourada me cega por um momento. Luz do dia, eu percebo. O sol começou a nascer. Entramos em um pátio coberto de neve, cercado por todos os lados por pilares brancos e roseiras que torcem e se transformam como um labirinto. As flores não estão mortas, como seria de se esperar. Em vez disso, as rosas estão congeladas, brilhando como diamantes. O vento aqui é feroz e as nuvens rodopiam bem acima. Estamos no alto, perto do topo do castelo. Perto do próprio céu.

Theo assobia ao meu lado. Duke rosna.

E eu vejo o que eles já ouviram.

Uma figura sai de trás dos pilares, entrando no pátio. Ele está envolto em uma capa escura como a noite, o tecido murcho atrás dele como um rabo, o rosto coberto de sombras. O pesadelo está aqui.

Meu tio me disse uma vez que tudo está conectado. Tudo tem um propósito. Suponho que você concorda, não é, passarinho? É por isso que você está lendo isso, afinal. Para ver como um evento se conecta ao outro. Entender como minha batalha com essa criatura leva ao que eu me tornarei. Saiba disso, nunca pretendi me tornar um monstro. Sobre o qual você sussurra na quietude da noite.

Mas eu sou um monstro.

E não me arrependo de nada.

Se você acha que as coisas estão sombrias demais, recomendo que pare de ler agora. Porque posso garantir que elas só ficarão mais sombrias.



18

Uma pequena História

Talvez você pense que esta é uma história de aventura. Talvez até um romance.

Você está errado.

É um horror.

E é hora de você saber o começo. Porque para entender o que acontece a seguir, você deve primeiro me entender.

Por que eu tenho medo de aranhas.

Por que eu me tornei quem eu sou.

Por que eu preciso me juntar ao conselho.

Eu mencionei esse conto quando o Cavaleiro Branco esfaqueou Callie no peito. Eu disse que não tinha tempo para entrar em detalhes então.

Eu menti.

Porque eu tenho medo. Do que aconteceu antes e do que pode acontecer novamente. Das memórias queimadas em minha mente. De pernas rastejando na minha pele e uma figura envolta em sombras.

Mas agora devo encarar a verdade. Porque o passado voltou. O monstro escapou e está aqui.

E é hora de terminar com ele de uma vez por todas.

***

Eu estou em um campo de juncos, segurando a chave de ferro na mão, o céu de um laranja profundo misturado com nuvens roxas. Finalmente estou aqui. No barraco.

Ele geme diante de mim, rangendo ao vento, suas paredes de madeira velhas e apodrecendo. Entro, colar em uma mão, punhal na outra. Estou aqui para levar morte ao assassino. Acabar com a bruxa na floresta.

***

Mas estou me adiantando. Devemos voltar ainda mais. De volta a quando eu era uma garotinha explorando uma vila no verão. De volta a quando eu a conheci.

Minha história começa no interior da Itália, em uma mansão imensa de pedra dourada, cheia de criados, mordomos e convidados estranhos indo e vindo, mas totalmente desprovida de crianças, exceto eu. Estávamos na vila por causa de Sly. Porque eram as nossas 'férias de verão', como ele chamava, embora ele passasse a maior parte do tempo trabalhando, então não sei por que ele chamou isso de férias.

Os adultos estavam fazendo coisas adultas no escritório, principalmente entre eles, fumando cachimbos e lendo livros longos e ponderados, e como essas coisas não me atraíam, comecei a vagar.

Como uma garota corajosa, andei para a floresta e, ao fazê-lo, encontrei meu entretenimento. O campo estava cheio de insetos para encontrar, categorizar e nomear. Cheio de florestas para explorar e mapear. No início, meus projetos progrediram lentamente, pois eu trabalhava sozinha, como um bardo errante em

uma missão épica. Mas, como na maioria das missões, não demorou muito para eu encontrar uma companheira.

O nome dela era Erullia. E ela era uma garota muito parecida comigo, perto da minha altura e idade, com o que quero dizer que ela era pequena e mal tinha dez anos. Nós duas éramos pálidas e muitas vezes sujas. Ambas propensas a perder nossos sapatos e jogar jogos de enigmas. No entanto, diferimos em nossos cabelos. O meu era reto e arrumado, preto e curto. O dela era longo e indisciplinado e da cor de palha dourada. Eu queria cabelos como os dela. Ela queria cabelos como os meus.

O mesmo acontece com as crianças. Eles querem o que veem nos outros, porque ainda precisam olhar para dentro. Pelo menos Erullia disse algo parecido, e achei um pensamento profundo e ponderado. Logo nos tornamos uma equipe imparável.

Os rios não interrompiam nosso progresso, pois encontrávamos toras caídas para atravessar ou, se não houvesse, fazíamos jangadas com as próprias mãos. Os animais não nos intimidavam, pois Erullia tinha um jeito com eles, como se ela pudesse falar a língua deles. Às vezes, quando ficava escuro e frio e sentíamos monstros observando a noite, ela puxava o colar por baixo da blusa e segurava a chave de ferro preta diante de nós como um escudo. Era o amuleto de boa sorte dela, disse ela, e deve ter funcionado, pois nenhum dano aconteceu conosco. Pelo menos não na época.

Sempre voltávamos para casa antes da meia-noite. Eu para a vila. Erullia para a cidade vizinha. Mas à medida que o verão se prolongava e os dias ficavam mais curtos, nossas expedições se tornaram mais longas e mais ousadas. Parecia que estávamos procurando algo ainda por descobrir, pois no final de cada dia, Erullia abaixava os ombros, abaixava a cabeça e suspirava e dizia 'amanhã então'. Uma noite, quando fizemos um fogo improvisado, perguntei o que ela queria dizer.

E ela me falou de uma bruxa na floresta.

— Ela mora em uma cabana na floresta, e todos os insetos desta terra cumprem suas ordens — disse Erullia. — Eles são espiões dela, e suspeito que seja por isso que ainda não a encontramos.

Lembro de tremer então, porque não entendi. Por que você iria querer encontrar uma bruxa?

— Porque ela levou meu irmão, Mika — explicou Erullia. — Ele adorava explorar, seguindo trilhas de formigas acima de tudo. Mas um dia ele as seguiu para muito longe, profundamente na floresta, e ele nunca voltou. As formigas o atraíram para uma armadilha, e a bruxa o prendeu. Ela o envolveu em um casulo de seda e o pendurou em sua cabana. Preciso encontrá-lo em breve, ou ela colocará ovos em seu corpo e eles o comerão vivo enquanto chocam.

Ela pegou minhas mãos. — Por favor, não me abandone, Iris. Por favor, me ajude a salvar meu irmão.

Jurei que a ajudaria e, naquela noite, voltei para a vila e interrompi uma das reuniões do escritório. Eu contei a Sly sobre a bruxa na floresta e o pobre garoto, Mika. As pessoas que ele encontrava me disseram para sair. Eles disseram que eram um conselho com assuntos importantes a discutir e sem tempo para contos de fadas. Se houvesse uma bruxa na floresta, eles a encontrariam, pois eram versados em tais assuntos, ou assim eles afirmavam. Meu tio não era tão duro, mas ele também disse que estava ocupado e que teríamos que conversar outra hora. Mas estávamos sem tempo. Eles não entenderam? Mika logo seria comido vivo.

Alguém sugeriu que eu ficasse confinada lá dentro, pois claramente minha imaginação corria muito e, assim, antes que terminassem, saí correndo da vila. Erullia esperava na floresta, como sempre fazia, e juntas partimos para nossa jornada final.

Viajamos mais longe do que nunca, e lembro de minhas mãos tremerem enquanto passávamos por galhos propensos a estalar, esperando que os insetos não nos avistassem e relatassem nosso paradeiro à bruxa. Em algum momento, sugeri que nos cobríssemos de lama para melhor nos misturarmos à escuridão, e depois que Erullia aprovou o plano, rolamos na terra perto das margens de um rio. A lama estava fria e espessa, e eu mal podia ver minha própria amiga por trás das camadas de sujeira depois que terminamos.

— Como vamos parar a bruxa? — Eu perguntei.

Erullia puxou uma adaga da mochila. — Com isso — disse ela, e vi nos olhos dela que ela usara a lâmina antes.

Eu precisava de uma arma também. Então, encontrei um graveto e Erullia usou sua adaga para transformá-la em uma lança. Ela parecia habilidosa com madeira e me disse que sua mãe morreu e que seu pai era carpinteiro até um

pedaço pesado de madeira esmagar sua perna. Por isso, ele não pôde procurar Mika na floresta. Por isso ela teve que fazer isso sozinha.

— Não está sozinha — eu disse, e seguimos em frente.

Não demorou muito para chegarmos à cabana.

Estava no meio de um campo de juncos, gemendo ao vento, sua madeira de um azul pálido ao luar. Sombras se moveram por dentro, e eu sabia que era a bruxa e seus insetos.

Minhas tripas se torceram e eu pisei atrás de um arbusto para aliviar minhas entranhas. Quando terminei, juntei-me a Erullia perto da porta, segurando minha lança ao meu lado. Tentei não olhar para minha amiga, pois não queria que ela visse o medo no meu rosto, quando parecia que ela tinha tão pouco.

— Por Mika — disse Erullia, e ela entrou.

Eu a segui na escuridão. Havia um cheiro rançoso no ar, e imaginei que era o cheiro da morte. Houve um ruído esmagador abaixo das minhas botas, e imaginei que havia centenas de insetos morrendo abaixo do meu calcanhar. Eu não podia ver, e isso me assustou acima de tudo, porque como alguém poderia lutar contra o que não podia ver?

— Erullia — eu sussurrei, estendendo a mão, esperando agarrar seu colar. Em vez disso, peguei algo macio como manteiga. Escorreu entre meus dedos, fazendo um barulho de sucção, e eu me afastei, mordendo minha língua para me impedir de gritar, porque eu não queria que a bruxa me encontrasse.

Minha boca tinha gosto de fogo e ferro, e percebi que devia ter tirado sangue.

Uma luz piscou ao longe, como uma lanterna ligando e desligando, só que não havia lanterna e apenas luz. Isso iluminava algo branco e confuso, embora eu não pudesse entender de onde estava. No entanto, não parecia ser a bruxa, então me aproximei, segurando minha lança para a frente. Eu conseguia distinguir pedaços de correias segurando algo contra a parede.

E quando me aproximei, pude ver a coisa.

Exceto que não era uma *coisa*.

Mas um garoto.

Sua pele era branca e coberta de vermes.

Uma centopeia saindo de sua boca.

Uma aranha rastejando sobre seus olhos.

Seus lábios podres se abriram quando ele sussurrou: — Me ajude.

Inclinei-me, vomitando, embora meu estômago estivesse vazio.

— Íris! — gritou Erullia atrás de mim.

Eu me virei e a luz da lua encheu a cabana, iluminando tudo.

Dezenas de casulos estavam pendurados no teto, pedaços de dedos e pés saindo da trama. Milhares de aranhas invadiam o chão, rastejando sobre minhas botas e minhas pernas. E no centro de tudo, havia uma figura em uma capa escura, seu rosto um buraco negro de sombra, seu corpo inteiro escondido da vista. A bruxa na floresta.

Ela estava atrás de Erullia, três vezes o tamanho da minha amiga.

— Corre! — Eu gritei, cuspindo sangue no chão.

Mas Erullia não se mexeu. Nem falou de novo.

E então eu percebi o porquê.

Uma teia se espalhou por seu corpo, e ela já havia amarrado seus pés e amordaçado sua boca. Uma de suas mãos ainda estava livre, no entanto, e ela me jogou sua adaga. Eu peguei a lâmina no ar.

A capa da bruxa começou a se abrir no centro, e oito pernas de insetos brotaram para a frente, envolvendo-se em torno de Erullia e levantando-a no ar. Ela parecia tão pequena, como uma boneca pendurada em cordas. A bruxa apertou com as pernas aracnídeas, e ouvi uma trituração, e Erullia ficou mole, os olhos olhando fixamente pela janela. O colar em volta do pescoço dela quebrou, e a chave de ferro caiu com um baque forte.

Ela estava morta e eu não queria morrer.

Então eu gritei.

E eu corri.

Em algum lugar ao longo do caminho, peguei o colar, lágrimas queimando meus olhos enquanto eu fugia pela floresta.

Cheguei à vila em segurança e acordei Sly no meio da noite, gritando e falando sobre a bruxa e Erullia. Ele me abraçou e acariciou meu cabelo e me disse que ajudaria. No dia seguinte, fomos à cidade para encontrar o pai de Erullia, mas ele não estava em lugar algum. As pessoas próximas disseram que o carpinteiro morreu anos atrás e nunca ouviram falar de uma garota chamada Erullia, embora as crianças tenham desaparecido ultimamente. Sly me perguntou se eu estava pregando uma peça nele, porque ele não gostava de ser enganado.

Cuspi sangue aos pés dele e voltei para a floresta, desembainhando a adaga que eu havia escondido na mochila. Era dia desta vez, e de dia a jornada era muito menos assustadora. Desta vez, não vou correr, pensei. Desta vez, eu vou lutar.

Eu estava em um campo de juncos, segurando a chave de ferro na mão, o céu um laranja profundo misturado com nuvens roxas. Finalmente eu estava aqui. No barraco.

Ele gemeu diante de mim, rangendo ao vento, com paredes de madeira velhas e apodrecendo. Entrei, colar em uma mão, punhal na outra. Eu estava aqui para levar a morte ao assassino. Acabar com a bruxa na floresta.

Mas ela se foi.

O barraco estava vazio.

Sly apareceu diante de mim, com o rosto vermelho. Ele não estava feliz por eu correr, mas ele me ajudou a procurar pelo barraco. Não encontramos nada além de símbolos riscados na porta. Três marcas de garras sobre uma espiral que nem o tio Sly conseguia decifrar. E quando o sol começou a se pôr, eu tive que admitir: a bruxa seguiu em frente.

Caí de joelhos e agarrei a chave de ferro e jurei que mataria o monstro. Eu me tornaria uma caçadora e vingaria minha amiga.

E um dia, eu sentaria no conselho e não assumiria que sabia tudo o que há para saber, e que as crianças estão a salvo de bruxas. Eu ouviria crianças que falam de monstros. E eu as manteria a salvo.

Coloquei o colar em volta do meu pescoço. E deixei a cabana para trás.

Durante anos, eu não encontrei a bruxa.

Até agora.

***

Eu era um tola então. Eu não sabia o que sei agora.

A bruxa poderia ter me matado na cabana, e ainda assim não o fez. Por quê?

Porque ela precisava do meu medo. Precisava crescer e apodrecer para que ela pudesse drenar de mim.

E assim, não havia carpinteiro.

Nenhum garoto, Mika.

Nenhuma garotinha.

Havia apenas...

Erullia. A bruxa na floresta.

O capuz da criatura cai para trás, revelando o rosto de uma mulher bonita, os lábios manchados de rímel preto e roxo sob os olhos. Ela ri, parecendo muito com minha amiga de anos atrás. — Demorou bastante, Iris. Agora me diga, onde está minha chave?



19

Arco do Crepúsculo

— A garota que você conheceu como Erullia viveu uma vez — disse a bruxa, andando pelo pátio. — Eu a atraí para a floresta e me alimentei de seu medo, até que sua mente se quebrou e seu corpo ficou fraco. A garota que você conheceu, a forma que assumi, era baseada nela. E isso me serviu bem. Eu atraí muitas crianças para a floresta para salvar o pobre Mika. E no final, todas morreram gritando. Todas menos uma. Uma garota com cabelo curto, liso e preto. Uma garota com escuridão nos olhos. O que você é, Iris? Como você se libertou do meu feitiço? Como você roubou minha chave?

Eu seguro o colar em volta do meu pescoço até meus dedos ficarem brancos. — Quanto ao que eu sou, bruxa... eu sou sua desgraça. Quanto à forma como eu me libertei... eu tenho um poder que você nunca deveria ter brincado. E quanto à sua chave... você pode tê-la de volta.

Eu corro para frente, batendo o ferro na garganta dela, rasgando sua jugular.

Sangue preto sai da boca dela. Os olhos dela se voltam em sua cabeça.

— Você nunca machucará uma criança novamente — eu assobio, enfiando a chave mais fundo em sua carne podre.

Ela engasga e murmura. E então ela ri. — Oh, Iris. Você achou que seria tão fácil?

Ela dá um passo para trás, deixando a chave em minhas mãos. Um buraco permanece em sua garganta, escorrendo líquido preto grosso, mas ela fala como se não estivesse ferida, seus lábios se curvando em um sorriso. — Faz muito tempo desde que eu me alimentei. — Ela lambe os lábios, separando a frente do casaco, e uma sombra corre, envolvendo o mundo na escuridão.

O pátio se foi.

O vento morreu.

Estou sozinha.

Em um poço da meia-noite sem céu.

Estou de volta na cabana.

Insetos invisíveis rastejam sobre minhas botas.

Unhas arranham à distância.

Controle-se, Iris. Isso é apenas uma ilusão.

Elias provavelmente está vendo seu próprio pesadelo. Theo e Duke também. Eles não ajudarão aqui. Eu devo escapar desse terror sozinha.

Eu fiz isso antes.

Eu farei isso de novo.

— Eu não tenho medo de você — eu grito. É mentira, mas espero que pareça verdade.

Erullia ri e sua voz me envolve. — Que idiota você é, Iris. Uma garotinha pede que você a siga até a floresta, e você o faz sem hesitar. Seu tio diz que seus pais não são nada, e você acredita nele sem duvidar um segundo. Que pena. Não é de se duvidar que o conselho nunca a promova.

— Cale a boca — eu assobio, cortando minha adaga no ar e não acertando em nada.

— Procurando por mim? — pergunta Erullia. Sua voz tão perto. Bem atrás de mim.

Eu me viro para encará-la.

Mas ela não é mais a mulher da capa.

Em vez disso, sou confrontada com meu próprio reflexo. Sua pele era de um azul pálido na sombra. A bruxa estuda seu novo corpo. — Então, isso é o que você mais teme. É porque você deixou seu tio apodrecer em uma cela? Ou talvez porque você nunca foi procurar sua amiga, Callie? — Ela dá um passo à frente. — Ou talvez uma parte de você soubesse que seu tio estava mentindo para você o tempo todo. Talvez você quisesse esconder a verdade tanto quanto ele. A verdade do que você realmente é.

Eu ataco com minha adaga.

Ela faz o mesmo.

Nossas lâminas travam.

— Eu não tenho medo de você — repito novamente.

— Você não pode mentir para mim, Iris — ela sussurra. — Eu conheço seu coração. Conheço sua alma.

— Você não sabe de nada — eu rugi, atacando suas pernas.

Ela faz o mesmo com o meu, e nossas lâminas se reencontram, tocando na noite interminável.

— Você quer ver sua verdadeira forma? — ela pergunta, sorrindo amplamente. — Eu posso te mostrar.

Eu ataco de novo.

Ela bloqueia com o meu movimento exato. — Testemunhe o monstro lá dentro. — Seus lábios se curvam em um rosnado. Suas veias ficam pretas, protuberantes por baixo da pele. Os olhos dela queimam vermelho. Quando ela grita, o mundo inteiro treme com o som.

Essa não sou eu.

Não pode ser.

E ainda…

Desde que me lembro, senti algo dentro de mim. Algo que não posso explicar.

— Lute comigo! — ruge Erullia. — Me mate como o monstro que eu sou.

Eu levanto minha adaga, pronta para atacar, e ainda assim, algo me faz parar. Pois quando olho para o meu reflexo, vejo um animal, sim, mas também vejo uma garota. Uma garota que se esforçou tanto para nunca ter medo. Uma garota que procurava caçar monstros para nunca mais ser caçada. E, no entanto, no final, ela nunca poderia escapar de seu medo. Porque estava sempre dentro dela.

Eu deixo a adaga escorregar dos meus dedos, e ela cai no chão com um barulho.

— O que você está fazendo? — assobia a bruxa, sua própria lâmina deslizando livre de suas mãos.

Caio de joelhos, segurando a chave de ferro em volta do meu pescoço. — Eu tenho medo de você — digo suavemente. — Eu sempre tive.

As veias negras desaparecem. Os olhos vermelhos escurecem.

— Talvez eu seja um monstro — eu sussurro. — Mas não me arrependo de nada. Então, me derrube, se você precisar. Eu não lutarei mais contra mim.

A bruxa cai de joelhos diante de mim. — Você não entende, garota? Meus insetos vêm atrás de você. Eles vão devorá-la totalmente.

O tamborilar de mil pernas cresce ao meu redor. Aranhas rastejam pela minha calça. Centopeias tecem em meus braços. — Deixe-os vir — eu digo. — Você quer que eu lute. Você quer que eu corra. E então, eu também não vou.

— Sua idiota! — cospe a bruxa. — Vou quebrar sua mente. Destruirei seu corpo.

— Pode tentar.

Ela uiva, sua voz rasgando o próprio ar, e a escuridão se desfaz, se afastando como papel queimado. A própria bruxa segue, quebrando em três corvos negros e subindo ao céu. O frio me envolve, porque eu me sento no pátio em uma camada de gelo. E onde a bruxa estava, agora um arco prateado paira no ar. Brilha à luz da manhã, ondas de fumaça branca saindo de sua moldura cinza.

Eu levanto. E na minha mão, eu seguro o Arco do Crepúsculo.

É leve como uma pena, e quando eu puxo sua corda, parece cantar uma melodia suave. Jogo o artefato por cima do ombro e procuro ao meu redor.

Theo e Duke tremem ao lado de um pilar e, quando me veem, correm para o meu lado. Eu acaricio os dois e sussurro sons suaves em seus ouvidos, na esperança de tirar suas mentes dos pesadelos que acabaram de testemunhar. Eles se acalmam com o tempo, seguindo no meu calcanhar.

Elias não está em lugar algum. Ele deve ter encontrado uma maneira de fugir da ilusão. Muito bem, então. Volto para o castelo, procurando o príncipe perdido. Embora eu atravesse corredores sombreados, o Arco do Crepúsculo brilha nas minhas costas, iluminando o caminho diante de mim.

Quando finalmente encontro o príncipe, está nos balneários. Ele se senta de costas contra um pilar, sem camisa mais uma vez, suas tatuagens ondulando à luz das tochas que acendeu. Seu corpo está coberto de cortes, como se mil garras cortassem sua pele. Ele parece ter aplicado algum tipo de pomada nas feridas. Uma pomada branca grossa. Sua respiração está pesada, mas quando ele me vê, ele sorri. — Você encontrou o arco.

Eu concordo. — O que aconteceu com você?

— A criatura me atacou — diz ele, gesticulando para suas feridas. — A metade superior do corpo era a de uma mulher, a metade inferior a de uma aranha, e me atacou com suas garras. Minha espada não fez nada para prejudicar o pesadelo, então eu fugi.

— Sentiu uma súbita necessidade de um banho? — Eu pergunto, sorrindo.

— Imaginei que encontraria pomadas e unguentos aqui. — Ele puxa algo das sombras, levantando uma garrafa no ar. — Mas o vinho foi uma surpresa agradável. — Ele toma um gole e depois me passa a bebida. Sento em frente a ele, colocando o arco no azulejo entre nós. — Você me deixou sozinha. Sem mencionar Theo e Duke.

— Sinto muito. — Ele faz uma pausa. — Mas eu não tinha dúvida de que você derrotaria a fera. Embora me diga, como você finalmente conseguiu o feito?

— Eu a matei de fome — eu digo, mexendo no meu colar e bebendo o vinho. Queima minha garganta de uma maneira que eu agradeço. — Ela precisava do meu medo, e o que é medo, senão a crença de que algo é perigoso? Parei de lutar. Não corri. Suponho que parei de acreditar que ela poderia me prejudicar e, portanto, ela não fez. Não sei se ela morreu ou se simplesmente desapareceu. Mas ela deixou o arco para trás.

Ele olha avidamente para o artefato. — Então esse é o famoso Arco do Crepúsculo. A arma que perfurará a escuridão. Você pode sentir isso zumbindo? Ele deseja ser usado.

Claro, eu acho. Quero dizer, exala um tipo de poder. — Nós vamos usá-lo em breve no cavaleiro. Mas primeiro, precisamos encontrar o Manto das Sombras. Alguma ideia de onde possa estar?

Ele vira a cabeça para o lado, olhando para a água calma da piscina. — Existe um lugar. A tumba do meu tio, Lorde Levi, príncipe da inveja. Ele governou este castelo antes de mim. Ele acreditava que os vampiros deveriam ser a única

raça a governar Inferna e, por suas crenças, ele morreu na Guerra da Meia-Noite. Foi antes do meu tempo, é claro, mas ouvi muitas histórias sobre o homem. Há uma que acho mais importante.

Ele continua falando, mas eu preciso manter minhas mãos ocupadas, então corto um pedaço da minha capa robusta e amarro em torno de Theo, fazendo uma bolsa. Coloco o pequeno filhote de lobo dentro, acariciando sua cabeça. — Pronto... agora Theo não precisa carregá-lo na boca o tempo todo.

Minha pequena manticora ronrona em reconhecimento.

Duke gosta de sua nova bolsa, como evidenciado por um rabo abanando e o filhote satisfeito se acomodando para descansar.

— Este conto é conhecido por apenas alguns — continua Elias, olhando na minha direção. Um de seus olhos parece ondular na luz, como uma poça de água de safira. — Mas isso me foi dito por meu pai. Veja, a maioria vê Levi como uma figura solitária, mas ele não procurou ser assim. Por milênio, ele procurou produzir um herdeiro natural. Um bebê nascido de seu sangue. Ele tentou com muitas mulheres, mas todas as tentativas terminaram em um parto natimorto. Em Inferna, essas coisas são um mau presságio para a realeza, que dizem trazer fome e morte à terra, e assim Levi manteve suas esposas e filhos mortos em segredo do seu povo. Milhares de cadáveres. Ele queimou milhares de bebês que nunca viveram.

— Alguém se pergunta se em algum momento era seu dever parar. Se, em algum momento, ele se tornou responsável pelas mortes. — Elias inclina a cabeça para o lado. — Eles dizem que, se você ouvir atentamente nessas partes, ainda poderá ouvir um bebê chorando ao vento.

Eu tento ouvir, mas ouço apenas nossas respirações. Eu envolvo meus braços em volta de mim, tremendo. — Então, boa história de fantasmas e tudo, mas qual é o seu ponto?

— O que quero dizer, Primeira Caçadora, é o seguinte: se os mortos pudessem falar, eles lhe contariam sua dor. E do lugar podre em que este mundo se tornou.

O filhote de lobo cai de sua bolsa e corre até Elias, farejando sua mão. Então ele pula de volta para o meu lado, choramingando e tremendo.

Olho para o homem com as tatuagens. O homem de penetrantes olhos azuis.

— Você não é Elias — eu cuspo, agarrando o Arco do Crepúsculo e levantando.

Ele congela. E então seus lábios se curvam em um sorriso sombrio. — Demorou bastante, Primeira Caçadora.



20

Arias

A criatura está diante de mim. Uma réplica perfeita de Elias. Mesmo agora que sei que é uma ilusão, não consigo entender os sinais. — Como isso é possível? — Eu sussurro. — Como seu feitiço pode parecer tão real?

Ele inclina a cabeça, estalando o pescoço. — Há muita coisa que você não entende, Primeira Caçadora. Mas eu posso lhe mostrar. — Ele estende a mão.

Sem pensar, miro o arco e, embora não tenha flechas, uma luz aparece na palma da minha mão. Uma flecha brilhante. Aponto para o coração do impostor. — Foi você quem culpou Elias pelo massacre.

Ele ri. — Isso o tornou presa mais fácil. Quando ele fugiu. Longe de todos aqueles que amava. Eu quase o peguei na época. Isto é, até você aparecer.

— Onde ele está? — Eu assobio. Theo rosna atrás de mim, voltando ao tamanho real, sua cauda prateada chicoteando no ar.

— Ele está onde eu o quero — diz o impostor, andando em volta da piscina de água. — Logo ele estará morto. E o Senhor Invisível voltará.

— Leve-me até ele — eu grito, puxando o arco mais apertado. — Leve-me até Elias. Ou eu juro, eu vou te matar onde você está.

Ele ri sombriamente, e mechas brancas flutuam ao redor de seu corpo, cobrindo-o com armadura. Ele gira em torno de seu corpo como uma segunda pele. Cobre a cabeça com o rosto verdadeiro. Quando ele fala novamente, sua voz é baixa e um sussurro. — Você pode tentar, primeira caçadora — diz o Cavaleiro Branco. — Você pode tentar.

Eu atiro nele.

Ele saca uma espada onde não havia um momento antes. A Espada do Luar. E corta a flecha.

Atiro de novo e de novo, projéteis de luz aparecendo do nada toda vez que preciso de um, mas ele os corta ao meio e se dissipam em fumaça inofensiva.

— Nós dois possuímos um pedaço da Maldição das Sombras — diz ele, girando a espada. — Um não superará o outro.

Suas palavras constroem uma raiva dentro de mim. Uma loucura esperando para quebrar.

Eu atiro novamente.

Ele bloqueia mais uma vez. — Muito bem — ele rosna. — Se você procura batalha, eu devo aceitar. — Ele pula para frente, diminuindo a distância entre nós.

Eu atiro novamente, mas ele se afasta do meu ataque, avançando com sua espada. Ele vai me atacar. Da mesma maneira que ele fez com Callie.

Ele ataca.

E Theo corre na minha frente, levando o golpe em seu próprio ombro. Ele ruge com uma dor que despedaça meu coração, desmoronando na piscina, seu sangue se misturando com a água.

— Não! — Eu rujo. E algo se encaixa dentro de mim.

A escuridão que a bruxa me mostrou. O monstro dentro.

Avanço através do ar, meus pés sequer tocam o chão enquanto acelero, sombras se acumulam no meu rastro, e bato no cavaleiro como uma lança, nos derrubando no outro lado da sala e através de uma janela. Nós explodimos na luz, lutando no céu enquanto caímos em direção a um lago. Eu seguro seus braços em minhas mãos e, por mais que tente, ele não pode escapar do meu alcance. Estamos prestes a cair na água, mas a piscina congela abaixo de nós e, em vez disso, caímos no gelo, finalmente parando.

— Onde você levou Elias! — Eu rujo, e minha voz não é minha. É algo primordial e cru. Cheia de escuridão e dor.

— Senti o momento em que você despachou o pesadelo — diz ele enquanto circulamos um ao outro. Dois predadores à espreita. — Eu o peguei enquanto você se ajoelhava, ainda segurando a ilusão. Foi tão fácil finalmente capturar minha presa.

Jogo o Arco do Crepúsculo por cima do ombro e puxo minha adaga. Estende-se com aço preto como a noite, transformando-se em uma espada. — Você descobrirá que não é nada fácil, cavaleiro.

Eu fecho a distância entre nós, atacando mais rápido do que nunca. Ele bloqueia meus ataques e, por um momento, somos um par perfeito, dançando na lagoa, o gelo congelando sob nossos passos. A luz começa a piscar. Como se o próprio sol estivesse saindo. O mundo se divide em dois. Meio sombra. Meio luz. Pulamos entre os dois lados, trocando golpes idênticos, trocando de lugar para frente e para trás. Ele corta meu braço levemente. Eu corto sua perna.

— Você luta pelo lado errado, Primeira Caçadora — ele rosna. — O conselho nunca aceitará você. Seu tio, se ele descobrir o que você é, temerá você. E Elias… o Elias que você tanto procura para salvar. Se ele conhecesse sua verdadeira natureza, ele a detestaria. Talvez ele já a deteste.

— Mas deixe-me adivinhar, você vai me aceitar como eu sou? — Eu pergunto, chutando o joelho dele.

Ele tropeça para trás. — Eu entendo o que é ser indesejável. Ser o monstro que todo mundo teme.

— Ao contrário de você, eu não mato crianças.

Ele faz uma pausa, franzindo a testa. — Crianças? Ah, você fala da música. Primeiro vem a geada. Segundo a chama. Terceiro é a voz daqueles que ele matou. — Ele ri. — Você realmente acha que eu sou a criatura da lenda? O cavaleiro no cavalo de neve? Sério, você ainda não reconhece quem eu sou?

Eu golpeio rapidamente três vezes, mas meus golpes são mais lentos do que antes. — Você quase me fez acreditar na mentira, mas isso é tudo, não é? Um ardil? Uma parte do que você faz?

Ele concorda. — Muito bem, caçadora. Muito bem. Eu finjo ser o cavaleiro. Pois é muito mais fácil conseguir as coisas do seu jeito quando as pessoas temem

seu próprio nome. Mas me diga. Quanto tempo é preciso fingir, antes que finalmente se torne a coisa em si?

Quanto mais lutamos, mais nossos movimentos se tornam lentos, mas continuamos empatados. Eu dou um soco no estômago dele. Ele me acerta no nariz. Mas não quebra. Pelo menos eu acho que não.

A sombra tremeluzente desaparece, enquanto o sol permanece com força total. Minhas mãos ficam suadas em volta da minha espada. Meu peito fica pesado. Não demora muito para eu estar vacilando.

O cavaleiro tropeça também, enfiando a espada no gelo e apoiando-se no punho. — Isso é inútil — diz ele, suas respirações profundas irregulares.

Eu ataco com uma mão cansada. — Devolva-me Elias, e podemos parar de lutar.

Ele bloqueia desajeitadamente. — Isso eu não posso fazer.

— Por quê? — Eu cuspo. — Então uma eterna escuridão pode cair sobre a terra? Então os vampiros podem governar todos os mundos?

Ele suspira, caindo de joelhos. — Há muito tempo minha espécie é tratada como bestas. Há muito tempo eles passam fome como animais.

— Então você é um vampiro?

Ele ri, mas não há humor em sua voz. — Você me decepciona, caçadora. Pensei que já tivesse descoberto a verdade.

Pego o Arco do Crepúsculo e atiro uma flecha no capacete dele. — Quer me mostrar?

Mesmo cansado, ele consegue desviar o projétil. — Talvez. Talvez então você entenda. — Ele aperta a armadura no pescoço, desfazendo um fecho. — Muitos anos atrás, o rei e a rainha cometeram um erro. Eles tentaram esconder seu segredo. Mas eles falharam. — Ele agarra o capacete e o afasta.

Eu…

Eu não entendo

O rosto dele.

Deve ser uma ilusão.

Ele se parece com Elias mais uma vez.

Mas…

Como a magia dele pode ser tão poderosa?

A menos que…

A menos que não seja magia.

A menos que este seja seu verdadeiro rosto.

E então eu entendo.

— Você é gêmeo dele — eu sussurro.

O cavaleiro deixa cair o capacete. Seu rosto brilha e um olho fica verde. Seu cabelo fica leve. Uma cicatriz se forma em seu nariz. — Agora você entende — diz ele, e sua voz soa quase exatamente como a de Elias. — Eu só preciso de um pouco de ilusão para parecer com meu irmão.

Minhas pernas dobram debaixo de mim. — Não... isso não pode ser... eu teria ouvido falar de outro príncipe.

Ele abaixa a cabeça. — Quando a rainha engravidou pela segunda vez, ela deu à luz não a um filho como o esperado. Mas dois. Ambos meninos. Um saudável e forte. O outro malformado e aleijado. O filho fraco não conseguiu passar a noite. Em Inferna, tais nascimentos são um mau presságio para o povo e, assim, após conselho de seu conselho, o rei e a rainha decidiram manter em segredo o segundo nascimento. Somente seus amigos mais íntimos souberam do bebê. O pai, Fenris Vane, queria queimar a criança, como é costume dos vampiros. Mas a mãe, Arianna, queria um enterro, como era o costume dos Fae e humanos, seus ancestrais. No final, eles cavaram uma pequena cova sob uma árvore e colocaram o bebê na terra. E então eles o deixaram apodrecer.

O cavaleiro faz uma careta. — Mas o bebê não estava morto. Não de verdade. Ele acordou no meio da noite e se arrastou para fora da terra. Alimentou-se das minhocas na terra e caminhou até o rio em busca de água. Lá encontrou uma mulher, ou melhor, ela o encontrou e tomou a criança como sua. Trouxe-o para casa, para o marido, e juntos o nomearam Arias, em homenagem às estrelas.

Ele se levanta, pairando sobre mim. — Durante anos, eu não sabia nada do meu direito de nascença. Mas, com a idade, as pessoas começaram a notar semelhanças entre mim e o jovem príncipe. E então, alguém veio me matar à noite. Eu lutei contra eles, mas não antes que eles matassem meu pai. Pelo menos, o homem que eu chamei de meu pai. Eu apunhalei o assassino no coração com sua própria lâmina, e eu sabia que minha própria existência era uma maldição. Então eu saí de casa. E eu vaguei sem objetivo. — Ele aponta a lâmina na minha garganta. — Eu vou queimar a velha Inferna. E, em seu lugar, um novo reino surgirá. Um

onde os erros do passado não se repitam uma e outra vez. Um onde meu povo, vampiros como meu pai e mãe, finalmente terão paz.

Tento me levantar, mas meus pés dobram abaixo do meu peso. Minhas mãos ficam dormentes. — Eu vou parar você — eu digo, minha voz quase um sussurro.

— Você não vê, Primeira Caçadora? — ele pergunta, sentado na minha frente, seus olhos de cores diferentes encontrando os meus. — Eu venci essa luta antes mesmo de começar.

Tento levantar minha espada, mas minha mão cai frouxa ao meu lado.

E então eu lembro.

O vinho.

Ele me drogou.

Mas…

— Você bebeu também.

Ele sorri. — Eu desenvolvi uma imunidade a essas coisas há muito tempo, garota.

Tento pegar um antídoto na minha capa, mas meus braços estão fracos demais.

O cavaleiro roça minha bochecha suavemente com a mão e seu rosto parece tão inocente. Tão reconfortante. Muito parecido com o príncipe que eu conheço. — Durma agora, Iris. Pois quando você acordar, tudo estará claro.

Meus olhos começam a fechar…

Algo me agarra por trás. Me puxa de volta.

Caio em um par de braços, olhando para um rosto coberto de sombras.

— Você não a terá, Arias — diz o recém-chegado.

E então estamos no ar, voando nas nuvens, o cavaleiro desaparecendo lá embaixo.



21

Princesa do Sonho

Acordo com uma forte dor de cabeça. Sério, a renovação já está em andamento? Porque eu preciso cortar essa cabeça e comprar uma nova. Vamos ver... não. Ainda precisa esperar cerca de um quarto de dia. Espere um segundo, como eu morri de novo?

Minha memória está confusa. Como... se Callie tivesse me mantido acordada a noite toda bebendo. Mas isso não parece como em casa. Estranho.

Sento em uma cama de roupa de cama macia e absorvo o ambiente. Uma cabana humilde. Agradável. Janelas deixando entrar a luz do dia: confirma. Lareira aconchegante: confirma. Caldeirão assustador: confirma. Ervas engarrafadas misteriosas na prateleira: confirma. Figura encoberta totalmente suspeita, sentada no canto: confirma. OK. OK. Se os filmes me ensinaram alguma coisa, foram que posso Um: acordar depois de uma noite selvagem, provavelmente casada com o belo estranho ali, ou Dois: Fui sequestrada e estou prestes a ser torturada e possivelmente comida. De novo. De qualquer maneira, prefiro não ficar por aqui para descobrir, então é hora de me levantar e...

— Cuidado — o estranho fala. Uma mulher, eu percebo.

O aviso dela chega tarde demais.

Caio da cama, desabando primeiro no chão de madeira. Ai.

— A droga ainda não acabou — diz a misteriosa mulher, correndo para o meu lado e me ajudando a voltar para a cama. Suas mãos são macias como a bunda de um bebê. Sua voz me lembra chocolate quente. Pode ser?

Ela tira o capuz, sorrindo para mim, e seu cabelo prateado – meio trançado, meio selvagem – cai pelos ombros, emoldurando seu rosto pálido. Chamas vermelhas piscam em seus olhos esmeraldas.

— Aya? — Eu sussurro, minha voz fraca, meus lábios rachados e sangrando.

A princesa, também conhecida como irmã de Elias, assente. Ela pega um punhado de ervas da prateleira (pelo menos suponho que seja a prateleira dela) e esmaga as folhas com um almofariz e pilão, depositando a mistura em uma panela de líquido fumegante no fogo. Com uma concha de madeira, ela enche uma xícara de barro com a mistura e depois me oferece a poção. — Beba isso. Ajudará com a dor de cabeça.

Eu a olho desconfiada, lentamente pegando a bebida em minhas mãos cansadas. Não me lembro da noite passada ou hoje de manhã, mas com certeza me lembro da princesa. — Na última vez que nos encontramos, você me traiu.

Ela revira os olhos verdes. — Eu estava fazendo um papel. Por que mais eu te salvaria do cavaleiro?

O cavaleiro!

Memórias voltam à tona.

— O cavaleiro está com Elias — digo apressadamente, colocando a xícara em uma mesa lateral. — Eu preciso salvá-lo. Eles são irmãos e...

— Eu sei — Aya sussurra sombriamente. — Eu sei sobre Arias.

— Mas... — Eu mal posso pensar agora. Meu cérebro está pegando fogo e sobrecarregado com informações.

A princesa suspira, caminhando de volta para a mesa e misturando um novo lote de ervas. — Eu estava por perto no nascimento deles. Vi o bebê morto. Vi o enterro. — Ela bate forte no pilão. — Como todo mundo, jurei silêncio. Eu era apenas uma garotinha, e ainda assim tive que manter em segredo a morte do meu irmãozinho.

Blá blá blá. — História trágica e tudo, mas você perdeu a parte para onde eu tenho que ir. — Aponto para a porta e tento me levantar e... Oh, certo. Não posso. — Novo plano. Você salva Elias.

— Eu não posso...

— Você me salvou, não foi? — Embora... como? Lembro de voar, mas os vampiros não podem voar, a menos que...

Eu assobio.

E o gatinho Theo irrompe pela porta, pulando nos meus braços e ronronando. Duke segue atrás, pulando na cama e se curvando ao lado das minhas pernas. Ele está maior do que eu me lembro, na altura dos meus joelhos agora.

Aya sorri com carinho desenfreado. — Eles estiveram vigiando a porta o dia todo.

Eu coço os dois atrás das orelhas e noto o curativo no ombro de Theo. — Você o tratou?

Aya assente. — Claro. Eu estaria ferrada se não fosse por ele. — Ela joga as novas ervas na panela, enche um copo e toma um gole da bebida. — Cheguei pouco antes de você desmaiar. Eu estava pronta para lutar contra Arias, mas ele começou a conjurar um exército de geada. Eu estava prestes a atacar quando uma manticora desceu do castelo, carregando, de todas as coisas, um filhote de lobo em uma bolsa, e nos levou ao ar.

— Bom garoto, Theo — eu digo, acariciando-o sob o queixo. Eu volto para Aya. — Como você me achou?

Aya se recosta na cadeira, cruzando as pernas sobre a mesa. — Depois que você 'escapou' do meu navio, eu continuei caçando você de acordo com as ordens do conselho. Sem o conhecimento deles, eu sempre ficava dois passos atrás. Distante o suficiente para impedir minha tripulação de intervir novamente, perto o suficiente para ajudar em uma emergência real. O navio, o Tubarão Medonho, estava no lago perto do Castelo Vermelho quando você e o cavaleiro despencaram da fortaleza e caíram na água. Vocês estavam longe, é claro. Eu tive que usar uma luneta para ver os detalhes, mas quando percebi que você estava com problemas, peguei um barco e me dirigi até você, deixando para trás minha equipe intrigante.

Sua história parece legítima, mas isso não significa que ela não esteja trabalhando para o conselho. (Quero dizer, ela é um membro, afinal). Ela poderia ter outros planos para mim. Mas Theo parece confiar nela, o suficiente para ficar

calmo ao seu redor de qualquer maneira. E Duke pula no seu colo e começa a lambê-la na bochecha. Ele parece gostar dela instantaneamente, da mesma maneira que ele gostava de Elias. E ele não gostou de Arias. Então isso é alguma coisa.

Olho para a xícara na minha mesa lateral. Pode ser algum tipo de poção para dormir, mas, se for esse o caso, por que me deixar acordar? Talvez eu esteja sendo uma tola, ou talvez minha cabeça doa demais e eu precise de alívio, mas pego a poção e bebo. Não é um sinal de total confiança, mas um passo nessa direção.

Aya olha para mim, bebendo sua própria bebida, e por um momento, compartilhamos um entendimento. Faremos qualquer coisa para salvar Elias.

Eu olho em volta para o meu equipamento. Minha adaga está sobre a mesa. O Arco do Crepúsculo está sobre a lareira. O cavaleiro não o pegou. Bom.

Aya segue meu olhar para o artefato lendário. — Para ser sincera, eu não tinha certeza de que você encontraria o arco. Elias sempre acreditou na Maldição das Sombras, mas achei que era mais mito do que realidade. Parece que você provou que eu estava errada.

Ela se levanta, ajustando o fecho prateada em sua capa preta e caminha até a lareira, pairando as mãos sobre o arco prateado. Zumbe sob as pontas dos seus dedos. Brilha nos olhos dela. — Alguma ideia de onde encontrar o manto das sombras? — ela pergunta curiosamente.

Balanço a cabeça. — Não. Além disso, duvido que tenhamos tempo para procurar.

— Suponho que você esteja certa. — Ela se afasta do Arco do Crepúsculo e, por um momento, parece difícil para ela deixá-lo para trás, mas o deixa, sentando-se na cadeira. Ela abre a boca, como se quisesse dizer alguma coisa, mas então seus lábios se fecham, e ela cantarola uma melodia melancólica.

— Onde estamos afinal? — Eu pergunto.

— Uma casa segura. Nas Terras Distantes. No meio do nada, na verdade. Deveríamos estar escondidas de Thalius e seus seguidores aqui.

Então, basicamente, ela não quer divulgar nossa localização exata. Tanto faz. Theo poderia me levar de volta, se necessário.

— Escute — eu digo, juntando minhas mãos. — O cavaleiro vai usar o sangue de Elias para libertar o Primeiro Vampiro. O negócio é...

— Estou familiarizada com a lenda — diz ela rapidamente. — Já faz algum tempo. Mas... por que o sangue de Elias? Eles são gêmeos. Por que Arias precisa de mais alguém?

— Nenhuma pista. Talvez ele precise de algo mais do que apenas um pouco de sangue. Talvez ele precise de... — Eu aperto meu queixo. — Uma vida.

Aya agarra a lateral da cadeira, as unhas raspando a madeira. — Entendo... mas se ele já tinha Elias, por que tentar levá-la também? Por que não sair?

Eu dou de ombros. — Pode ser que ele só queira ter certeza de que eu não o pararei. — É mentira. Porque suspeito que ele tenha motivos mais sinistros. Razões que ainda não entendi.

Respiro fundo, concentrando no que sei. — Se o Primeiro Vampiro for libertado, uma Noite Eterna cairá sobre a Terra. Estamos falando de merda no nível Armageddon aqui.

Ela agarra o florete pendurado no quadril. — Então não temos tempo a perder. Alguma ideia para onde eles foram?

— Eu...

Merda.

— Silêncio — eu sussurro. — Você já voltou?

Eu nunca saí de verdade.

— Certo...

— Você está falando sozinha? — pergunta Aya, examinando minha cabeça. — Rápido. Quantos dedos eu estou mostrando?

— Três. E não, eu estou falando com um demônio dentro da minha mente. Duh. Agora, quieta.

Eu uso minha voz calma novamente. — Então, demônio assustador. Alguma ideia de onde o Cavaleiro Branco levou Elias?

Para desbloquear o Senhor Invisível, diz Silêncio. *No entanto, ele ainda não o fez. Não sei por quê...*

— Certo. Mas como, onde ele o levou?

Isso nem eu estou a par. Mas você deve encontrá-lo. Encontre-o antes que seja tarde demais.

Então isso é inútil. — Onde você estava antes, afinal? Poderia ter me avisado sobre o cavaleiro disfarçado de Elias.

Eu estava indisposto.

— Por quê?

O motivo não é importante. Apenas Elias é importante.

Bem. Certo. Volto minha atenção para a princesa, elevando minha voz a níveis normais. — Bem, eu sei que podemos encontrá-los em uma árvore gigante. Estou falando de um enorme pedaço de arbusto. Tipo uma árvore-mãe, se você já viu uma, exceto que esta parece morta e apodrecida. Parece familiar?

A princesa balança a cabeça. — Existe apenas uma árvore na qual posso pensar em Inferna. O lugar em que enterramos Arias. Mas não é isso que você descreve. Afinal, as Árvores Mãe não são um mito?

— Elas não são mitos — digo seriamente. — Eu já vi uma. Sly disse que há apenas uma por mundo. Ele disse...

Pego meu caderno de couro, também conhecido como o meu celular, e folheio as páginas, parando nos esboços de uma grande árvore, com raízes em todo o mundo. A propósito, eu mesmo desenhei esta, caso você estiver se perguntando. Ah, exceto essa imagem. Aquela pintura de água muito legal costumava ser uma foto no meu telefone. Enfim, o ponto é...

— Sly disse que todas as Árvores Mãe estão conectadas. Espelhos uma da outra. Pontes entre mundos.

Mostro meu diário à princesa e ela estuda os esboços com ceticismo. — Então você está dizendo, que se encontrarmos uma Árvore Mãe, podemos encontrar outra?

— Sim, tipo isto.

Ela suspira cansada. — Não tenho certeza...

— Mas eu tenho. — Eu cerro os dentes e me forço a ficar de pé. Minhas pernas tremem, mas não desabam. — Eu vou atrás de Elias. Você pode vir ou ficar para trás.

Ela abaixa a cabeça. — Você se importa com ele, não é? — ela pergunta, girando um anel prateado no dedo.

— Eu... — Minha garganta aperta. — Eu ainda preciso prendê-lo. Ele ainda precisa enfrentar um julgamento honesto.

Por alguma razão, ela ri da minha resposta. — Certo. Claro que sim. — Então ela se levanta. — Então, onde está essa árvore mãe que você viu?

— Precisamos ir até minha casa — eu digo. — Há espelhos por perto? Ou...

Aya pega um relógio de bolso e o abre, revelando um pequeno espelho dentro.

Eu franzo a testa. — Mas pensei que os espelhos em Inferna eram raros e fortemente protegidos.

Ela encolhe os ombros. — Esse espelho é raro e eu estou protegendo. O que posso dizer? Há vantagens em ser uma princesa. — Ela sorri maliciosamente.

Tudo bem, um problema resolvido. Agora para o segundo. — Você só pode viajar para algum lugar em que esteve, certo? Então me leve o mais perto possível do Vale do Silêncio...

— Eu visitei sua casa. Quando foi abandonada. Eu... — Suas palavras desaparecem, deixando as coisas não ditas. — Que tal parar de falar e sair daqui.

Certo. Deixe-me ignorar completamente esse mistério. Ela tem sorte de Elias estar em perigo agora ou então... espere, acho que ela não tem tanta sorte, hein?

Eu ando (mais como tropeço) até a lareira e jogo o Arco do Crepúsculo por cima do ombro. Pego minha adaga da mesa. Theo e Duke se enrolam em volta das minhas pernas, fazendo contato físico, e eu agarro a mão de Aya na minha.

— Pronta? — ela pergunta.

Assinto. — Quando salvarmos seu irmão e o mundo, espero uma promoção.

— Limpe seu nome primeiro, depois veremos.

Eu olho inocentemente. — Sabe, se você morrer nesta missão, será um acidente completo. E de forma alguma relacionado a eu tentar tomar seu lugar no conselho.

Ela ri.

E nós entramos no espelho.



22

Árvore Mãe

Aparecemos, de todos os lugares, no meu banheiro, bem ao lado do espelho. O espaço é decorado, é claro, com paredes de mármore e uma banheira de hidromassagem de primeira linha. Mas não é exatamente espaçoso, pressionando Aya e eu juntas. — Depois de você — eu digo, limpando a garganta e gesticulando para a porta. Ela assente e sai, Duke e Theo seguindo-a nos calcanhares. Eu vou em seguida, meio animada por voltar para casa depois que toda essa loucura começou. Vamos ver...

Você está fodidamente brincando comigo?

O local está revirado.

Uma bagunça completa.

Alguém passou por todas as minhas coisas. Rasgou até meu precioso sofá vermelho. Provavelmente Thalius e seus capangas. Só espero que eles não tenham encontrado meu segredo.

Corro para uma das minhas tapeçarias artesanais, representando uma batalha entre a Rainha Arianna e Oren, uma antiga druida do fogo. Há uma história legal lá, mas agora, a parte importante é o que está por trás da tapeçaria.

Com cuidado, desamarro o tecido do teto, falando enquanto trabalho. — Você sabia que seu irmão era o cavaleiro? — Eu pergunto.

— Não — diz a princesa. — Eu sabia que ele vivia. Descobri o fato há muitos anos. Mas só descobri que ele era o cavaleiro quando vi vocês dois lutando no lago.

Ok, mas... — Se você sabia a verdade, por que manter Arias em segredo?

— Não dependia de mim. Não de verdade. — Os olhos dela caem. — Falei com ele uma vez. Muitos anos atrás. Pedi-lhe que ocupasse seu devido lugar como Príncipe de Inferna, mas mesmo assim ele estava perdido para a vingança. Jurou destruir o rei e a rainha supremos. E com tudo o que vem acontecendo no meu reino, eu temo que ele tenha conseguido.

— Você quer dizer…

— Quero dizer que a rainha e o rei podem não estar perdidos. Quero dizer que eles podem estar mortos nas mãos do meu irmão. Nas mãos do cavaleiro. — Seus dedos se apertam ao redor do punho de sua espada. — Eu me preocupo que seja tarde demais para salvar Elias.

— Acho que não — digo gentilmente.

— Como você pode ter certeza? — ela se exalta.

Porque quando Elias se alimentou do meu sangue, ele mudou. E embora seu vampirismo tenha retornado quando eu morri, sinto que uma parte de mim ainda corre por suas veias. O cavaleiro está esperando. Esperando que meus efeitos se esgotem completamente, antes que ele sacrifique o Príncipe das Trevas ao Senhor Invisível. Por que mais a Noite Eterna não começou?

Eu gostaria de poder dizer essas coisas para Aya, mas então eu teria que explicar meu sangue, minha herança, o que não posso fazer. Não para ela. Ainda não há confiança suficiente. Então, em vez disso, digo: — Elias não é um alvo fácil. Acredite, eu sei. Levei vinte e duas vezes para finalmente pegá-lo. E mesmo assim, ele conseguiu escapar.

Ela assente, uma sugestão de sorriso retornando aos seus lábios.

— Quando encontrarmos o cavaleiro — continuo — e o encontraremos, ainda precisamos de uma maneira de derrotá-lo.

— Acha que nós duas não podemos lidar com ele? — ela pergunta.

Faço um gesto para as minhas pernas inconstantes, embora elas estejam se saindo muito melhor. — Eu não estou exatamente na melhor forma para luta aqui. Provavelmente não estarei por mais um dia. E você é boa, mas, sem ofensa, não é tão boa quanto eu.

Ela ri. — É mesmo?

— Estudei todos os guardiões do conselho. Olhei através dos relatórios. Seus dias como caçadora foram impressionantes sem dúvida, mas ainda detenho o recorde de caçadas mais bem-sucedidas. Depois de aplicar os algoritmos apropriados, levando em consideração os níveis de monstros e tempo de missão, é claro.

— Claro — diz Aya, revirando os olhos. — Então, qual é o nosso plano, oh poderosa detentora de recordes?

Eu dou de ombros. — Não tenho um. Ainda não, de qualquer maneira. Mas tenho certeza que vou pensar em alguma coisa.

A tapeçaria cai no chão, revelando uma parede de tijolos.

Aya franze a testa. — Então, o que você está fazendo mesmo?

— Paciência, princesa. Paciência. — Eu corro minha mão contra a pedra, tentando me lembrar do lugar certo, ah, aqui está. Pressiono o tijolo e a parede se move para dentro, revelando uma passagem secreta.

A princesa levanta uma sobrancelha. — Eu não achei isso quando estive aqui da última vez.

— Levei anos para encontrar eu mesma. Mas está aqui o tempo todo. — Faço uma pausa, olhando brevemente pela janela. Minhas três lhamas, Wit, Smarts e Brains, pastam pacificamente sob a luz da lua. Graças a Deus elas estão bem. Alguém do Lótus Preto deve ter ficado de olho nelas para mim.

— Não se preocupe — diz Aya, cutucando meu ombro. — Eu me assegurei de que elas fossem cuidadas.

— Espere? Você?

Ela sorri. — Suas lhamas são inocentes, não são?

— Bem, sim. Embora eu suspeite que Wit roube comida do Brains às vezes.

Ela ri.

Apresse-se, grita Silêncio. *Seu tempo é curto.*

— Sim. Mancando o mais rápido que posso aqui. — Balanço a cabeça, caminhando pela passagem secreta e entrando em um túnel de pedra.

Aya me olha estranhamente enquanto segue. — Quando você disse que estava falando com um demônio em sua cabeça, não estava brincando, estava?

— Não. — Eu mostro a ela a marca no meu pulso. — Toquei em algo estranho e estrondoso. Elo telepático com um demônio.

— E você confia nessa coisa?

— Não.

Ela assente uma vez, bruscamente. — Bom. Minha mãe fez um acordo com um demônio. Um juramento de sangue inquebrável. Isso à levou ao inferno. Literalmente. Por um tempo, suponho que você possa dizer que as coisas terminaram bem, mas olhe a situação agora. Ela se foi. Os reinos estão em caos. Saqueadores queimando aldeias. Senhores da guerra conquistando castelos. Temo que as coisas piorem em breve.

— A menos que a Rainha retorne — acrescento. Eu espero que ela esteja viva. Quero dizer, ela é como minha heroína. Meu modelo. Tipo, modelo real, não modelo de adolescente esquisito como Thalius. Ela é quem eu quero ser quando crescer. Sim, eu já cresci, mas você entende o que quero dizer. Arianna Spero, a Estrela da Meia-Noite, trouxe a paz entre Fae e vampiros após milênios de guerra. Ela matou um rei sombrio. Ela era muito jovem também, então temos isso em comum. Eles escreveram uma biografia sobre ela, sabe. Garota vampira. Você deveria dar uma olhada, passarinho, a menos que você já tenha lido.

Então, onde eu estava? Oh, certo.

Estamos aqui.

A passagem se expande para uma caverna enorme, o interior de uma montanha oca.

E no centro está uma árvore branca com folhas vermelhas.

Seus galhos alcançam o céu, iluminados por raios de luar que caem por fendas na pedra. Suas raízes se espalham por toda a câmara, como linhas de tecido entrelaçadas em intrincados padrões. Cogumelos brilhantes crescem na casca e vagalumes rodopiam no ar. Há pouca luz do sol aqui, e ainda menos água, e ainda assim a Árvore Mãe permanece forte, balançando com uma brisa que não existe. Se você fechar os olhos e ouvir seus movimentos, quase poderá ouvi-la falar.

— Então elas *são* reais — sussurra Aya.

Eu concordo. — Encontrei esta alguns anos depois de me mudar para o vale. Trouxe Sly aqui mais tarde, embora tenha a sensação de que ele já esteve aqui antes.

A princesa dá um passo à frente, colocando a mão na árvore. — Então, como vamos viajar daqui?

Eu dou de ombros. — Nenhuma pista. Embora... — Olho para as enormes estátuas que cercam a câmara: nove pessoas, todas de diferentes formas, tamanhos e raças. Cada uma delas com os olhos vendados. Não sei o significado ou o propósito delas. No entanto... — Havia uma porta — eu digo, caminhando até a estátua perto da entrada. — Uma porta perto da Árvore Morta que o cavaleiro usou. Se a mesma porta estivesse nesta câmara, acho que seria por aqui. Bem onde essa estátua está.

Aya esfrega o queixo. — Então é uma ilusão? Um quebra-cabeça? U...

Eu assobio e Theo cresce em tamanho, agarrando a estátua, despedaçando-a, revelando uma abertura no muro.

— Ou talvez apenas façamos isso — diz a princesa, assentindo.

— A questão é — digo, examinando as runas, — como a ativamos?

Aya caminha para o meu lado. — Não reconheço essas marcas, mas elas me lembram os Caminhos de Pedra em Inferna. Essas passagens precisam de sangue para funcionar.

— Gostaria de oferecer algum? — Eu pergunto. — Afinal, você tem o sangue especial da Estrela Da Meia-Noite real, certo? O que me lembra, por que Arias não está atrás de você?

Ela aperta o fecho em torno de sua capa. — Talvez ele pense que eu seria mais difícil de observar. Ele não estaria errado.

Suponho que isso faça certo sentido.

Eu desembainho minha adaga, oferecendo a ela. Ela revira os olhos e morde o pulso, em seguida, coloca o sangue nas runas. Oh, olhe, algo está começando a brilhar. E outro. O portão começa a zumbir, o centro brilhando em azul. Uau. Isso realmente está funcionando...

A luz fracassa.

O som diminui.

Acho que falei cedo demais. — Talvez apenas precise de mais sangue — eu digo.

Aya encolhe os ombros. — Então adicione o seu.

Poderia muito bem fazer. Eu pico meu dedo com minha adaga e...

— Sério? — pergunta Aya. — É isso aí?

— Ei. Nem todos nós temos super cura. — Até que eu possa usar a renovação novamente para um novo corpo, é isso. Deve aparecer em alguns minutos.

Pressiono meu dedo ensanguentado contra uma runa, ao lado de Aya. Cada uma de nós abastece um lado do portal, e as marcas começam a brilhar mais uma vez. O zumbido retorna. A luz azul começa a brilhar novamente.

— Afaste-se do portal! — grita uma voz familiar. Uma voz que eu mais odeio.

Thalius.

Ele fica na entrada da câmara, com doze observadores e caçadores nas costas. Sua capa de pelo branco está pendurada em seus ombros e ele usa as luvas da justiça. Oh, desculpe. As Destruidoras. Elas são chamadas de Destruidoras.

— Que idiota você é por voltar para casa, garota — ele assobia. — Você não achou que eu teria alguém vigiando a casa? Eu soube no momento em que você entrou.

— Sim, na verdade eu pensei isso — eu digo casualmente. — Mas então eu pensei, é apenas Thalius.

Ele rosna, erguendo as garras.

Aya puxa um frasco azul de sua capa e joga para mim. — Pegue isso. Retornará sua força. Fortalecerá suas pernas.

— E você esperou até agora para me dar isso? — Eu pergunto, bebendo o líquido.

— Só vai durar um pouco. — Ela se afasta. — Depois que o portal estiver funcionando, use-o para encontrar o cavaleiro. Use-o para salvar meu irmão.

— E você?

Ela sorri. — Eu vou ficar bem. — E então ela se vira na direção de Thalius, puxando sua espada. — Você pode não acreditar que eu sou tão boa quanto você, Iris, mas sou melhor que esse idiota.

— O que é isso, Aya? — ele sussurra, seu cabelo azul prateado brilhando ao luar. — Você está ajudando a garota?

Ela faz uma cara chocada. — Ajudando e incentivando um criminoso conhecido? Nunca. Estou apenas conduzindo minha sessão de treinamento diário.

Bem aqui nesta câmara. Eu teria cuidado em chegar muito perto. Às vezes, é como se minha espada tivesse uma mente própria.

Thalius zomba. — Pegue as duas sob custódia, observadores.

Ninguém se mexe.

— Observadores? — ele pergunta, olhando para trás. — Caçadores? Façam o que eu digo, ou eu os banirei da Ordem.

Ainda assim, ninguém se mexe.

— Sinto muito, guardião — diz uma pequena mulher Fae. — Mas você e Aya estão no conselho. Não podemos lutar com ela só porque você diz. Código 123 afirma especificamente que o conselho deve decidir rebaixar um detentor, antes que uma ação possa ser tomada contra ele.

Thalius rosna, voltando-se para Aya. — Pelo que me lembro — diz ele. — O código não se aplica a outros membros do conselho.

A princesa sorri, girando sua espada. — E pelo que me lembro, a última vez que lutamos você acabou chorando aos meus pés.

Alguns caçadores riem.

E uma raiva desenfreada vence Thalius. Ele levanta suas garras e ataca.

O portal é aberto.

E eu pulo.

Por mais que eu gostaria de ver essa luta, o Cavaleiro Branco aguarda.

Eu caio em um mundo de neve e escuridão. Um mundo de frio e morte. Eu assobio para Theo, mas ele não vem. O portal está fechado. A luz se foi. Parece que nosso sangue foi suficiente apenas para um passageiro.

Muito bem.

A poção de Aya entrou em ação, abastecendo meus músculos com força, e eu permaneço abaixada, rastejando em direção à Árvore Morta, procurando meu oponente e Elias. Encontro o Cavaleiro Branco perto do topo de uma colina, de pé em sua armadura pálida, o rosto descoberto, os cabelos claros flutuando ao vento furioso. Todo mundo tem um desafio final. E ele é meu.

Nome completo: Arias Vane Spero

Classificação: Meio Vampiro / Meio Fae

Título: O Cavaleiro Branco

Descrição física: um metro e oitenta de altura, cabelos claros, músculos puros, cicatriz no rosto, um olho azul e um olho verde (heterocromia)

Nível: 1000 (sério, ele é muito forte)

Possivelmente envenenou meu tio.

Definitivamente sequestrou Elias.

Procurado por ser um filho da puta do mal.

Bastardo, é melhor estar pronto. Porque eu estou indo buscá-lo.



23

Senhor Invisível

Para ser honesta...

Estou com medo.

De perder para o cavaleiro.

De nunca limpar meu nome.

De nunca salvar Sly.

E você, passarinho.

Estou com medo que você não acredite na minha história. Tenho medo de que você leia essas palavras e as considere uma mentira, uma manobra elaborada para me fazer parecer a heroína. Estou preocupada que você me chame de ladra, falsa, um fracasso.

Mas eu não sou nenhuma dessas coisas.

Eu sou forte.

Eu sou inteligente.

Eu sou eu.

Iris, a Primeira Caçadora.

E a história que se segue é a mais verdadeira possível.

***

Elias está preso em uma gaiola de gelo, como se tivesse sido atingido por uma onda e a água congelado com ele nela. Apenas a cabeça dele está livre. Talvez para que ele pudesse respirar. Ou talvez para que ele pudesse falar. Seus olhos estão fechados, os cílios congelados, e ele não parece me notar.

O cavaleiro se aproxima dele e dá uma longa fungada. — Finalmente — diz ele, sua voz estridente. — Seu sangue voltou ao que era antes. Está na hora. — Ele acena com a mão e a prisão de gelo derrete, deixando Elias de cara no chão.

E então eu vejo as costas dele.

Os cortes profundos lá.

O cavaleiro o torturou.

O Príncipe das Trevas não tenta resistir. Seus olhos se abrem lentamente.

E encontra os meus.

Eu pisco.

O menor sinal de sorriso aparece em seu rosto e ele olha para o cavaleiro. — Sabe, ainda não tenho certeza de que somos gêmeos. Quero dizer, sou muito mais bonito que você. E você não tem meu charme inteiramente...

— Silêncio! — grita o cavaleiro, dando um tapa no rosto de seu irmão.

Elias ri, cuspindo sangue na neve. — Viu? Meu ponto, exatamente. Sem charme.

Ele está distraindo-o. Me dando uma chance de atacar.

Bem, aqui vai. Fecho os olhos e respiro fundo, concentrando minha mente. Eu pego o Arco do Crepúsculo e miro, minhas mãos firmes. Esta é a minha única chance. Minha única vantagem sobre ele. Eu não posso errar. Eu devo perfurar sua armadura. Eu devo terminar com ele em um único tiro. Eu conto até três.

Um...

Eu viso o coração dele.

Dois...

Eu prendo a respiração.

Três...

Eu atiro.

O cavaleiro gira no último momento, e minha flecha o acerta no ombro. Ele ruge, agarrando sua ferida, seus olhos me encontrando. — Caçadora!

— Desculpe, só que não — eu grito, atirando novamente.

Ele desembainha a Espada do Luar, cortando minhas flechas de luz. — Você é uma tola por me encarar de novo.

Uma tempestade de neve começa ao nosso redor. Soldados de gelo cristalizam diante de mim, protegendo o cavaleiro. Atiro nas criaturas, quebrando-as com minhas flechas. Mas para cada uma que eu destruo, mais duas aparecem em seu lugar.

O cavaleiro ri, agarrando Elias pela gola e arrastando-o pela neve. Arrastando-o em direção à Árvore Morta.

Atiro em Arias, esperando desacelerá-lo.

Mas um de seus soldados salta no caminho, absorvendo o golpe e se despedaçando em mil pedaços. Merda. Eu preciso de um novo plano. Talvez...

Uma espada de gelo corta em direção ao meu braço.

Eu me esquivo, puxando minha adaga e cortando meu atacante. Mais dois soldados atacam ao meu lado. Eu pulo para trás, e eles se chocam, explodindo em pedaços de gelo.

Pense, Iris. Pense. Eu estou correndo contra o tempo.

O cavaleiro puxa Elias para a base da árvore. Ele coloca a mão dele na impressão.

O Príncipe das Trevas grita, seu sangue escorrendo para a casca cinzenta, cobrindo-a com padrões de vermelho.

Arias olha para o rosto dolorido do irmão e, por um momento, vejo-o fazer uma pausa. — Vai acabar logo — diz ele sombriamente. — Então você pode finalmente descansar.

Um raio pisca no céu.

Trovões à distância.

A Árvore Morta pulsa, batendo como um coração. As raízes começam a tecer e deslizar. Eles se afastam do centro da árvore, abrindo e, por dentro, vejo uma luz vermelha.

— E assim começa o seu reinado — diz o cavaleiro. O primeiro vampiro. O Senhor invisível. Voltou.

A abertura cresce, a árvore se abre e se despedaça.

Elias desmaia. Ele está morrendo. Quase completamente desprovido de sangue.

Eu preciso parar isso. Eu preciso me libertar.

Mas os soldados são demais. Encontram-me às dezenas, obscurecendo minha visão, empurrando meus reflexos ao limite. Um me corta na perna. O outro no braço. Eu rosno, minha adaga se estendendo para uma lâmina escura como a noite, cortando três criaturas ao mesmo tempo. Mais dez avançam sobre mim. Eu passo por eles. Mais vinte. Eu os esmago. Mais trinta. Eu quebro todos eles. E, no entanto, eles não param. Eles continuam vindo. Eles não vão me matar. Mas eles vão me manter afastada. Tempo suficiente para Elias morrer. Tempo suficiente para o Senhor Invisível se libertar.

E esse, eu percebo, é o problema.

— Ei, cavaleiro! — Eu grito, minha espada se tornando uma adaga mais uma vez. — Adivinha?

— O quê? — ele geme, afastando-se de sua preciosa árvore.

— Você não pode vencer!

— Sério? — Ele ri. — Por quê?

— Porque…

Eu levanto minha adaga.

E me apunhalo no coração.

— Porque eu sou a Primeira Caçadora, vadia! — Eu grito do céu, meu novo corpo mergulhando direto em direção ao Cavaleiro Branco.

Antes que ele possa sequer olhar para cima, eu dirijo minha adaga em seu pescoço, caindo em cima dele. Ele solta Elias, e a mão do príncipe se afasta da árvore, parando de alimentá-la com sangue. As criaturas do gelo se despedaçam, e não sobem mais em seu lugar.

Pego a Espada do Luar do cavaleiro, apontando-a para sua garganta.

— Não — murmura Arias, sua voz quase rouca. Ele puxa a adaga do pescoço, manchando a neve de vermelho. Ele tenta alcançar seu irmão mais uma vez.

Eu piso nos dedos dele.

Eles quebram.

O Cavaleiro Branco grita.

E pela primeira vez, vejo medo em seus olhos.

— Por favor — ele sussurra. — Por favor. Eu devo terminar o ritual.

Coloco a Espada do Luar no meu cinto e puxo o Arco do Crepúsculo das minhas costas, mirando no centro da árvore. Eu conto até três.

Um…

Eu viso o coração.

Dois…

Eu prendo a respiração.

Três…

Eu atiro.

E a flecha de luz atravessa a árvore, incendiando a casca, um grito não natural ecoando pela noite.

— Não — assobia o cavaleiro, rastejando para frente. Ele coloca a mão na runa, deixando seu próprio sangue fluir pelas raízes.

Corro para puxá-lo para longe, mas o fogo chicoteia para baixo, colocando sua mão em chamas. Espalha em seu braço, consumindo seu corpo.

Envolvo minhas mãos na minha capa, estendendo a mão para ele, mas algo se levanta e um galho flamejante cai em nossa direção. Eu pulo para trás, agarrando Elias e rolando para fora do caminho, enquanto o tronco cai entre nós e o cavaleiro. O incêndio se transforma em um inferno, e as brasas enchem o céu. Eu mal posso ver Arias além das chamas. Mas eu posso ouvir seus gritos.

Elias se mexe nos meus braços. — É tarde demais para ele — ele sussurra. — É tarde demais… para o meu irmão.

Ele para, seu corpo flácido. Olho para o belo príncipe e me assusto com sua palidez mortal quando percebo que é quase tarde demais para ele também. O pensamento acelera meu coração, e não há hesitação quando eu abro meu braço e o seguro sobre sua boca. Ele não luta comigo desta vez. Ele está muito longe.

Na verdade, ele não se move.

— Maldito seja, bastardo. Beba. Não morra comigo agora.

Os segundos passam.

A árvore continua a queimar.

Meu sangue flui por seus lábios, por seu queixo, pingando em sua boca, mas ele ainda fica sem vida.

Lágrimas queimam meus olhos, enquanto eu quero que ele beba. Alimente-se. Viva.

Depois do que parece uma eternidade, algo pisca em seu rosto. Seus dentes se alongam e afundam na minha carne. Mãos me alcançam, segurando meu braço contra sua boca.

Ele bebe.

Ele se alimenta.

Ele vive.

Eu me afasto antes que ele possa drenar muito de mim. Ele ainda está fraco. Ainda perto do limite. Mas ele vai viver.

Eu o levanto em meus braços e me afasto da árvore em chamas, carregando Elias descendo a colina.

Pego a chave de ferro em volta do meu pescoço. E quando abro o portão de volta para casa, o sol começa a nascer.



24

Tentativas

Exoneração de responsabilidade: O cavaleiro e eu podemos ou não ter tido uma conversa fodona logo antes de eu esfaqueá-lo no pescoço. Quero dizer, eu estava lutando com uma centena de criaturas de gelo. Não tive tempo de conversar. Mas eu disse essas coisas em minha mente. Então isso conta, certo?

Então, o que vem depois?

E transformo o Príncipe das Trevas?

Eu o liberto?

Bem, se você leu os registros públicos do meu julgamento, você já está a par das partes importantes.

Devolvi a Espada do Luar ao Conselho de Caçadores e me entreguei às autoridades.

Fui acusada de roubo, assalto (por Thalius, especificamente) e escapar da masmorra do Lótus Preto. (O que nunca havia acontecido antes, havia uma certa confusão sobre qual deveria ser o castigo).

Aya, a Princesa do Sonho, testemunhou em meu nome. Ela disse que testemunhou o Cavaleiro Branco empunhando a Espada do Luar e lutando com a Primeira Caçadora (sou eu) com seus próprios olhos. Thalius a chamou de mentirosa, é claro, e contou sua própria versão dos eventos. Em sua história, envenenei meu próprio tio, liberei uma toxina no ar paralisante dentro do Lótus Preto e, em algum momento, perdi para ele em um duelo épico apenas para escapar de alguma forma. Como ele não tinha nenhuma evidência ou testemunha (excluindo-se), suas acusações foram rapidamente descartadas. Sem mencionar, o próprio Sly testemunhou que eu não era a envenenadora. Nem Elias, meu cúmplice. Então quem foi?

Bem, o conselho atribuiu a culpa ao Cavaleiro Branco. Mas, pessoalmente, eu suspeito de Thalius. Ele odeia Sly e eu. Tem aspirações além de sua posição. Além disso, ele apenas parece culpado, sabe? Quero vomitar toda vez que vejo seu rosto. Eu tenho alguma prova? Ainda não. Mas eu vou ter um dia.

No final, todos, exceto Thalius, votaram a meu favor, e o conselho me declarou inocente de todas as acusações. Yay!

Sly também foi libertado e restaurado em seu devido lugar como Imperador do Lótus Preto (um título que ele totalmente inventou, mas quando você é tão velho e tão poderoso quanto ele, você faz coisas assim). Perguntei-lhe mais sobre minha herança, mas ele firmemente manteve sua história original.

Eu gostaria de dizer que nosso sistema de justiça é incrível, mas se eu não tivesse recuperado a espada, tenho certeza de que estaria em uma cela agora. Ainda há corrupção para eliminar. Membros do Conselho para substituir. Mudanças a serem feitas. Mistérios para desvendar sobre o Lix Tetrax e os Iluminados. Mas muitos desses problemas terão que esperar até que eu seja guardiã, e isso ainda está muito longe.

Após o julgamento, Aya retornou a Inferna, determinada a encontrar seus pais e restaurar a ordem em seu reino. Ela se ofereceu para me levar com ela, mas eu sou mais adequada para caçar criminosos do que decifrar a política. Ainda assim, às vezes ouço um boato sobre o rei e a rainha, e sempre envio a dica para ela.

Infelizmente…

Callie nunca voltou. Sly se preocupa que o Cavaleiro Branco a tenha atingido, mas ela é esperta demais para isso. Pessoalmente, gosto de imaginar que

ela está em uma praia em algum lugar, bebendo champanhe de mil dólares enquanto uma dúzia de homens e mulheres atendem a todos os seus caprichos. Eu a encontrarei um dia, suspeito, mas apenas quando ela quiser ser encontrada.

Do Silêncio, nunca ouvi outra palavra. Provavelmente porque vencemos.

E quanto a Elias...

Bem, você já sabe o que eu disse ao conselho. — Tentei prendê-lo, mas fiquei muito machucada depois da minha luta com o cavaleiro, e ele foi rápido demais e escapou pela vigésima terceira vez. Eu juro totalmente que ele escapou.

Mas quanto ao que realmente aconteceu.

Isso é só entre você e eu, passarinho.

2 meses depois

Não é assim que parece. Eu juro. Veja bem, embora eu esteja jogando um jogo altamente ilegal de dados e ossos, e sim, embora possa estar perdendo uma quantia insondável de dinheiro, estou no controle total. Dominação absoluta. Você entendeu a imagem. Todas as crianças e almas sensíveis podem ler.

Mas espere, Iris, você pode estar dizendo. E aquelas três crones, Iris?

Que gentileza sua estar preocupada.

Mas aquelas lindas bruxas embaralhando as cartas e jogando os dados não são problema. Há Al'Kallach, a Devoradora. Ma'Ga'Ta, a Verdadeira. E Jane... hum, bem, na verdade há muito a dizer sobre Jane, para ser honesta. Mas talvez o mais importante seja que ela finalmente perdoou sua mãe.

Elas se autodenominam as Três Irmãs, porque, enquanto prestavam serviço comunitário e estavam em reabilitação, a mágoa finalmente passou. Agora eu sei o que você está pensando. Iris, onde você descobriu tudo isso? Você não fica com esse tipo de multidão, mas está errada. Eu fico. Porque Elias estava certo. Há beleza em todas as coisas. Até em criminosos semi-reformados. E estamos conversando nas últimas três horas.

— Desculpe novamente por toda a coisa de cozinhar e comer você, Iris — diz Al'Kallach, distribuindo as cartas. — Estávamos passando por um momento difícil, mas isso não é desculpa. O que fizemos foi diabólico.

— Absolutamente horrível — acrescenta Ma'Ga'Ta.

— E delicioso, quero dizer terrível — finaliza Jane.

Concordo com a cabeça sabiamente, olhando cada uma nos olhos, uma por uma, sobre a minha mão de cartas. — Eu perdoo vocês. Mas sabem... se vocês realmente quiserem me compensar, podem começar a perder uma ou duas rodadas.

Elas trocam olhares. — Não — elas dizem em uníssono, começando a rodada com um rolo.

— Então, senhoras — eu digo, inclinando-me para a frente. — Estou procurando por esse cara, recentemente de volta ao jogo, se você entende meu significado.

Jane se vira, corando. — Eu não vi nenhum cara.

— Agora, Jane — eu digo baixinho. — Lembre-se do lema.

As crones se viram e recitam em uníssono. — Justiça antes do crime. Bem antes do mal. Três irmãs para sempre.

— Talvez devêssemos começar um time de super-heróis — reflete Al'Kallach.

— Ou uma banda — sugere Ma'Ga'Ta.

— Todas boas ideias — digo, — mas sobre esse sujeito. Ele está na lista, damas. Vocês simplesmente não querem esse tipo de drama em sua vida, estou certo?

— Viva, viva — diz Al'Kallach, e todos nós batemos nossas taças de champanhe juntas.

— Então, Jane? — Eu pergunto. — O que vai ser?

Ela sorri timidamente. — Oh, tudo bem. — Ele está lá em cima. Ela acrescenta presunçosamente. — No meu novo quarto. Quinta porta à esquerda.

Bingo.

Jogo minhas cartas na mesa. Quatro caveiras e uma rosa.

As crones não podem acreditar. — O quê? — elas murmuram.

— Tudo sobre paciência, senhoras — eu digo, puxando o pote de batatas em minha direção. — Venha para a mamãe.

As Três Irmãs ainda estão coçando a cabeça quando eu as deixo à mesa e subo as escadas pela caverna. Então andando... andando... ah, chego ao corredor redecorado. Uma foto de Buffy ao lado de uma pintura de Drácula? Agradável. Enfim, estou sozinha aqui. Nem Theo me acompanhou nessa missão em particular. A porta está bem na minha frente.

Eu só tenho que estender a mão e girar a maçaneta. Mas minhas mãos estão suadas. Meu coração está batendo rápido.

Então...

— Nos encontramos novamente, caçadora! — ruge Imenath atrás de mim. Armadura prateada cobre todo o seu corpo. Chifres brotam de seu capacete.

— Ei, amigo — eu digo, virando e puxando meus punhais de confiança. — Pronto para continuar a batalha épica? O conflito sem fim?

Ele suspira, abaixando sua maça gigante. — Estou cansado. Eu sei que você procura outro.

— Na verdade... — eu digo, dando um passo à frente. — Estou aqui por você, amigo.

Os olhos dele brilham. — Você fala sério?

Pego minha capa e tiro meu distintivo novo e brilhante. — Pela minha autoridade como Primeiro Observador, você está preso.

Está certo, passarinho. Você ouviu direito.

Sua garota, Iris, recebeu uma promoção. Aya puxou algumas cordas depois de eu salvar seu irmão e, com meu histórico de primeira linha, o conselho finalmente não teve escolha. É claro que comecei como observador mil e cinquenta e sete ou algo assim, mas depois de algumas missões, levando em consideração meus sucessos anteriores e aplicando os algoritmos adequados, rapidamente cheguei ao número um.

— Você esteve ocupado nesses últimos meses, roubando todo esse chocolate — eu digo, guardando o distintivo. — Número dois na lista, a propósito.

Ele sorri, os olhos lacrimejando. — Número dois? Você quer dizer…

— É um novo recorde, amigo. Parabéns.

Ele assente, enxugando as lágrimas e levantando a maça. — Então... Imenath, o Terrível, o número dois na lista de mais procurados, destruirá a observadora insignificante.

Ele balança sua maça gigante com todas as suas forças na minha cabeça. Para alguns, como o próprio Imenath, talvez esse fosse um golpe feroz e rápido. Mas para mim, bem, ele se move em um ritmo moderado. O que posso dizer?

Eu sou a Primeira Observadora, vadia.

Eu dou um soco na cara dele, e ele voa pelo ar, colidindo com uma janela no corredor, caindo, sua voz ecoando no vento. — Eu voltarei…

Eu provavelmente deveria segui-lo. Levá-lo sob custódia e tudo isso…

Mas eu tenho um assunto inacabado.

Eu não menti para Imenath. Estou aqui por ele.

Mas também estou aqui por outra pessoa.

Respiro fundo e abro a porta.

E lá está ele.

Elias Vane Spero, Príncipe de Inferna.

Vestido com um colete preto com botões prateados e calças de couro que abraçam seus bens. Não que eu note essas coisas. Claro que não, passarinho.

Seus olhos encontram os meus.

E ele sorri.

— Eu me preocupei que você não estivesse aqui — eu digo baixinho.

Ele ri. — E perder o nosso primeiro encontro? Nunca. — Ele levanta o fósforo brilhante na mão e termina de acender uma variedade de velas perfumadas pela sala. Com o humor definido, ele aponta para uma mesa posta para dois, completa com uma grande variedade de queijos, carnes e sobremesas. — Espero que você goste de cozinhar — diz ele, sentando na minha frente.

Eu olho para o homem diante de mim. Pela bondade de seu rosto. A brincadeira em seus olhos. Estar tão perto dele novamente é sentir-se viva de uma maneira que não consigo descrever. Sentir que nada mais importa além deste momento. — Elias, eu...

— Deixe-me parar por aí — diz ele, levantando a mão. — Antes de você dizer o que eu sei que você está prestes a dizer, saiba o seguinte: Vir aqui não foi um erro. Me deixar ir dois meses atrás não foi um erro. O que temos entre nós, seja o que for que isso possa ser, não é um erro. Mas... — Ele estende os pulsos. — Se você mudou de ideia, se você me deseja preso, eu irei com você sem lutar. E isso também não será um erro. Porque eu confio em você, Iris. Eu sei que você fará o que é certo. Melhor do que eu jamais pude.

Suas palavras fazem meu coração palpitar. Mas... — Na verdade, eu só iria pedir para você passar o sal.

Ele pisca. — Oh, nesse caso. Aqui está. Mas eu quis dizer o que disse, Iris. Eu confio em você completamente. Não espero que você faça o mesmo comigo. Na verdade, isso seria tolice. Mas espero que um dia você consiga.

— Eu espero que sim — eu digo, sorrindo enquanto dou uma mordida no queijo. Percebo a cama de peles ao lado da lareira. — Um pouco presunçoso para um primeiro encontro, não é? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Eu gosto de estar preparado. — Com uma piscadela, ele pega uma garrafa de champanhe de um balde. — Quer tomar uma bebida?

— Na verdade — eu digo, me afastando da mesa. — Se você não se importa, eu gostaria de pular no chuveiro por um segundo. A jornada aqui me deixou um pouco empoeirada.

— Eu não me importo, amor — diz ele casualmente, abrindo a garrafa com facilidade.

— Enche um pra mim enquanto você espera — digo enquanto desfilo. Bem, eu tento desfilar. Nunca entendi bem a técnica.

Encontro o banheiro, tiro minha roupa de couro e coloco minhas armas. (Incluindo o Arco do Crepúsculo, que eu mantive totalmente em segredo). Um vestido vermelho cai da minha capa. O que eu peguei mais tarde. Eu o penduro em um gancho e entro no chuveiro, me deleitando com o calor da água que escorre pelo meu corpo. Apesar de tudo, não posso deixar de pensar na última noite em que Elias e eu nos vimos.

Eu o carreguei pelo portal, levando-o para o meu antigo quarto no Lótus Preto. Não era o lugar mais seguro para nós no momento. Mas ei, eu só tinha duas opções. O Vale do Silêncio, onde eu acabara de ver Thalius, ou o hotel, onde conhecia todas as passagens secretas. Então era o Lotus.

Deitei Elias no meu sofá vermelho, apoiei a cabeça dele com um travesseiro e limpei o excesso de sangue da sua boca. Ele estava tão fraco, quase inconsciente, apesar de ter acabado de se alimentar de mim, mas estava vivo. Lembro de sentar ao seu lado, segurando sua mão, apenas curtindo sua companhia enquanto os minutos passavam.

E então eles vieram.

Observadores batendo na porta.

Eu sabia que tinha que fazer uma escolha.

E então peguei um espelho da minha cômoda e o coloquei na palma fraca de Elias. E eu me inclinei e sussurrei em seu ouvido. Eram palavras destinadas apenas a ele. Palavras que não repetirei, mesmo aqui. Ainda não, pelo menos.

Ele olhou profundamente nos meus olhos, acariciando gentilmente meu rosto com a mão. — Iris… — ele disse suavemente.

E então eu pressionei meus lábios nos dele.

Provando-o.

Sentindo-o.

Os lábios dele estavam frios. Sua respiração doce.

Por um momento, nossos corpos se fundem. Nossa paixão toda consumindo. Ele cheirava a pinho e terra. Ele parecia como casa.

E então estava na hora...

Eu me afastei. Elias e eu compartilhamos um sorriso final. E ele desapareceu no espelho.

Abri a porta para os observadores, e bem... você sabe como foi o resto.

Não demorou muito para que as Três Irmãs me telefonassem com um pedido de desculpas. Algo sobre sete etapas para aceitação. De qualquer forma, elas queriam pedir desculpas pessoalmente e, por isso, nos encontramos durante um jantar (que não incluía carne humana desta vez, garanto). Que logo se transformou em um jogo de dados e ossos. O que logo se transformou em uma ocorrência semanal. Embora elas ainda se desculpem o tempo todo. Não foi até a nossa segunda reunião, quando elas me entregaram o bilhete.

Encontre-me aqui, dentro de duas semanas – E

Lutei com a decisão por dias, mas no final, simplesmente pensei: O que Callie faria?

E então eu estou aqui. Tomando banho e prestes a vestir um vestido vermelho sexy. Em um encontro com um criminoso. Quem teria pensado? Eu ainda não trouxe saltos, entretanto. Quero dizer, não é como se eu fosse uma pessoa completamente diferente. Eu...

O chuveiro fica frio.

Uau. Eles realmente precisam de um aquecedor de água melhor. Como...

Um calafrio percorre minha pele.

Gelo se acumula no meu cabelo.

Não. Não pode ser.

Ele virá na noite
Em armadura branca
Montando um cavalo de neve

Eu pulo para fora do chuveiro, pegando meu arco.

Três sinais existem
Isso significa que ele não está longe
Exército prateado a tiracolo

Eu corro nua de volta para a sala de estar. De volta para onde eu deixei Elias.

Primeiro vem a geada
Segundo a chama
Terceiro são as vozes
daqueles que ele matou

Eu pulo na caverna, mirando uma flecha de luz. Mas estou atrasada.

As velas piscam prateadas. O Cavaleiro Branco está sobre a mesa, segurando uma espada prateada na garganta de Elias.

Minha garganta pega. — Como? Eu vi você morrer.

Arias ri profundamente, olhando para mim com seus olhos esmeralda e safira. Armadura branca cobre seu corpo. Mas seu rosto, ele mantém visível. — Você não é a única que pode escapar da morte, caçadora — diz ele, pressionando a lâmina na pele de seu irmão até que sai sangue. — Levei meses para me recuperar. Mas me recuperei.

— Pare! — Eu grito.

— Não se preocupe comigo, amor — diz Elias. — Atire no maldito bastardo. A propósito, não foi assim que imaginei vê-la nu pela primeira vez, mas você parece maravilhosa. Definitivamente vale a pena esperar.

— Atire e ele morre — rosna o cavaleiro. — Ao contrário de nós, ele não voltará.

Eu hesito.

E isso é tudo que o cavaleiro precisa.

Ele joga o príncipe em mim.

Mal afasto meu arco a tempo, a flecha quase perfura o peito de Elias e caímos juntos no chão. Antes que eu possa voltar, o cavaleiro agarra meus braços. Algemas de aço em volta do meu pulso. Algemas de Trimantium gravados com runas. As mesmas que Sly usava nas masmorras.

— Se mate dessa vez — assobia Arias. — E sua magia não vai te salvar.

— Deixe-a ir — grita Elias, levantando. Ele corre para mim, mas uma onda de água corre atrás dele, prendendo-o em uma prisão de gelo. A água do meu banho, eu percebo. De alguma forma, o cavaleiro pode controlá-la.

— Por que você está fazendo isso? — Eu pergunto. — O Senhor invisível está morto. Sua missão acabou.

Ele me vira, então estamos cara a cara mais uma vez. — Quando você me deixou queimando perto da grande árvore, vi profundamente dentro das raízes. Eu vi a verdade. E agora, eu sei o que devo fazer.

— Você quer se vingar de mim? — Eu falo. — Bem. Leve-me. Mas deixe Elias. Você não precisa mais do sangue dele.

— Não — diz o cavaleiro, olhando para o irmão. — Suponho que não. — Então ele levanta sua espada prateada.

E corta o pescoço do príncipe.

Eu grito.

Algo me bate na cabeça.

E eu caio na escuridão.



25

Silêncio

Acorde.

Acorde.

Acorde.

Acordo de noite, olhando para uma trilha de neve. Meus lábios estão frios e rachados. Minha garganta está seca e dolorida. Meus membros estão doloridos, balançando no ar, e eu percebo que estou na parte de trás de um cavalo, jogada sobre a sela como um saco de carne.

Eu tento examinar o meu entorno, mas meu pescoço está rígido e meu corpo amarrado. Eu posso ver uma floresta, no entanto. Árvores cinzentas até onde os olhos podem ver. E neve por toda parte.

Minhas roupas são...

Bem, eu estou vestindo roupas, por exemplo. Não são minhas. Mas peles negras e uma capa escura.

Alguém me vestiu.

E que alguém deve ser o cavaleiro.

Ele se senta no corcel branco ao meu lado, sua armadura brilhando ao luar.

Eu deveria saber que ele voltaria, diz Silêncio. *Eu deveria ter avisado você.*

— Você está de volta — eu sussurro, espero que tão baixo que o cavaleiro não ouça. — Onde você estava?

Eu pensei que nossa batalha estava quase no fim. Eu estava errado. O cavaleiro não pode ser morto por meios normais. Mas você o derrotará. Vamos encontrar uma maneira. Nós vamos...

— Ele matou Elias — eu estalo, minha voz fria.

Sim, diz Silêncio. E pela primeira vez, a voz profunda parece triste. *Ele matou. Mas ele fará muito pior se você não o impedir. Se você não lutar.*

Eu não quero lutar. Eu só quero descansar. E dormir. E...

Acorde.

Meus olhos se abrem.

Seu corpo está se desligando pelo frio. Você deve dizer ao cavaleiro.

— Por que ele se importaria? — Eu murmuro.

Ele precisa de você viva. Vou explicar mais tarde. Uma vez que estivermos cara a cara.

— Cara a cara?

Sim. Você está perto de mim agora. Nos encontraremos em breve.

— E depois?

Então... então eu vou explicar tudo.

Aperto minha mandíbula, pressionando inutilmente minhas algemas. Se eu morrer com isso, eu morro de verdade. Sem renovação. Uma parte de mim saúda o fim. Cair do cavalo em um ângulo que quebraria meu pescoço. Para finalmente descansar. Ver Elias novamente, se essas coisas são possíveis. Mas outra parte... a parte mais alta... uiva por vingança. Haverá tempo para lamentar o que quase foi. Primeiro, o assassino de Elias deve pagar.

— Ei, cavaleiro — eu sussurro. — Cavaleiro!

Ele olha por cima do ombro, olhando para mim com seus olhos verdes e azuis, seus cabelos claros flutuando ao vento. — O que você quer, caçadora?

— Muito frio — eu digo, tão entorpecida que nem estou tremendo. — Muito frio...

— Você estará quente em breve — ele resmunga. Mas vejo uma hesitação em seus olhos. Ele levanta a mão, sussurrando palavras dos antigos Fae, e o calor se espalha pelas minhas veias.

— Você... — Eu começo, minha voz mais alta do que antes: — Você aqueceu meu sangue?

Ele resmunga, sem dizer nada.

Movo meus dedos, apertando e soltando meus punhos. — Eu vou te matar, sabe.

— Você já matou uma vez — ele cospe.

Então o luar desaparece, e percebo que estamos entrando em uma caverna. Cavalgamos nas profundezas da terra, até tochas de chamas prateadas começarem a aparecer nas paredes. Finalmente, paramos e o Cavaleiro Branco desmonta. Ele desata as cordas que me prendem ao cavalo e me arrasta do cavalo.

Quando caio na terra – meu corpo é tão útil quanto um pano de prato mole – ele me puxa pelas algemas e me leva até uma parede, enrolando correntes em volta das minhas algemas, me prendendo no lugar.

— Se você tentar correr, haverá dor — diz ele claramente, e depois sai, desaparecendo nas sombras com seu cavalo. A luz diminui com a partida deles, e eu percebo que ele deve ter o Arco do Crepúsculo em seus alforjes. Por que não teria?

O feitiço que ele lançou continua a funcionar, me aquecendo por dentro enquanto meus olhos se ajustam à escuridão. Estou em uma caverna, isso está claro. O teto é muito alto, tão alto que não consigo distinguir nas sombras. Estou acorrentada a uma parede de pedra. Não muito diferente das masmorras do Lótus Preto, para ser sincera. Mais espaçoso, na verdade. Então, como eu escapo?

— Alguma ideia, Silêncio? — Eu pergunto.

— Sim — vem uma voz.

Mas não está na minha mente.

Está bem na minha frente.

Algo chacoalha no escuro, e uma figura se arrasta para a frente na terra, correntes caindo de suas mãos algemadas. Seus membros são finos e secos. Sua pele está atormentada por feridas. Um vestido que antes era branco, mas agora está cinza sujo, cobre seu pequeno corpo. E uma mecha de cabelo preto selvagem esconde seu rosto.

— Silêncio? — Eu pergunto, franzindo a testa.

— Sim — ela sussurra, sua voz suave e delicada, tão diferente da que ouvi em minha mente. — Eu sou Silêncio. Mas você também pode me conhecer por outro nome.

Ela levanta os ombros, afastando os cabelos pretos, olhando para mim com olhos esmeralda.

Esse rosto…

Eu já vi isso antes. Nos meus livros. Nos meus estudos com Sly.

Ela parece ter a minha idade e, no entanto, eu sei que ela não tem.

— Você é… — Minha garganta pega. — Você é Arianna Spero. A Rainha. A Estrela da Meia-noite.

Os lábios dela se curvam em um sorriso. — É um prazer finalmente conhecê-la pessoalmente, Iris.

— Você esteve aqui esse tempo todo — eu digo, percebendo.

Ela assente. — Quando soube que meu filho havia sobrevivido, o procurei. Eu não sabia que ele já havia se tornado o cavaleiro. Eu não sabia que quando o encontrasse, ele me tornaria prisioneira. Eu não sabia que ele procurava despertar o Primeiro Vampiro. — Ela faz uma pausa. — Mas eu fiz o que pude para detê-lo. Enviei minha marca para ajudá-la. Para guiá-la. Eu gostaria de poder ter lhe contado mais, mas como eu disse, nosso elo não era seguro. Eu tive que manter certas verdades escondidas de você. Certas verdades que eu mesma só comecei a entender.

Eu rastejo para a frente, na medida do possível, para me sentar em frente a ela. — Mas porque eu?

— Você é uma das poucas que pode parar meu filho — diz a rainha. — Talvez a única. Suspeitei da sua importância desde o início, mas você é muito mais poderosa do que eu imaginava. Mesmo Arias não entendeu completamente o que você é. Não a princípio.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto, meu peito batendo. — O que eu sou?

Ela abaixa a cabeça, seus olhos verdes se enchendo de lágrimas. — Sinto muito, Iris. Sinto muito pelo que está por vir.

— Conte tudo — eu estalo. — Conte por que o cavaleiro me quer viva.

— Você não entende? Você é quem ele está procurando.

— O quê? — Meu sangue corre frio. Minhas mãos tremem. — O que você quer dizer...

— A história? A lenda? Estava errada. — Sua voz é suave, como se estivesse falando com uma criança assustada. — Não foi o pai deles que os dois irmãos amaldiçoaram, mas outro. Pois o pai deles teve um terceiro filho. Uma filha. E para ela ele prometeu tudo o que possuía.

Não...

— Os irmãos, temendo perder tudo o que procuravam herdar, amaldiçoaram a irmãzinha e a trancaram para sempre. Até que alguém a encontrou. Alguém a libertou.

Nao...

— Eles a deixaram no Lótus Preto.

Não...

— Agora você entende, caçadora... Você é o Primeiro Vampiro. Você é o Senhor Invisível.



Epílogo

Escrito por Elias Vane Spero

Então, eu estou vivo. Essa é a boa notícia. Minha irmã, Aya, me encontrou antes que fosse tarde demais e me alimentou com seu sangue. Ela está de olho em mim, aparentemente. Que doce.

Agora as más notícias.

— Iris é o Senhor Invisível — diz Aya, enquanto nos sentamos na cabine do capitão de seu navio, o Tubarão Medonho, bebendo taças cheias de sangue. Duke dorme nas minhas pernas. Ele já está mais alto que meus joelhos.

— Isso não faz sentido — eu respondo. — Ela esteve no Sol da Terra. Ela não bebe sangue.

— Você não se lembra da lenda? — ela se encaixa. — Queime-a, eles disseram. Morra de fome eles disseram. E, no entanto, ela não iria morrer. — Minha irmã se levanta, andando de um lado para o outro. — Você não vê? A primeira

maldição deu terrivelmente errado. Não criou um vampiro como nós. Não a enfraqueceu de forma alguma. Isso a deixou mais forte.

Ela bate a mão na mesa. — Se ela se alimentasse de sangue, seria mais poderosa do que você pode imaginar.

Isso não pode ser...

E ainda.

Quando eu me alimentei com o sangue dela, eu soube que ela era diferente.

Eu soube que ela era especial.

— Ela tirou minha maldição — eu sussurro, apertando meu punho. — Quando eu me alimentei dela.

Aya assente. — Sim e não. Eu suspeito que ela não pode remover a maldição. Não inteiramente. Mas ela pode nos tornar mais parecidos com ela. Ela pode entorpecer nosso desejo por sangue, remover nossa fraqueza ao sol. À custa de nossa força, é claro. Pelo menos por enquanto.

Eu olho nos olhos dela. — Como você sabe tudo isso? Como é possível você saber?

Ela suspira, sentando-se e pegando minhas mãos nas suas. — Porque eu aprendi a lenda há muito tempo, querido irmão, e Lix Tetrax vieram para mim como vieram até você. Durante anos, trabalhei para manter o Senhor Invisível trancado, subindo pelas fileiras da Ordem, mas alguém a libertou. Eles a deixaram no Lótus Preto quando bebê, mas ela começou a envelhecer naturalmente. Eu não percebi o que a garota era a princípio. Mas com o passar dos anos, comecei a suspeitar. Foi quando a vi duelar com Arias no lago, com o sol entrando e saindo, que eu percebi o que ela realmente era.

Afasto as mãos dela, levantando. — Faço parte da Ordem, assim como você — digo. — O Senhor Invisível estava preso na Árvore Morta. Eu o vi queimar.

— Você viu? Ou você imaginou que sim? — ela pergunta calmamente.

— Eu... eu não tenho certeza. Eu... — Pensei sentir uma presença, mas talvez fosse apenas a árvore.

— Íris é o Esquecido, o Primeiro Vampiro, o Senhor Invisível — diz Aya. — E agora o Cavaleiro Branco a usará para trazer uma Noite Eterna. Ele a usará para cobrir os nove mundos na escuridão e dar aos vampiros o domínio sobre todas as outras raças.

Eu me afasto dela com uma careta. — Você sabia disso e ainda assim não me disse nada.

Ela suspira. — Você não estava exatamente por perto, querido irmão. Há muito tempo, aceitei que seguimos caminhos diferentes e procurei dar a você a liberdade de viajar pelo seu.

— Mas você me diz agora — eu digo, deixando o veneno escorrer da minha voz. — O que mudou, grande princesa?

Ela se encolhe, seu rosto repentinamente triste. — Você começou a cuidar dela. Eu tinha que te contar.

Balanço a cabeça. — Precisamos encontrar Iris — eu rosno. — Precisamos salvá-la.

Duke sente meu humor e fica de pé, arreganhando os dentes, pronto para lutar ao meu comando.

— Você não entende? — Pergunta Aya suavemente. — Ela é o Senhor Invisível. E uma vez que o cavaleiro libere seus poderes, ela se tornará nosso inimigo. Não apenas nosso inimigo, mas o maior inimigo que os mundos já conheceram.

— Talvez o seu. E talvez do mundo. Mas nunca meu. — Ando em direção à janela com vista para a extensão de água a oeste, o sol se pondo sobre as ondas. E penso em Iris, no que ela faria. — Dum Spiro Spero — eu sussurro. — Enquanto respiro, tenho esperança.

Iris precisa de mim e eu a encontrarei.

Uma batida na porta.

— Esperando alguém? — Eu pergunto.

Aya assente, evitando meus olhos. — Há outro assunto que devemos discutir. — Ela levanta a voz. — Entre. Estamos prontos.

A porta se abre.

E então ele entra na sala.

Um homem com cabelos escuros como a noite e olhos como a lua e o mar. Um homem com a pele pálida como a minha. Ele veste um terno perfeitamente adaptado e as unhas são bem cuidadas. Seu sorriso é tão suave quanto o do diabo.

— Tio Asher? — Eu pergunto, minha curiosidade despertada.

O Príncipe do Orgulho dá um passo à frente, um diário de couro debaixo do braço. — Receio que tenha havido uma complicação — diz ele, ajustando o

colarinho. — Seus pais estão desaparecidos há tanto tempo, ausentes de seus deveres, que uma parte de sua vontade entrou em vigor. Um contrato selado em sangue. Um contrato que deve ser cumprido.

— Nossos pais vivem — eu digo, caminhando até ele.

Ele suspira sombriamente, olhando entre mim e minha irmã. — Seja como for, é hora de honrarmos seus desejos. Está na hora de escolhermos o novo governante de Inferna.